O Mundo na Escola
Como Dinamizar Meios de Comunicação Escolares

Sara Pereira, Daniel Brandão e Joana Fillol (Eds.)

CECS
centro de estudos
de comunicação
e sociedade

Coleção Educação | Ciências Sociais

UMinho Editora

Educação
Ciências Sociais
UMinho Editora

CECS
centro de estudos
de comunicação
e sociedade

EDITORES
Sara Pereira
Daniel Brandão
Joana Fillol

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Manuela Martins
Rosa Cabecinhas

FOTO CAPA (alunos colaboradores do *Comunica*, AE de Freixo, Ponte de Lima, a gravar uma peça para o jornal)
Daniel Brandão

DESIGN
Tiago Rodrigues

REVISÃO e PAGINAÇÃO
Sofia Salgueiro

IMPRESSÃO e ACABAMENTOS Papelmunde

EDIÇÃO UMinho Editora/Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

LOCAL DE EDIÇÃO Braga 2025

ISBN 978-989-9074-75-0

eISBN 978-989-9074-76-7

DOI https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180

Os conteúdos apresentados (textos e imagens) são da exclusiva responsabilidade dos respetivos autores.
© Autores / Universidade do Minho – Esta obra encontra-se sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.

CENTRO DE ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE

O Mundo na Escola
Como Dinamizar Meios de Comunicação Escolares

Esta publicação é produzida no âmbito do Projeto "bYou – Estudo das vivências e expressões de crianças e jovens sobre os media", financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P..com a referência https://doi.org/10.54499/PTDC/COM-OUT/3004/2020.

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do financiamento UID/00736: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

Este livro parte do reconhecimento dos meios de comunicação escolares como espaços privilegiados para dar voz a crianças e jovens e promover a literacia mediática em contexto educativo. Com base num estudo desenvolvido em 12 escolas do ensino básico e secundário, no âmbito do projeto *bYou*, analisa-se o papel destes meios na promoção da participação, da expressão e da aprendizagem crítica sobre os *media* e sobre o mundo. A obra reúne ainda um conjunto de estratégias para fomentar e diversificar a abordagem jornalística nos *media* escolares, bem como diversas propostas e recursos para a sua dinamização. Os *media* escolares são aqui apresentados como laboratórios de cidadania, capazes de contribuir para uma escola mais democrática, inclusiva e preparada para os desafios da era digital.

This book recognises school media as privileged spaces for amplifying the voices of children and young people, while promoting media literacy in educational contexts. Based on a study carried out in 12 primary and secondary schools, within the scope of the *bYou* project, it examines the role of school media in fostering participation, self-expression, and critical engagement with both the media and the wider world. The book also offers a set of strategies to strengthen and diversify journalistic approaches in school media, alongside practical proposals and resources to support their development. School media are presented as laboratories of citizenship, capable of contributing to a more democratic, inclusive school environment that is better equipped to face the challenges of the digital age.

Translation: Anabela Delgado

Agradecimentos

A todos os autores que colaboram neste livro, um bem-haja pela disponibilidade e pelos contributos valiosos que enriquecem a obra e que ajudarão na dinamização de meios de comunicação nas escolas.

Agradecemos às escolas, alunos e professores que tão gentilmente nos receberam entre maio de 2023 e junho de 2024. Os testemunhos recebidos e o trabalho que tivemos oportunidade de observar mostram bem a importância dos *media* escolares para o desenvolvimento pessoal, social e cultural dos alunos.

Um agradecimento também ao projeto *Público na Escola*, em especial às suas coordenadoras, Luísa Gonçalves e Bárbara Simões, pelos contactos que nos facilitaram de escolas e meios de comunicação escolares.

Introdução — Meios de Comunicação Escolares: Um Laboratório de Cidadania, Sara Pereira, Daniel Brandão e Joana Fillol 11

ENQUADRAR O JORNALISMO ESCOLAR NA LITERACIA MEDIÁTICA 14

O Desafio Aliciante de Fazer Jornalismo na Escola, Manuel Pinto 17

Literacia Mediática, uma Urgência das (nas) Escolas, Teresa Calçada 21

PARTE I 26

A Palavra a Quem Produz e Acompanha os Meios de Comunicação Escolares, Sara Pereira, Joana Fillol e Daniel Brandão 29

PARTE II 76

Notícia: Jornalismo em Estado Puro, Joana Fillol 79

Crónica: Quando a Palavra Ganha Asas e Cores e Mundos, Luís Miguel Loureiro 83

Reportagem: Quando o Jornalismo Se Faz à Vida, Luís Miguel Loureiro 87

Texto de Opinião: O que Tu Pensas, Importa!, Público na Escola 93

Recensão Crítica: Treinar o Olhar e Depois Opinar, Carolina Franco 97

Entrevista: A Força do Discurso Direto, Joana Fillol 101

Fotografia: Uma Ferramenta do Jornalismo, Adriano Miranda 105

Jornalismo Multimédia: Imaginação Sem Limites, Maria João Cunha 109

Jornalismo de Dados: Os Números Também Contam Histórias, Rui Barros 113

Infografia: Quando os Desenhos e as Palavras Se Juntam Para Salvar o Mundo (ou Pelo Menos a Tua Compreensão!), Rui Barros e Cátia Mendonça 117

Newsgames: Como Interagir Com a Informação, Cátia Barros 123

PARTE III 128

Código Deontológico do Jornalista: 11 Pontos a Não Perder de Vista, Joana Fillol 131

Práticas de Responsabilização e Transparência dos Media Escolares, João Miranda 135

Dar Voz às Crianças e aos Jovens, Sara Pereira 139

A Escola: "Isto Dá uma Notícia?", Andreia Lobo 143

A Biblioteca Escolar Como Aliada, Margarida Toscano 145

Articulação com o Currículo, Teresa Pombo 149

Escola, Jornalismo e Comunidade, Sandra Marinho 153

Jornal Escolar: Dicas Para Jovens Jornalistas, Luísa Gonçalves 159

Fazer um Programa de Rádio na Escola em Seis Etapas, Iolanda Ferreira 161

Produção de Áudio no Contexto Escolar: Conceitos, Equipamentos e Prática, Ricardo Fialho 165

Podcast: Um Recurso Essencial, Ruben Martins 171

Fazer Televisão na Escola, Cláudia Santos e João Marques Franco 175

A Imagem e as Técnicas de Produção e Edição de Vídeo, Daniel Brandão 179

Ideias Para Fazer Humor nos Media Escolares e Contribuir Para a Literacia Mediática, Luís Pereira 185

É Possível Termos Narrativas Transmediáticas nos Media Escolares?, Pedro Moura 189

NOTA CONCLUSIVA 191

GLOSSÁRIO 193

RECURSOS 199

NOTAS BIOGRÁFICAS 207

Introdução — Meios de Comunicação Escolares: Um Laboratório de Cidadania

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.1

Sara Pereira

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
https://orcid.org/0000-0002-9978-3847
sarapereira@ics.uminho.pt

Daniel Brandão

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
https://orcid.org/0000-0001-6331-0354
danielbrandao@ics.uminho.pt

Joana Fillol

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
https://orcid.org/0000-0002-8577-7809
joanafillol@gmail.com

Os meios de comunicação escolares e o jornalismo escolar têm assumido um papel relevante na promoção da literacia mediática e da literacia para as notícias no contexto das instituições educativas, sobretudo a partir da produção de jornais, mas também de rádios e televisões escolares, e mesmo de blogues, quando estes tiveram o seu ponto alto. Atualmente, embora estes meios se mantenham como tradição em muitos estabelecimentos de ensino, a sua produção tem acompanhado, de algum modo, o próprio percurso da literacia mediática na escola, caracterizado por "sucessivos avanços e recuos" (Brederode Santos & Fonseca, 2009, p. 30).

Considerando os *media* escolares como oportunidades de expressão e de participação dos alunos, no âmbito do projeto *bYou: Estudo das Vivências e Expressões de Crianças e Jovens Sobre os Media*, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/COM-OUT/3004/2020; 2021–2025), desenvolvemos um estudo em 12 escolas do ensino básico e secundário de Portugal Continental e das ilhas da Madeira e dos Açores, para conhecer o trabalho desenvolvido em nove jornais, duas rádios e uma televisão.

Tendo em vista os objetivos do projeto *bYou*, especificamente o de estudar e promover a participação das crianças e dos jovens nos e através dos *media*, pretendeu-se com este trabalho saber como é que estes meios dão a vez e a voz aos alunos, promovendo a sua participação no espaço escolar e na comunidade. Pretendeu-se, ainda, ouvir o que crianças e jovens têm a dizer sobre a sua relação com este tipo específico de *media*: os meios de comunicação escolares. No total, entrevistámos 50 alunos e 20 professores que, de algum modo, participam no processo de elaboração e produção destes meios nas suas escolas. Entrevistámos, ainda, as duas coordenadoras do projeto *Público na Escola*[1]. A seleção dos *media* escolares seguiu um critério de conveniência e atendeu à história de cada um.

Neste trabalho, de base etnográfica, compreendemos como os meios de comunicação são um laboratório vivo de cidadania. Ao participarem na sua produção, os alunos aprendem a ler e a compreender o mundo em que vivem; a procurar informação credível e a analisá-la; despertam para a importância do respeito pelos outros e por opiniões diferentes das suas; começam a compreender a importância do jornalismo e o seu papel para a manutenção da democracia.

Tendo por base o trabalho desenvolvido e a informação recolhida, mas reunindo também contributos de vários profissionais do jornalismo, da educação e da academia, este livro oferece um conjunto de sugestões para implementar e dinamizar, ou melhorar, os meios de comunicação escolares, realçando o seu papel de dar voz aos alunos e de promover a sua participação na escola, na comunidade e no mundo.

O livro organiza-se em três partes complementares e interligadas, que resultam de um percurso de investigação centrado nos meios de comunicação escolares.

A primeira parte apresenta uma reportagem sobre meios de comunicação escolares, permitindo identificar tanto desafios e limitações como fatores de sucesso. Este trabalho tem por base a visita às escolas e a interação com as equipas de alunos e de professores que dinamizam os meios de comunicação, sendo esta uma forma de transmitir as suas experiências, conquistas, inquietações e conselhos. Esta reportagem é complementada por um vídeo[2] em que também se procura mostrar o envolvimento dos alunos no processo de produção e de dinamização dos *media* escolares; as mais-valias e as dificuldades que enfrentam; e ainda as competências que desenvolvem, nomeadamente de literacia mediática.

Estas observações deram origem à segunda parte do livro, onde se propõem estratégias práticas e fichas de apoio pensadas para responder a necessidades concretas detetadas no terreno. São apresentados vários géneros jornalísticos — da notícia à reportagem, passando pelo fotojornalismo e pela infografia — que podem ajudar a diversificar o tipo de narrativas e a tornar mais presente o jornalismo nos *media* escolares. O objetivo desta parte é dar a conhecer, de forma breve e simples, vários géneros jornalísticos, e enriquecer a prática jornalística nas escolas.

---

1 "O PÚBLICO na Escola é um projeto de literacia mediática do jornal PÚBLICO que pretende contribuir para aproximar a comunidade escolar do mundo da informação" (Público, s.d., para. 2).

2 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KiVJ3N1sAoE.

Na terceira parte, são abordados vários tópicos com o intuito de melhor enquadrar a implementação de meios de comunicação nas escolas, de diversificar as práticas, e ainda de dar pistas para quem pretenda começar um trabalho a este nível. O livro encerra com um glossário sobre jornalismo e com uma sugestão de recursos que podem ser úteis neste contexto.

Este livro constitui uma narrativa integrada que alia a prática à reflexão teórica, com o objetivo de apoiar a comunidade escolar no desenvolvimento sustentado deste tipo de projetos.

Dar voz às crianças e aos jovens através dos meios de comunicação escolares não apenas contribui para fortalecer a sua confiança e criatividade, como ajuda também a construir uma cultura escolar mais democrática, participativa e inclusiva. É um exercício valioso de cidadania que pode inspirá-los a tornarem-se comunicadores conscientes e ativos, no presente e no futuro. É também uma forma de abrir a escola à literacia mediática e de permitir aos alunos o desenvolvimento de competências a este nível.

A publicação dirige-se a alunos e a professores de todos os níveis de ensino, podendo também interessar a outros profissionais que trabalhem com crianças e jovens (nomeadamente instituições de cariz social e cultural, organizações não governamentais, etc.) e/ou *media*.

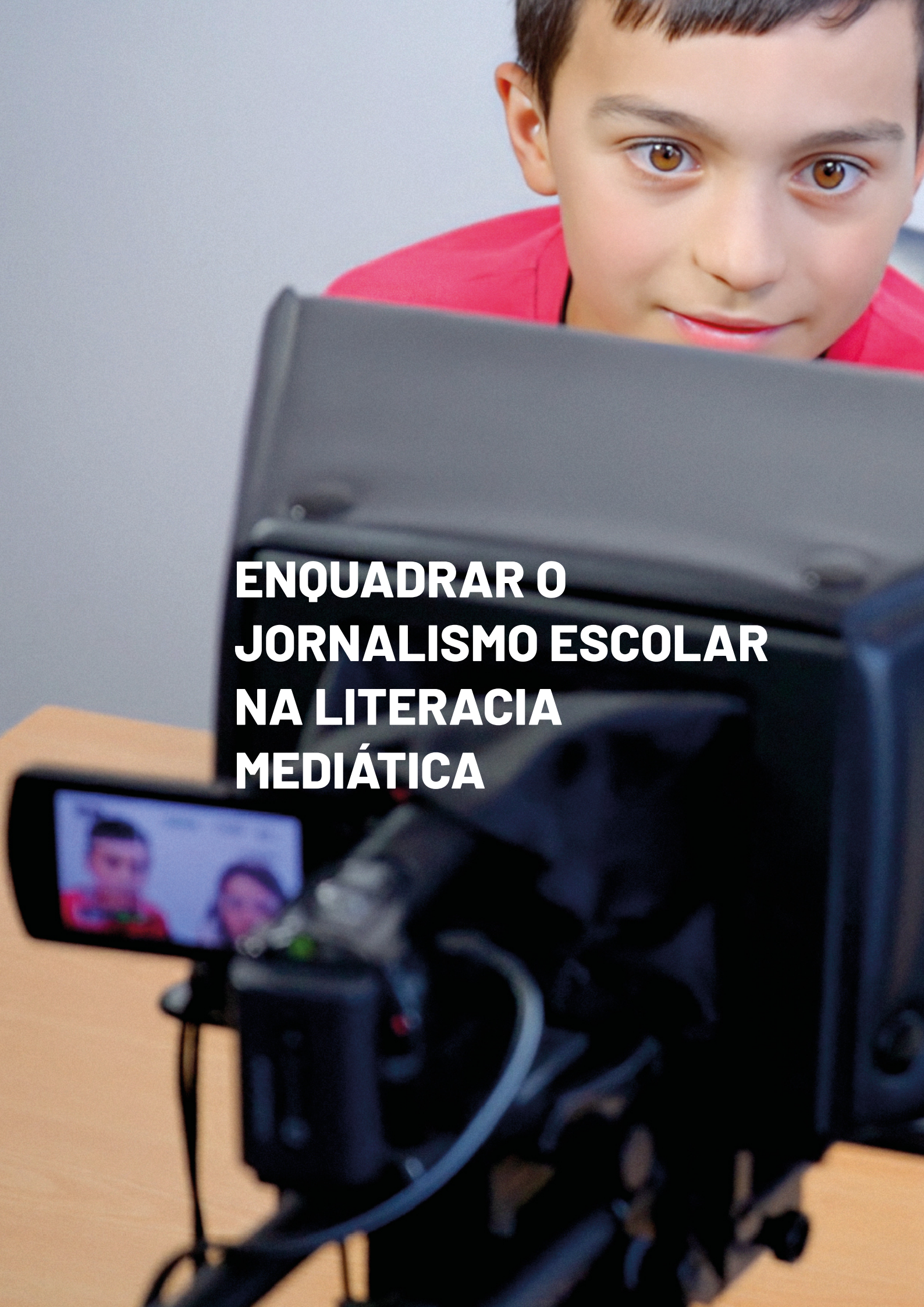
Agradecimentos

Este artigo foi desenvolvido no âmbito do projeto “bYou – Estudo das vivências e expressões dos jovens sobre os media”, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia com a referência PTDC/COM-OUT/3004/2020. DOI: https://doi.org/10.54499/PTDC/COM-OUT/3004/2020.

Referências

Brederode Santos, M. E., & Fonseca, T. (2009). O regresso da educação mediática. *Noesis*, (79), 30–35.

Público. (s.d.). *Sobre o* PÚBLICO na Escola. Retirado a 6 de janeiro de 2025, de https://www.publico.pt/publico-na-escola/projecto



ENQUADRAR O JORNALISMO ESCOLAR NA LITERACIA MEDIÁTICA

O Desafio Aliciante de Fazer Jornalismo na Escola

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.2

Manuel Pinto

Investigador e professor catedrático aposentado
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
http://orcid.org/0000-0002-4964-8778
mpinto@ics.uminho.pt

É comum, na definição da educação para a literacia mediática, incluir não apenas a dimensão da análise e leitura crítica dos *media* (integrando meios clássicos e digitais), mas também a criação e produção de meios e de conteúdos.

Há duas razões que me parecem importantes para não descurar esta dimensão mais ativa e concreta.

Uma é que, pelo exercício da criação e alimentação de meios e conteúdos de comunicação, se depara com situações e decisões análogas às que encontram os meios profissionais, o que leva — ou pode levar — a compreender melhor o funcionamento destes últimos.

A outra é que se pode ir ao encontro de necessidades informativas e comunicativas de cada pessoa envolvida, mas também dos grupos e comunidades de pertença.

Há que ter presente que a expressão e publicação dos sonhos, inquietações, projetos e reivindicações dos alunos não depende da vontade dos adultos, sejam eles os educadores, os professores, os diretores das escolas… É um direito dos jovens, previsto na Convenção sobre os Direitos da Criança (1989), que Portugal e a quase totalidade dos países do mundo ratificou e transpôs para o direito interno. Aos adultos cabe reconhecer, facilitar e apoiar a concretização desse direito e escutar ativamente o que os mais novos querem dizer.

É, assim, notório que existe uma relação estreita entre a comunicação e informação provenientes das crianças e adolescentes e a escuta ativa. Isso significa que dificilmente

podem existir expressões e meios de comunicação dos mais novos — em contexto escolar, nomeadamente — se as escolas não procurarem ativamente cultivar essa escuta e essa expressão.

A cultura da escuta e da expressão ganha em ter uma dimensão vertical de duplo sentido (de cima para baixo e de baixo para cima), mas também horizontal (entre os professores, entre os alunos e as turmas, com as famílias e outros parceiros comunitários).

De entre a multiplicidade de formas de expressão das crianças e adolescentes em contexto escolar, os *media* informativos ocupam um lugar especial. A figura típica, cada vez mais do passado — o jornal escolar policopiado —, vai cedendo lugar a novos formatos audiovisuais e multimédia em suportes digitais. Mas a preocupação de informar e falar daquilo que efetivamente acontece, ao perto e ao longe, e que interessa aos alunos, permanece como objetivo central.

Quem já viveu a fantástica experiência de pôr de pé um projeto informativo na escola ou no agrupamento de escolas pode testemunhar o quanto se aprende nessa tarefa. É importante não descurar nenhuma das dimensões e vertentes de tais projetos. Aponto aqueles que me parecem cruciais:

- Porque achamos que é necessário realizar um projeto informativo ou reanimar ou mesmo reformular projetos já existentes?
- Que matérias e acontecimentos gostaríamos que fossem privilegiados no novo meio de informação e comunicação?
- Quem são os potenciais interessados nesse projeto?
- Como nos organizamos para lhe dar corpo?
- A que aspetos (legais, éticos, técnicos…) precisamos de prestar atenção?
- Com que recursos contamos à partida (espaços, tempos, equipamentos, materiais)?
- Como envolver outros colegas (professores, alunos, funcionários não docentes…)?

A experiência ensina-nos que podemos até ter resposta para todas estas perguntas e, mesmo assim, virmos a descobrir que arrancar e dar continuidade ao projeto de um meio de comunicação e informação acarreta desafios e dificuldades que é preciso estar preparado para enfrentar.

É necessário que haja um grupo de trabalho que funcione bem, isto é, que incentive e acolha os contributos de todos e de todas, para que as escolhas possam contar com um leque mais amplo de opções. Para isso é preciso criar um ambiente participativo, onde todos e todas sintam que são ouvidos e acolhidos e onde ninguém imponha os seus pontos de vista.

O jornalismo, embora esteja a passar por dificuldades, nomeadamente as decorrentes da desinformação, continua a ser uma atividade aliciante, em que se vai à procura do que pode interessar aos destinatários e, às vezes, até revelar o que não se imaginava ou, mesmo, aquilo que estava escondido. Portanto, a curiosidade, a capacidade de fazer perguntas, de ir em busca da verdade continuam a ser desafios para quem se mete nesta atividade.

Mas é bom conhecer pelo menos algumas regras básicas do jornalismo, assim como direitos e deveres de quem publica no "espaço público". Por exemplo: é fundamental distinguir o que são factos e o que são opiniões. Que os factos devem ser relatados com rigor e honestidade (sem esconder aspetos importantes, por exemplo). E mesmo as opiniões devem ser fundadas em argumentos ou razões.

Nesta matéria, pode ser interessante conhecer e conversar sobre o conteúdo do *Código de Ética dos Jornalistas Portugueses* (Sindicato dos Jornalistas, 2017), o qual tem aspetos que são válidos e que devem ser tidos em conta na prática do jornalismo escolar. Sempre que se revele oportuno, vale a pena convidar jornalistas profissionais para irem refletir com os alunos e professores as experiências jornalísticas que estão a desenvolver.

Outro aspeto decisivo é que os jornalistas precisam de aceder a fontes. Não há jornalismo sem fontes. E os leitores/ouvintes/espectadores têm direito a saber quem diz ou faz o quê. Se for a notícia de um evento que a escola vai organizar, é simples. Mas se se tratar de um problema que envolve pessoas ou grupos com diferentes interesses ou pontos de vista é preciso ouvir todas as fontes que sejam relevantes, para que quem recebe a informação fique com uma compreensão adequada e correta desse problema.

A liberdade de informar (e de ser informado) está prevista no Artigo 37.º da Constituição da República Portuguesa (1976), sendo um direito fundamental de qualquer cidadão. O jornalismo escolar constitui excelente contexto, oportunidade e laboratório para o desenvolver na prática. É quase inevitável que um órgão de comunicação escolar que queira tratar determinados assuntos ou acontecimentos da vida da instituição venha a deparar-se com dificuldades nesse terreno.

A censura foi abolida com a Revolução de 25 de Abril, mas pode continuar a existir dissimulada, mesmo que sob a forma de autocensura. Se queremos que os alunos venham a ser cidadãos conscientes e participativos, a melhor forma de o fazer é instaurar práticas efetivas de liberdade de expressão e de informação e fazer de eventuais problemas e dificuldades matéria para debater e dialogar, procurando avaliar e discernir o que está em jogo e qual a melhor solução.

Quem se dá à tarefa de informar através de meios de comunicação, incluindo os escolares, por muito rigor e cuidado que coloque no trabalho que faz, dificilmente evita os erros. Não se trata de gralhas ou erros linguísticos (ainda que aqui a interação com os docentes de Português seja vantajosa), mas de informação inverídica ou errónea. Neste caso, é dever de quem fez o artigo e do órgão retificar, a pedido ou por iniciativa própria.

Além do dever de retificação, pode haver lugar também ao exercício do direito de resposta por parte de alguém visado por uma informação que entenda, por exemplo, que a sua reputação ou o seu direito ao bom nome não foram acautelados na matéria publicada.

Estes direitos dos cidadãos face aos *media* deveriam ser também aprendidos quanto ao procedimento a seguir para serem exercidos.

Muito haveria ainda a dizer sobre a aliciante tarefa de produzir e difundir informação de natureza jornalística em contexto escolar. Fique esta síntese quanto à sua relevância:

- Publicar livre e autonomamente conteúdos e informações é um direito que assiste aos alunos, devendo, por isso, ser apoiado e promovido;
- A experiência de produzir informações sobre o que interessa aos mais novos é um dos mais fecundos terrenos de educação para um uso crítico dos *media*;
- Produzir de forma participada e reflexiva meios de informação escolares abre perspetivas para um exercício da cidadania mais criativo e consciente.

Agradecimentos

Este artigo foi desenvolvido no âmbito do projeto "bYou – Estudo das vivências e expressões dos jovens sobre os media", financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia com a referência PTDC/COM-OUT/3004/2020. DOI: https://doi.org/10.54499/PTDC/COM-OUT/3004/2020.

Referências

Constituição da República Portuguesa, 2 de abril de 1976, https://www.parlamento.pt/Legislacao/Documents/constpt2005.pdf

Convenção sobre os Direitos da Criança, 20 de novembro de 1989, https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o_dos_direitos_da_crianca.pdf

Sindicato dos Jornalistas. (2017). *Código deontológico*. https://jornalistas.eu/codigo-deontologico/

Literacia Mediática, uma Urgência das (nas) Escolas

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.3

Teresa Calçada

Consultora sobre leitura e bibliotecas e políticas públicas de leitura
teresa.calcada@gmail.com

O gosto dos alunos pela escola é uma questão que envolve tantas variáveis que, obviamente, não será a utilização dos *media* escolares, por si só, a fazer com que a escola se torne um lugar de interesse para a maioria deles. Mas a participação dos alunos nos *media* escolares — no jornal, na rádio, na televisão — poderá ser um contributo para que deixem de a olhar como um espaço e um tempo de aborrecimento, que simultaneamente os pode convocar para a valorização do aprender e do conhecimento. Isto, na condição de a escola usar os *media* de forma a possibilitar o desenvolver de interesses pessoais, criar oportunidades de expressão e de autoafirmação, de criatividade e de ruturas.

É muito mais eficaz, apelativo e provocativo fomentar o uso dos diferentes *media* de maneira a que os alunos se sintam envolvidos e se apropriem dos processos de produzir, quaisquer que sejam os géneros mediáticos e os conteúdos, do que confinar as aprendizagens a métodos mais convencionais. Aprender a usar os *media*, a par do aprender a ler, escrever e contar, tem de ser uma tarefa integralmente assumida pela escola, enquanto instituição naturalmente capacitadora para as literacias fundamentais. Se assim não for, poderá acontecer que outras forças, porventura menos respeitadoras dos cidadãos e do seu direito à escolha, ocupem o lugar da escola e se apropriem dela, exercendo pela violência "o direito do mais forte à liberdade".

A escola, e nela as bibliotecas e outros espaços e plataformas de experimentação, não podem autoexcluir o uso dos *media* que permitem, a alunos e professores, a expressão das vivências pessoais e coletivas e a construção do conhecimento. Se os *media* em geral, incluindo o livro enquanto *media* em papel, forem usados em ambientes formais e não formais de aprendizagem, em contextos menos espartilhados por programas, currículos e avaliações, mais flexíveis e adaptados aos interesses de

todos, mais focados no fazer acontecer, isso poderá ter efeito de estímulo na valorização da própria escola.

Utilizar os *media* para incrementar um certo bem-estar na escola é importante, sendo que o seu valor não se esgota nesse papel. A literacia mediática, num momento de revolução digital e de uma radical transformação tecnológica caracterizadora da nossa época, tornou-se, sem prejuízo de várias outras formas de literacia, indispensável para o conhecimento do mundo e das coisas, do eu e dos outros.

A falta de capacidade para operar técnica e criticamente com os *media* digitais é uma pesada forma contemporânea de analfabetismo. Se é verdade que as tecnologias são hoje mais complexas e sofisticadas, não dispor de competências instrumentais e críticas para uma utilização esclarecida significa ignorância e falta de domínio sobre si e o mundo. Justifica-se, pois, que a escola assuma uma tal responsabilidade e confira o maior empenho ao ensino da literacia mediática, tal como acontece com outras formas de literacia de que se vem ocupando ao longo dos séculos. Alfabetizar tem sido a razão de ser da escola, nas suas múltiplas implicações epistemológicas, gnoseológicas e éticas, configurando-se a área dos *media* e do digital tão só como um alargamento imposto pela evolução dos tempos. Trata-se, portanto de, como em toda e qualquer forma de alfabetização, facultar aos cidadãos o empoderamento social que a escola vem praticando e justamente reclamando para si, porque sabe ensinar conteúdos, competências e valores.

No que à área mediática e digital diz respeito, deve-se exigir da escola uma contribuição decisiva para que a ciência vença a opinião infundada, o rumor e a aparência, a desinformação, a ignorância atrevida e a barbárie, que espreitam à mão dos poderosos. As tecnologias atuam pela maneira como as sociedades as usam, condicionadas pela estrutura económica, social e comunicacional. Todos os poderes sabem o seu valor e todos as disputam, devido à forte componente de intencionalidade que possuem e a uma enorme capacidade de manipulação e de subjugação. Impõe-se, por isso, uma forte consciência da natureza destas tecnologias e dos seus perigos e ameaças, bem como utilizadores com informação e conhecimento qualificado, que se constituam como leitores e produtores esclarecidos.

Considerando que nenhuma práxis se desenvolve sem uma sólida teoria, não basta integrar os *media* nos métodos de ensino para despertar o interesse dos alunos pela aprendizagem e para promover as literacias, incluindo a mediática. É preciso que seja feito um esforço acrescido por parte da escola, recorrendo a novas atitudes e novas práticas, a processos e saberes menos ortodoxos, que vão para além de estratégias mais convencionais de ensinar. A escola tem de se abrir ao mundo, sob pena de continuar muito desligada das gerações mais novas e do que se passa à sua volta.

Cabendo-lhe, por definição, um relevante papel na aprendizagem e na instrução, da escola espera-se que: tenha em conta que a curiosidade é a fonte de todo o conhecimento; não deixe de assumir valores como o labor, a exigência e a verdade, cuidando, simultaneamente, do bem-estar individual e da comunidade e dos seus respetivos direitos e deveres; reconheça que ensinar, hoje, implica ensinar a aprender através da pesquisa e da experimentação, do saber fazer, do confronto e discussão de ideias, da

resolução de problemas, da prática; aposte na valorização dos professores ensinantes, enquanto suporte e defesa do humanismo e da palavra; compreenda, de forma clara e imperativa, que as ferramentas de aprendizagem absolutamente fundacionais são a leitura e a escrita, condição para o desenvolvimento de todo o tipo de conhecimento e para a apropriação de outras ferramentas e competências, incluindo as de natureza mediática e digital.

A leitura e a escrita, assim como a apropriação competente e crítica da informação, indispensáveis para empoderar os alunos, exigem esforço, treino, trabalho, mas é desse modo que podemos ir para além de um quotidiano mais básico e de entretenimento, e de uso dos *media* gerido pelos algoritmos, que nos controlam sem darmos conta disso. Não é demais insistir que é indispensável saber identificar a desinformação; ter consciência de que muitas das atuações dos *media* atuais fomentam intencionalmente tipos de dependências e, sobretudo, de ignorância; reconhecer que só quem domina criticamente a leitura e a informação pode defender-se de perigos capitais das ditas "novas tecnologias".

Um desses perigos é o deslumbramento que aquelas tecnologias, dada a sua brutal natureza, suscitam por si mesmas. Outro perigo é a ideia temerária de que se pode dispensar o conhecimento, construído com recurso a fontes diferenciadas, seja qual for a matéria, substituindo-o pela "opinião", a maioria das vezes produzida e divulgada nas redes sociais e afins, sem qualquer fundamento nem validação.

O trabalho com os *media* valoriza a comparticipação, a colaboração, o fazer em equipa, em rede. O seu produto é manifestamente coletivo, resulta do aproveitamento de interesses, idiossincrasias e culturas diferentes. É nisso que reside muito do seu valor pedagógico, o de implicar confronto com os outros, o de constituir uma espécie de provocação face a tudo o que não sabemos, mas que precisamos saber. As situações de interação são sempre muito mais estimulantes do que uma aprendizagem solitária e passiva, o que nos faz voltar à ideia inicial do envolvimento dos alunos e professores nos *media* escolares para incentivar o interesse dos primeiros relativamente à escola e às aprendizagens.

Também pelas viagens, pelas artes, pelo teatro, pelo cinema, pela literatura, por tudo aquilo a que chamamos "vida cultural", se estimula o interesse dos alunos. Por vezes a escola não percebe o valor de criar um ambiente cultural diversificado, não dá importância à integração da cultura no ensino como instrumento poderoso para superar ou corrigir desigualdades sociais, como um contributo inestimável para que se diminua a desvantagem inicial com que alunos e, também, professores, entram na escola e usam os *media*.

É neste sentido que todos os concursos, todos os desafios, todas as formas de participação colaborativa lançadas às escolas, particularmente de âmbito nacional, assim como candidaturas e parcerias com outros países, são formas de incentivar e de extrair o que de melhor existe em cada um dos miúdos que frequentam as nossas escolas, de espevitar as suas qualificações, desqualificações, criatividade e ambições. O Concurso de Jornais Escolares, promovido pelo jornal Público, é disso um exemplo fantástico.

O mesmo é válido para o Concurso Nacional de Leitura, organizado pelo Plano Nacional de Leitura, que tinha essa capacidade competitiva e agregadora, felizmente extensível às famílias, e que acabou sem ser substituído por nenhuma boa iniciativa de dimensão semelhante.

Apesar da revolução digital e do desenvolvimento dos novos *media* se terem iniciado no século XX, as políticas de educação e os métodos de ensino e de aprendizagem valorizados pelas escolas continuam algo alheados do universo mediático e digital em que vivemos.

No domínio da educação, os poderes públicos têm de investir em infraestruturas e em formação de recursos humanos na área das diferentes tecnologias que marcam as sociedades atuais. Por parte da escola, dos professores e dos alunos, espera-se também a integração da cultura e da literacia mediática nas práticas de ensino e de aprendizagem. Esse é, sem qualquer dúvida, um requisito indispensável para que os alunos que transitam para o mundo do trabalho sejam jovens suficientemente capacitados para usar os *media* de forma competente, para ler criticamente a informação e para conduzir a sua vida com recurso a elementos racionais, não se limitando a reagir ao sabor das emoções acicatadas pelos algoritmos e pelas redes sociais.

Às entidades que se ocupam do cruzamento entre literacia, *media* e educação permitam-me que sublinhe a importância de divulgarem experiências e projetos neste âmbito, de escreverem sobre o tema, e de tornarem conhecidos os casos de sucesso de outros países que possam servir de fonte de inspiração e de renovação para as nossas escolas.

PARTE I

A Palavra a Quem Produz e Acompanha os Meios de Comunicação Escolares

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.4

Sara Pereira

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
https://orcid.org/0000-0002-9978-3847
sarapereira@ics.uminho.pt

Joana Fillol

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
https://orcid.org/0000-0002-8577-7809
joanafillol@gmail.com

Daniel Brandão

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
https://orcid.org/0000-0001-6331-0354
danielbrandao@ics.uminho.pt

De norte a sul do país, passando pelos Açores e pela Madeira, ouvimos, escola a escola, alunos e professores de nove jornais, duas rádios e uma televisão. Conversámos, também, com as coordenadoras do projeto *Público na Escola* (*PnE*) para obter uma visão de conjunto. Neste texto, colocamos os vários atores em diálogo, para falarem das suas experiências e aconselharem quem pensa aventurar-se no jornalismo escolar[1].

"Como descrever?! Ele é audaz, um bocadinho irónico, um bocadinho cómico…". Sentada na sala de trabalhos oficinais da Escola Vitorino Nemésio, na ilha Terceira (Açores), Ana Beatriz Pereira, 16 anos, fala do *Se Bem Nos Lembramos*[2] quase como se ele fosse uma

1 Sara Pereira e Joana Fillol (entrevistas e texto) e Daniel Brandão (fotografias e simulações visuais).

2 https://www.instagram.com/jornal_sbnl/.

pessoa, com personalidade própria — e bem vincada. Mas não. É sobre o jornal que ela própria dirige desde 2018, quando andava apenas no 9.º ano, que está a falar, tentando descrevê-lo de forma rigorosa. O *Se Bem Nos Lembramos* — nome adaptado do programa que o poeta açoriano Vitorino Nemésio teve na RTP entre 1970 e 1975 — parece ser o reflexo do que é, muitas vezes, visto como um dos traços de caráter mais marcantes da juventude: a irreverência.

Ele, o jornal, "é um desafio às convenções, é um desafio àquilo que querem que nós façamos", assume Ana Beatriz, postura firme, segurança invulgar para a idade, deixando transparecer um certo orgulho no que acaba de dizer. "O facto é que as pessoas na escola, os professores não gostavam do jornal. Nós não éramos bem recebidos quando pedíamos alguma coisa", prossegue. E, de novo, esta sua convicção, mais do que incómodo, parece provocar-lhe um certo gozo. Não é só a ela.

Beatriz Silveira e Leonor Carvalho (Figura 1), ambas de 16 anos, também escrevem para o *Se Bem Nos Lembramos* e apresentam o mesmo ar divertido e rebelde quando, noutro momento, nos respondem à pergunta sobre se têm a colaboração de professores na elaboração do jornal. Explicam ter uma professora que corrige e revê os trabalhos, mas — frisam bem — a decisão final é sempre dos alunos: "nós já tivemos artigos que poderiam ser considerados mais polémicos (...) como um sobre beleza. Tinha quatro páginas e ficou reduzido a dois parágrafos. [A professora] pôs um risco gigante em cima das páginas e nós... ignorámos o risco e metemos na mesma", contam e terminam as duas a rir-se descontraidamente nas cadeiras em que estão sentadas. O episódio espelha o que Ana Beatriz já tinha dito anteriormente — "o jornal é totalmente dos alunos".

Figura 1
Aluna colaboradora do *Se Bem Nos Lembramos* lê o Número 22 deste jornal.
Créditos. Daniel Brandão

A Exceção que Confirma a Regra

Ser "totalmente dos alunos" torna o *Se Bem Nos Lembramos* um caso muito especial no panorama nacional e já lhe valeu mais do que um prémio no concurso de jornais escolares do *PnE*, do jornal *Público* — um projeto antigo, relançado em 2019. Não é tão comum assim encontrarem-se meios de comunicação de âmbito escolar dirigidos por alunos. Dados concretos, no entanto, não existem. Nem é possível saber quantos meios de comunicação escolares há hoje em Portugal. Calcula-se que sejam mais do que uma centena, já que, entre 2013 e 2018, a Direção-Geral da Educação foi fazendo um registo dos jornais e revistas escolares e contabilizou — sem incluir rádios e televisões — mais de 350 projetos. Ao longo desses cinco anos, nem todos terão coexistido no tempo. Mas a listagem, ainda disponível online, permitiu dar conta da diversidade existente nos jornais escolares nacionais: são de todos os níveis de ensino, do pré-escolar ao secundário; impressos, digitais, fotocopiados e de parede; de turma, de escola ou de agrupamento; generalistas ou temáticos.

Bárbara Simões e Luísa Gonçalves, as duas coordenadoras do projeto *PnE*, do jornal *Público*, conhecem bem a realidade do jornalismo escolar e estão de acordo com a "diversidade enorme" de jornais que existe a este nível. Concordam, também, que jornais dirigidos por alunos, embora existam, estão muito longe de ser a regra. "Na maior parte [dos casos], há ali um professor, uma professora, muito empenhado que põe aquilo a andar", nota Bárbara Simões, jornalista, acrescentando que "depois, há sempre uns alunos que são *pivots*, estão mais ligados". Luísa Gonçalves, professora do 1.º ciclo destacada pelo Ministério da Educação para o *PnE*, revela que, na avaliação dos jornais participantes no Concurso Nacional de Jornais Escolares[3], o critério com mais ponderação é precisamente "o envolvimento dos alunos no processo", notando que "felizmente" começa a haver cada vez mais jornais com uma participação significativa das crianças e dos jovens. E isso, como observa, faz a diferença: neste tipo de jornais "há um questionamento, um pensar fora da caixa, alguma irreverência, que faz parte e que, muitas vezes, é filtrada [nos jornais em que o envolvimento dos alunos não é tão grande]".

Se estivesse a ouvir Luísa Gonçalves, Catarina Costa, 15 anos, também jornalista do *Se Bem Nos Lembramos*, concordaria certamente. Quando lhe perguntamos qual é a mais-valia de integrar um projeto de alunos para alunos responde de imediato: "a questão dos limites". Refere-se aos que são impostos pelos professores: "quando estão por dentro do jornal, há sempre a tendência — principalmente se forem professores de Português — de quererem seguir a estrutura da disciplina". Está convencida de que se houvesse professores na direção do jornal "iriam querer impor regras de escrita", por exemplo. Para ela, que até já publicou um livro, escrever para o jornal tem-na ajudado imenso: "nas aulas temos sempre os tais limites e isso não nos permite

3 O Concurso Nacional de Jornais Escolares é apenas uma das vertentes do projeto *Público na Escola*, que estimula e apoia a criação destes meios nas escolas, realizando, além do concurso, formação de professores, *workshops* com alunos e lançando desafios vários, que vão de prémios a planos de aulas, onde se propõe a abordagem da atualidade e de domínios da literacia mediática em contexto escolar.

desenvolver", pensa. No *Se Bem Nos Lembramos* — recorda agora Ana Beatriz — nem sequer há limite de palavras, mínimo ou máximo.

Com os temas acontece mais ou menos o mesmo. Apesar de cada edição ter um tema definido, que funciona mais como "uma orientação, para tentar criar uma linha de pensamento no jornal todo" — explica Ana Beatriz, a pessoa geralmente responsável por essa escolha —, é dada liberdade à equipa, hoje composta por 30 alunos e alunas. "Quem quiser fazer alguma coisa que dê o primeiro passo e nos venha dizer 'olha, eu gostava de fazer um texto sobre isto, isto e aquilo'. Ou 'eu gostava de fazer um poema', ou 'gostava de fazer um desenho para publicar'", diz Ana Borges, 17 anos, a coordenadora executiva, que se apresenta como sendo "o braço direito" de Ana Beatriz. Quando ninguém dá esse passo — nas reuniões que costumam organizar periodicamente ou nos canais digitais que têm para comunicar —, a direção do jornal define tarefas e um prazo de entrega. Mas quem não pertence à equipa também pode colaborar — o email do jornal está exposto nos corredores, em jeito de convite à participação. E esse convite não se cinge, na verdade, a quem estuda ou trabalha na escola. O pai da Leonor Carvalho, por exemplo, já colaborou — escreveu uma crítica do filme *Back to the Future* (De Volta Para o Futuro). Há um professor de História de outra escola da ilha, a Francisco Ferreira Drummond, que tem uma rubrica no *Se Bem Nos Lembramos*. Beatriz Silveira diz que as colaborações extra equipa são "uma maneira de deixar o jornal mais diverso e com mais conhecimento".

"Os Professores Organizam o que Temos que Fazer em Caixinhas"

Para se ter uma ideia, o *caos* e a *alienação* são dois exemplos de tópicos que serviram de bússola a números recentes do *Se Bem Nos Lembramos*. Para descrever as temáticas no seu conjunto, Ana Beatriz exclama "muita filosofia! Muita filosofia! Muita política também!". Folheando o jornal, encontra-se atualidade, notícias da escola, arte (fotografia, desenho, imagem digital…), entrevistas, escrita criativa, artigos de opinião, recomendações de livros e música.

A paginação do jornal também está dentro da disrupção de que Luísa Gonçalves falava (Figura 2). Beatriz Silveira, uma das responsáveis pelo design, define-o como "a criatividade extrema", "muito minimalista, mas sempre fora daquilo que é associado a um jornal tradicional. E [com] cores vivas". Está no 11.º ano no curso de Artes e não tem dúvidas de que evoluiu "imenso" em termos de design graças ao trabalho no jornal. Mas refere outros progressos: "aprendemos não só a trabalhar em equipa, como a ganhar liberdade de nos expressarmos facilmente com um grupo de pessoas e de publicarmos os nossos pensamentos".

São estes pensamentos e inquietações dos alunos que Luísa Gonçalves gosta de encontrar nos jornais que avalia enquanto membro do júri do concurso do *Público*, porque é de opinião que "os alunos não têm grande espaço para se manifestarem e, quando têm, é porque são solicitados". Para ela, é muito diferente haver alunos a

issuu.com

issuu Find creators and content Read Features Use Cases Learn Pricing Log in Sign up

TECNØLØG1A

33

Diz lá a verdade, já usaste o chat GPT?

Hipoteticamente, naquela aula de português, aquela em que olhas para o manual e apercebeste que não ouviste uma única palavra que o professor disse nos últimos vinte minutos, já te passou pela cabeça usar AI para te ajudar a orientar as ideias? Claro que, há uns anos atrás, esta questão nem nos passaria pela cabeça, sendo uma identidade virtual capaz de conceber uma consciência própria apenas um produto dos mais magníficos filmes de ficção científica. Será que o Matrix ou o Terminator previram parcialmente o futuro? Independentemente de tal, melhor será abordar a questão de qual é o papel que a Inteligência Artifical irá ter no nosso ensino e no desempenho académico dos alunos.

Primeiramente, ao meu humilde ver, esta funcionalidade que nos é agora oferecida é deveras útil e não creio que haja algum problema de usufruirmos dela para as simples necessidades do dia a dia. Parágrafos introdutórios, pequenas mensagens e até quando a preguiça fala mais alto e não nos apetece fazer scroll até à quarta página de pesquisa do Google, em busca de uma informação que aparentemente não existe; esta ferramenta apela à natureza "malandra" humana (o que te certifica que o que acabaste de ler foi escrito por mim?). Também é evidente que alguns dos benefícios do uso da AI pela comunidade escolar são o desenvolvimento da qualidade e eficiência da educação, sempre como complemento e exclusivamente com transparência e responsabilidade. Afinal, a transparência e responsabilidade são as características fundamentais de qualquer banal aluno português...

Brincadeiras à parte, a minha costela de artista não é cega aos problemas que a utilização de AI pode vir a trazer à arte - a substituição da criatividade humana - e ao dilema dos direitos de autor. Os AI são alimentados por tudo aquilo que conseguem encontrar na internet, tal que a infinita base de dados que lhes é disponibilizada torna-se um buffet sem limites de informação. Se aquilo que por eles nos é oferecido provém do que já existe, não será, no fundo, como copiar? E será que estamos a perder a liberdade de publicarmos algo na internet sem perder a nossos direitos sobre essa propriedade?

Além desta desvantagem, também a interação humana é capaz de diminuir exponencialmente ao adotar este recurso. Alguns alunos, especialmente os que têm dificuldades ao nível da comunicação, iriam normalmente preferir uma componente tecnológica, em vez de perguntar ou recorrer a um professor ou colega. Ainda mais, isto pode levar ao acesso prevenível a informações incorretas.

Realço ainda os possíveis problemas de privacidade que podem vir a surgir desta situação, visto que a AI pode armazenar e compartilhar dados pessoais dos estudantes. Contudo, isto é comum não apenas nestes serviços, mas também nas redes sociais. Podemos dizer que é uma inconveniência do mundo digital.

Por fim, sim, continuarei a usar estas ferramentas quando delas necessitar, a minha posição quanto a este assunto é tão complicada como a questão em si. São diversos os pontos positivos e negativos que virão ao de cima quanto à inteligência artificial, porém deixo esta pergunta: **Quando é que podemos dizer que a inteligência artificial foi longe demais? Não deveríamos parar antes que isto descarrilhe?**

Beatriz Silveira

32-33 / 50 issuu

Figura 2
Captura de ecrã de um artigo do Se Bem Nos Lembramos disponível na plataforma issuu.com. *Créditos*. https://issuu.com/jornalsbnl

expressarem-se de forma espontânea ou "haver sempre um adulto que acha que sabe aquilo que preocupa [os alunos]". Do seu ponto de vista, também não faz sentido que um jornal escolar seja feito de trabalhos de alunos que não os escreveram propositadamente para esse fim. E isso é algo que vê acontecer com frequência. Muitas vezes, os jornais escolares são elaborados como uma "coletânea de trabalhos" — afirma — com professores que, "quando chega a altura da publicação andam a perguntar pelas salas quem tem trabalhos para o jornal". Este procedimento leva, desde logo, a que não se proporcione aos alunos um conjunto de aprendizagens e o desenvolvimento de competências de literacia mediática, que, para Luísa, o verdadeiro envolvimento num jornal escolar permite. Aponta uma série de exemplos:

> a ligação à atualidade, a discussão dos grandes temas e ouvir os alunos sobre esses temas, a articulação dos vários saberes, a questão de desenvolverem cidadanias mais ativas, de se sentirem corresponsabilizados naquilo que fazem, o pensamento crítico, a criatividade para responder a desafios novos com soluções novas, lidar com o grande fenómeno da desinformação.

Esta coordenadora do *PnE* está convencida de que estas são capacidades e competências que são mobilizadas pelos jornais escolares, por

> um aluno que esteja envolvido numa equipa, que consiga fazer as suas opções, que consiga fazer escolhas, que perceba o que é uma notícia, o que é uma reportagem, o que é uma entrevista, que perceba como é que se constrói a informação, o que está por detrás disso, o que é uma linha editorial, o que é que

> está na agenda dos *media*, porque é que acontece a mesma coisa no mundo e um jornal dá destaque a uma coisa em detrimento doutra.

Talvez não seja excessivo especular que, para Luísa, o jornal escolar ideal não andaria muito longe do *Se Bem Nos Lembramos*. Afinal, para esta coordenadora do *PnE*, um tal jornal seria aquele "em que se vê que os miúdos são verdadeiramente livres, têm os professores a ajudá-los a ter responsabilidade nessa liberdade", o jornal onde até pode haver "erros" e o produto final não ser "tão interessante, tão arrumadinho, tão bonitinho", mas onde se vê, e se sente, que o jornal "é deles", dos alunos, e que os alunos "são postos no centro" e vistos como "os agentes principais da escola".

Qualquer uma das alunas entrevistadas tem uma lista de competências que o *Se Bem Nos Lembramos* ajudou a desenvolver. Ana Beatriz acha que a regra é "quanto mais envolvimento no jornal, mais se aprende, mais se faz, porque mais se tem que decidir fazer de uma maneira específica. Tem que ser intencional". Para a aluna, que soma à capacidade de iniciativa o espírito crítico, isso é algo que falta na escola: "os professores organizam o que temos que fazer em caixinhas. E isso retira-nos a escolha, torna as coisas até mais fáceis, mais acríticas", condena. Ana Borges considera que o envolvimento no jornal lhe permitiu desenvolver três aspetos em particular — a criatividade, a mente aberta e o interesse pela atualidade. Avalia:

> quando fazemos a edição do jornal, lemos os artigos que foram feitos e vamos procurar cada vez mais informação que saiu nas notícias. Ficamos mais alerta para o que se está a passar e isso fez-me querer saber mais do que se passa no mundo, abrir mais os olhos.

Liberdade Acima de Tudo

Bem vistas as coisas, também se poderia pensar que as palavras de Luísa sobre o jornal escolar ideal estariam a descrever outros casos, como o do jornal digital *Comunica*, do Agrupamento de Escolas do Freixo (concelho de Ponte de Lima), também já distinguido pelo *PnE*.

O professor de Português António Paiva, que teve a ideia de criar o projeto e conseguiu, desde a primeira hora, cativar vários colegas de escola a juntarem-se a ele, confessa que o jornalismo que fazem talvez não seja o que gostariam de fazer: "gostaríamos de fazer um outro tipo de jornalismo, se calhar com artigos mais profundos, mais longos. Mas são opções que temos de tomar". E a opção que tomaram foi, como explica, a seu lado, a professora de Educação Moral e Religiosa, e também coordenadora do jornal, Cristina Rodrigues, "deixar os alunos à vontade, trabalhar naquilo que gostam" e no formato em que se pretenderem expressar, seja "por vídeo, por texto, por poesia, seja o que for, nós aceitamos tudo. E damos a oportunidade de experimentarem cá dentro".

"Experimentação" — por oposição à organização "em caixinhas" de que Ana Beatriz falava — é uma palavra cara ao *Comunica*. O resultado é um jornal em que reina a

diversidade não só no formato, mas também nos temas, que tanto são propostos pelos alunos como pelos professores. O próprio funcionamento do jornal não obedece a um "modelo fixo": "vamos andando e vamos vendo também como é que os próprios alunos se encaixam no jornal. De ano para ano, as coisas nunca são iguais", explica António. Não é possível, por exemplo, dizer o número de alunos que colabora no projeto. Apesar de haver um conjunto de estudantes mais participativo — e isso "não quer dizer que sejam os melhores jornalistas", esclarece o professor — não é necessário fazer parte de um grupo predefinido para participar. As portas do *Comunica* estão sempre abertas a todos, fazendo com que, em cada ano letivo, sejam muitos os alunos a colaborar com o meio de comunicação (que, sendo um jornal digital, tem também um estúdio multimédia, grava noticiários, programas audiovisuais e produz podcasts. Além de que tem uma *app* que os alunos podem descarregar).

"Nós achamos preferível trabalhar assim do que com um núcleo pequenino. É mais inclusivo, damos mais oportunidade a mais alunos. Todas as pessoas têm aqui um espaço para falar", acrescenta António. Cristina concorda. Podem não ter o jornalismo de investigação que ambicionavam, mas, em compensação, conseguiram construir um projeto que definem como "a alma da escola, humano, o espelho do que aqui se passa", que "congrega todos, não só a nível dos miúdos, mas dos nossos colegas e das disciplinas que lecionam", observa a professora.

Certo é que, logo na entrada do estabelecimento de ensino, há uma espécie de *tablet* gigante com os conteúdos do *Comunica* a dar as boas-vindas e endereçando a quem chega um convite para interagir tatilmente com o jornal. É ao pé dele que está Mariana Araújo, 12 anos, aluna do 6.º ano, mas já com dois anos de experiência no *Comunica*. Tem facilidade em falar sobre o projeto — "há notícias sobre o mundo e sobre a escola", explica — e sobre os benefícios que tem em participar nele — "às vezes tinha um pouco de vergonha", mas "[aqui] falamos com várias pessoas e perde-se". Raquel Silva, 11 anos, outra jovem jornalista do *Comunica*, fala das regras que aprendeu, por exemplo ao ler, desde que se juntou ao jornal: "[é preciso] ter cuidado, fazer uma certa dicção em algumas coisas para não ficar muito monótono".

Sofia Vieira Araújo, 14 anos, não está na entrada da escola, mas no estúdio multimédia, a trabalhar com outros colegas (Figura 3). Diz-nos os temas que escolheram para o jornal televisivo que se preparam para gravar: "9 de maio, Dia da Europa, a coroação do Rei Carlos e o esgotamento de recursos no nosso país". A seleção foi pensada. A aluna é crítica do trabalho dos editores dos jornais que vê na televisão — transmitem muito "negativismo", julga. Manifesta, por isso, uma preocupação em fazer diferente e dar, ali, "notícias que são mais alegres".

Com ela, no estúdio, estão colegas que têm outras funções. As de Rodrigo Alves,15 anos, são mais técnicas: "ligo as luzes, preparo as câmaras, edito filmes", explica-nos. O entusiasmo com o projeto é tal que até pediu à mãe para comprar um microfone de lapela e faz questão de nos mostrar como se aplica. Já Tomás Machado, 14 anos, trabalha mais para as redes sociais: "por exemplo, agora está a acontecer um jogo de futebol no pavilhão. Eu simplesmente pego nas informações que tenho — o dia,

Figura 3
Alunos colaboradores do *Comunica* a trabalhar no estúdio do jornal. *Créditos*. Daniel Brandão

hora, local e mais algumas [notas] — e crio um poster para divulgar". Trabalhar para as redes sociais não significa afastar-se dos princípios jornalísticos — há a mesma preocupação de "rigor máximo", sublinha.

No dia em que visitámos a escola, os repórteres do jornal, com idades sobretudo entre os 10 e os 14 anos (embora também haja alguns alunos do 1.º ciclo envolvidos), estão dentro de portas, mas alguns já tiveram a experiência de sair em reportagem. Se a escola organiza algum evento fora, é vê-los orgulhosos, com os coletes cor-de-laranja do *Comunica* vestidos e munidos dos seus instrumentos de trabalho a fazer a cobertura para o jornal (Figura 4).

Para Bárbara Simões, do *PnE*, se há um traço comum no meio de tanta diversidade de jornais escolares, esse traço é "a vontade de querer fazer", que afirma notar tanto em alunos como em professores. Aos últimos, em especial, elogia o esforço. Considera que

> atualmente, com tantos projetos, com tanta coisa para fazer, com tanta coisa para preencher, com tanto trabalho extra o tempo de aula convencional, terem vontade, e decidirem, e andarem ali atrás, à procura, a pedir os trabalhos para terem um jornal (...) [é] de louvar.

Luísa Gonçalves, como professora que também é, assina por baixo: "a palavra 'tempo' é o grande inimigo neste momento das escolas". Atribui a sua escassez a currículos "desadequados, muito extensos", que deixam pouca margem aos professores para implementar outros projetos.

E, de facto, no terreno ouvem-se queixas dos professores a este nível. O professor José Paulo Lourenço, da Escola de Branca e um dos responsáveis pelo jornal *Escrita Irrequieta* — sobre o qual nos debruçaremos mais adiante —, conta-nos que os três

Figura 4
Equipa de repórteres do *Comunica* faz cobertura de evento na Universidade do Minho. *Créditos*. Daniel Brandão

tempos que lhe são atribuídos para o jornal não são suficientes para todo o trabalho que tem a esse nível: "isto é só pelo gostar, não é pelo retorno que isso me traz em termos de progressão na carreira, de avaliação que fazem ao meu trabalho". Essa avaliação, prossegue, "foca-se em aspetos que às vezes estão mais à vista, porque são as funções de um professor, mas eu acho que tem de ser o todo, e não a parte, a dar esse resultado final".

A Força da Biblioteca Escolar

Muitas vezes, constatam ainda as coordenadoras do *PnE*, é a biblioteca escolar que está na raiz de projetos e, nomeadamente, de meios de comunicação escolares. Exemplo disso é, noutro ponto do Minho, a Escola de Santa Maria Maior, em Viana do Castelo. Os repórteres da *TV na Maior*[4] (Figura 5) são mais velhos do que os do *Comunica*, frequentam o ensino secundário. Aqueles que se dedicam à imagem andam também de colete vestido com o nome do órgão de comunicação escolar nas costas, escrito a branco sobre um fundo azul-escuro. O projeto em que participam nasceu, em 2016, pela mão de uma professora bibliotecária, Cláudia Santos, que atribui a ideia a um desafio da Rede Nacional de Bibliotecas Escolares (RBE) — "é [a RBE] que define as três grandes áreas de intervenção de uma biblioteca escolar, que é a literacia de leitura, a literacia da informação e a literacia dos *media*. E a *TV na Maior* tem permitido trabalhar competências nestas três áreas com os alunos", conta. Foi também a RBE a financiar esta televisão escolar através de um programa denominado *Ideias com Mérito,* entretanto descontinuado. Quase 10 anos depois, a *TV na*

4 https://www.esmaior.pt/tvnamaior/.

Figura 5
Alunos colaboradores da *TV na Maior* a trabalhar com a supervisão de um professor.
Créditos. Daniel Brandão

Maior é um sucesso: soma várias distinções e é uma imagem de marca não apenas da biblioteca, mas da escola, envolvendo alunos de vários anos de escolaridade e professores de diferentes áreas disciplinares. Uma área merece especial destaque porque faz a diferença em termos técnicos: a de Audiovisuais.

Cláudia Santos desafiou, logo no início, alunos e professores deste curso profissional, lecionado na escola, para se juntarem ao projeto. A resposta não poderia ter sido mais positiva. Os professores do Curso Profissional de Técnico de Audiovisuais integraram as atividades a desenvolver para a *TV na Maior* no currículo do curso e, assim, os alunos dessa área trabalham para a televisão em contexto de sala de aula. João Franco, professor do curso, afirma num tom de satisfação de quem consegue aliar o útil ao agradável,

> nós procuramos sempre direcionar os conteúdos das disciplinas técnicas — Sistemas de Informação e Multimédia, Técnicas Audiovisuais, Projeto e Produção Audiovisual — para este tipo de projetos mais práticos. Em vez de serem exercícios inócuos, isolados, bloqueados na sala de aula, tentamos ativar as disciplinas técnicas para participar em projetos que depois têm outro tipo de projeção.

Como o curso de Audiovisuais tem sempre um mínimo de três turmas, há, todos os anos, pelo menos 60 alunos envolvidos. Rayner Villa, 20 anos, é um deles. Nos últimos três anos letivos tem trabalhado sobretudo na gravação de imagem e edição de vídeo (Figura 6) e recomenda a experiência: "ensina-te muita coisa sobre o trabalho em equipa, já que é um trabalho muito difícil de se fazer sozinho", começa por dizer, destacando logo de seguida outro ensinamento: "o que mais aprendi foi que, na parte de pós-produção, se procura que tudo conte algum tipo de história, que faça algum tipo de sentido".

Às dezenas de alunos que formam a equipa técnica da *TV na Maior*, somam-se, ainda, os jornalistas e repórteres — responsáveis pelos conteúdos e sua apresentação —, cuja inscrição no projeto é voluntária: "o número vai variando, todos os anos são abertas inscrições, umas vezes há mais, outras menos, mas temos sempre em média uns 30 alunos a participar com regularidade no projeto", contabiliza agora Cláudia Santos. A professora revela que alguns dos que se inscrevem na *TV na Maior* mal chegam à escola, no 10.º ano, já conhecem o projeto pelas redes sociais do agrupamento.

Por acaso não foi assim com Mariana Meixedo, 18 anos. A aluna foi desafiada por Cláudia a integrar o projeto há três anos. E não foi difícil convencê-la. Hoje no 12.º ano, Mariana diz que já então nutria uma "paixão pela comunicação social". A aluna tem sido um dos rostos da televisão escolar: "isto tudo foi uma aprendizagem para mim", assegura, sorridente. Admite que "não fazia ideia de todo o trabalho que está envolvido" tanto atrás das câmaras como à frente delas. Não é fácil, desabafa — "sinto o nervosismo antes de começar, antes dos *takes*, o medo de [me] enganar". Mas isso não a assusta. Revela que a participação na *TV na Maior* só fez com que a "paixão" pela comunicação aumentasse e que este é "um caminho" que espera "percorrer mais tarde". Partirá para ele em vantagem: "acho que este projeto veio melhorar certas coisas em mim, como a minha dicção, a minha correção. Fez-me aprender melhor o ritmo das palavras", refere. Também ela realça a satisfação com o trabalho de equipa, com a "cooperação" e com as "pessoas" novas que o projeto lhe permitiu conhecer.

A entrevista que nos dá vai ao encontro da convicção que Cláudia Santos tinha já expressado — os estudantes são recetivos a projetos como o da *TV na Maior*: "tudo o que sejam propostas que lhes permitam aprender coisas fora da sala de aula e em conjunto com outros cursos, com outros alunos que eles nem conhecem, mas que passam a conhecer, os alunos aderem muito bem".

Figura 6
Alunos colaboradores da *TV na Maior* durante a gravação de um noticiário.
Créditos. Daniel Brandão

Nesta televisão escolar, a participação pode ainda ser feita ao nível da turma. Há turmas inteiras a trabalhar para a TV na Maior, revela Cláudia:

> desenvolvem projetos que depois têm como produto final uma série de programas. Um exemplo é a série *Palavras Revistas*, que acaba por ser uma revista de imprensa, em que os alunos vêm para a biblioteca e, em contexto de turma, analisam revistas e jornais, constroem um guião e depois gravam um programa para comentar aquilo que leram e fazer até a ponte com o que aprendem nas disciplinas.

Uma "Mais-Valia" Para Pôr os Alunos a Escrever

A mais de 1.200 km de distância, no Funchal, o professor de Artes Visuais José António Gouveia manifesta apreço por iniciativas que encaixam no perfil do *Comunica* ou da *TV na Maior*

> admiro muito os colegas de outras escolas que conseguem cativar os miúdos. Acho que o mais interessante é ver um grupinho de miúdos que anda com o gravador na mão e com a câmara ou o telemóvel e, por sua iniciativa, [dizem] "ah! Nós é que vamos fazer isto, nós é que vamos fazer aquilo".

Na Secundária Jaime Moniz, é coordenador de um projeto com contornos bem diferentes. Desde logo, "o nosso projeto não é jornalístico", assume José António, embora reconhecendo que, por vezes, também têm necessidade de apresentar trabalhos nesse âmbito. A *Newsletter O Lyceu*[5], que, apesar do nome, é uma revista disponível em formato digital (Figura 7 e Figura 8), tem três edições anuais, com as duas primeiras dedicadas a um tema de fundo e a última aos trabalhos desenvolvidos no âmbito da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento. Os temas são, sempre que possível, decididos no início do ano letivo e a informação passada — com indicação de prazos, formato de texto e de imagens — aos professores de todos os grupos disciplinares: "se, dentro das suas planificações, puderem encaixar algum daqueles temas ou quiserem divulgar alguma das atividades que fazem, podem mandar os trabalhos para cá e nós fazemos a composição, a edição e colocamos online", explica.

Os professores de Português Abel Torres e Vanda Gouveia são também coordenadores da revista e decidiram ligar o trabalho para a *Newsletter O Lyceu* com o currículo das suas disciplinas. Para o primeiro, a par de divulgar o que se faz na escola, como atividades, exposições, conferências, o jornal é uma "mais-valia" para motivar os alunos "na escrita de apreciações críticas, textos de opinião". Vanda tem a mesma perspetiva "é mais fácil para nós integrar os temas que estamos a estudar [no âmbito da disciplina de Português] dentro do tema que a revista apresenta". Dá um exemplo:

> a liberdade e os 50 anos do 25 de Abril — tentamos ligar essa grande linha temática à poesia contemporânea ou a um determinado conto, como *George*

5 https://jaimemoniz.com/wp/newsletter-o-lyceu/.

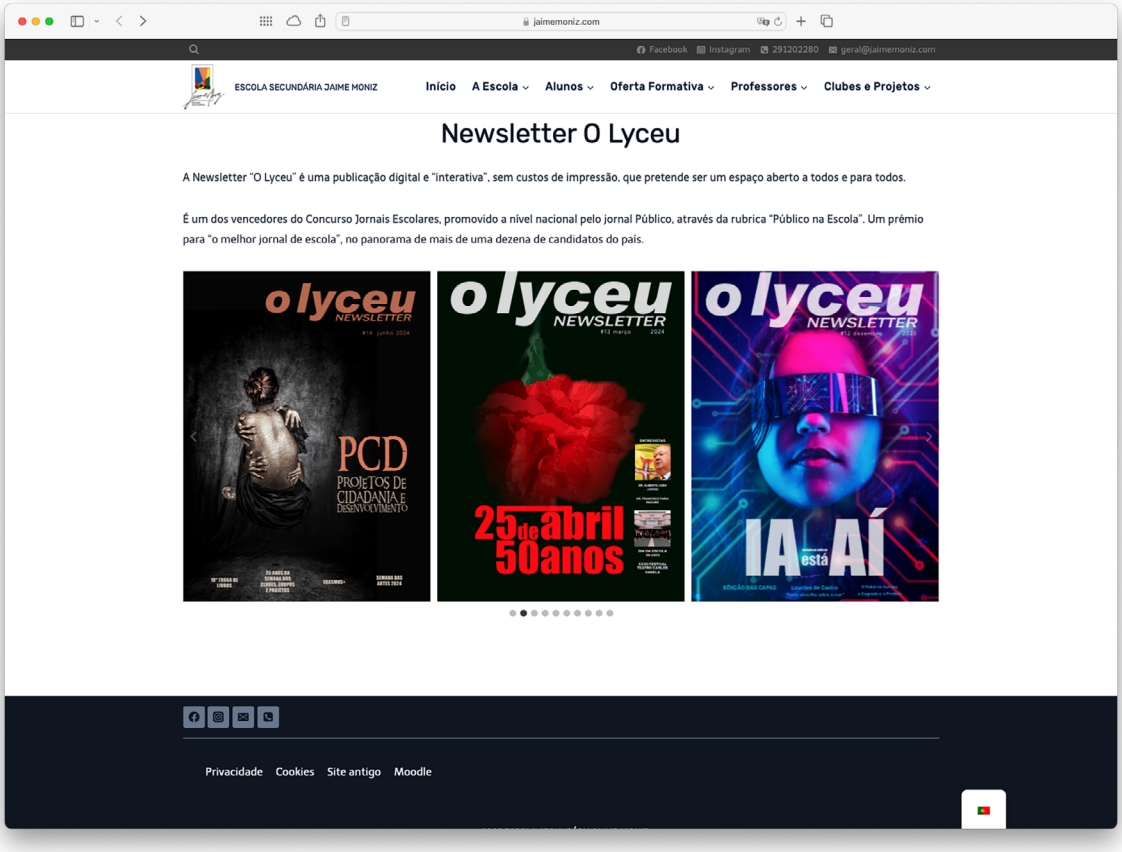


Figura 7
Captura de ecrã com o website da *Newsletter O Lyceu*.
Créditos. https://jaimemoniz.com/wp/newsletter-o-lyceu/

Figura 8
Número 12, de dezembro de 2023, da *Newsletter O Lyceu*.
Créditos. Simulação por Daniel Brandão a partir da versão digital da publicação

> de Maria Judite Carvalho, que fala numa mulher nas suas três fases da vida e na importância da escolha, da sua antecipação, da sua conquista de liberdade, que é uma outra liberdade dentro da liberdade política.

Apesar de a proposta partir dos professores, tanto Abel como Vanda dizem ser a voz dos alunos que se faz ouvir na revista. Como docentes, admite ela,

> nós temos tendência a veicular determinadas ideologias e abrir caminhos de interpretação [sobre uma obra literária]. Ora, os alunos reagem a essa forma como nós ensinamos, vão assimilá-la, mas são genuínos, criativos e às vezes conquistam patamares de reflexão e de interpretação que estão muito para além daquilo que o professor ensinou.

É essa visão e essa outra forma de entender a vida e o mundo, que é a dos estudantes, que dizem ter a preocupação de publicar na revista. José António conta que, quando abordam os alunos para escrever, lhes dizem mesmo — "não tenham medo, escrevam aquilo que querem, escrevam aquilo que pensam". Mais difícil do que conseguir que os estudantes deem a sua opinião, parece ser conseguir pô-los a escrever.

"Não temos aqueles escritores automáticos", desabafa Vanda. "Às vezes é difícil fazer com que os alunos escrevam *per se*, levá-los a uma autonomia de escrita, têm que ser sempre motivados", mas depois — remata — "escrevem coisas extraordinárias". Concorda com José António — "conseguimos ter a visão dos jovens, que é diferente da nossa e, muitas vezes, diferente para melhor. Nós já estamos formatados".

A formatação dos adultos parece manifestar-se mesmo ao nível de como, por vezes, julgam que os alunos pensam. José António não esconde a surpresa de, num número da revista dedicado à inteligência artificial, se terem apercebido das visões negativas que os alunos têm sobre esta tecnologia, manuais digitais, utilização de computadores. "E depois nós ficamos assim: 'Mas espera lá, como é que pode ser?!'".

O que os Olhos Não Veem, o Coração Não Sente?

Rosário Antunes não está a ouvir a conversa, embora esteja também no Funchal, a poucos quilómetros da Escola Jaime Moniz. Leciona Português noutra escola da ilha, a Secundária Francisco Franco, e é uma das coordenadoras da revista escolar *Leia FF*[6] (Figura 9 e Figura 10). A entrevista que nos dá não se alonga muito na apreciação do trabalho que os alunos fazem para a revista, porque a realidade que vive é bem diferente da partilhada por José António, Abel e Vanda. Rosário revela as inquietações de quem tenta e gostaria de fazer mais e melhor, mas não consegue. Por mais que ela e a colega Isabel Lucas peçam a professores e alunos para enviarem os textos que considerem interessantes e para irem relatando as atividades que vão realizando, "é com muita dificuldade que essa informação depois chega a nós", conta.

6 https://esffranco.edu.pt/web/clubes/leia-ff/.

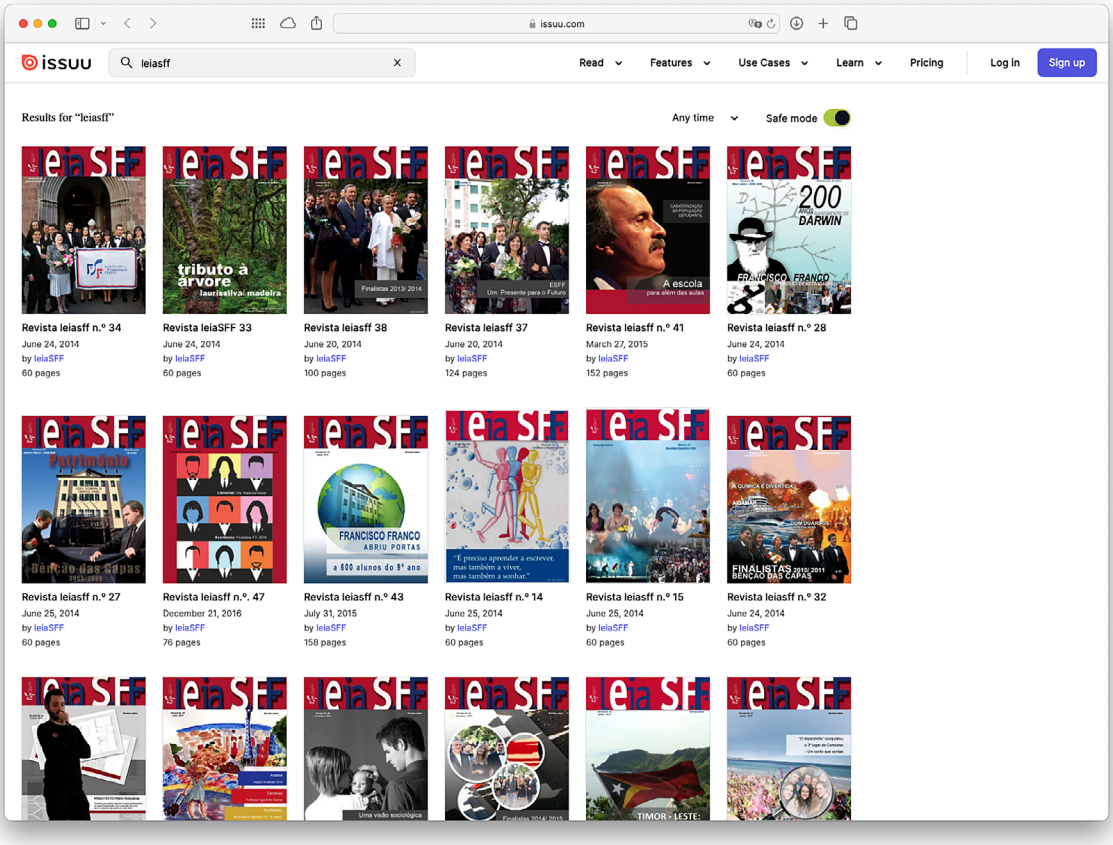


Figura 9
Captura de ecrã da página da *Leia FF* na plataforma issuu.com. *Créditos*. https://issuu.com/leiasff

Figura 10
Páginas de edições diferentes da revista *Leia FF*.
Créditos. Daniel Brandão

Podia pensar-se que são as dificuldades de quem está a arrancar um órgão de comunicação escolar, mas não. A *Leia FF* conta já com 20 anos de história. Em tempos foi uma revista bimensal e publicada em papel, hoje sai em formato digital e apenas duas ou três vezes por ano. Será essa ausência de fisicalidade um dos problemas? É uma das várias hipóteses que Rosário coloca: "é claro que não é 'o que os olhos não veem, o coração não sente', mas também é, esquece-se um bocadinho que ela existe". Voltar a ter a *Leia FF* em papel está posto de parte — não há dinheiro para imprimir. Falta, também, espaço para reunir (numa escola onde há quase 100 turmas), disponibilidade de tempo para dedicar ao projeto e recursos humanos — professores e alunos. Há apenas duas docentes envolvidas — Rosário edita os textos que chegam, Isabel trata do grafismo. E duas alunas — Matilde Cardoso e Sabrina Viveiros, 17 e 16 anos respetivamente, ambas da área de Humanidades, ambas com interesse em jornalismo.

Também elas têm a convicção de que uma revista em papel ajudaria a que o projeto tivesse mais impacto e levasse mais alunos a participar. Mas avançam outros fatores para esse afastamento dos estudantes. "Sinto que, cada vez mais, os alunos estão preocupados com os resultados que vão ter no final do ano ou do secundário e estes projetos, mesmo que despertem interesse, vão deixando ficar [de lado] e vão perdendo o interesse deste modo", nota Sabrina. Matilde acha que a causa para a fraca participação também pode ser encontrada no excesso — "o facto de termos tantas atividades extracurriculares, tantos grupos, tantos projetos, torna muito difícil que cada um tenha o seu reconhecimento por toda a comunidade escolar".

Ainda que seja uma atividade "um bocadinho inglória" porque "há muito trabalho aqui envolvido, mas depois não há um retorno desse trabalho", as duas professoras e as duas alunas prosseguem o esforço de publicação online da revista, que tem como objetivo ser uma espécie de "anuário da escola, ir reunindo tudo aquilo que se faz — os prémios, as atividades", nas palavras da professora Rosário. A *Leia FF* é, na realidade, um pouco mais do que isso. Nas páginas da revista, Matilde e Sabrina fazem, também, entrevistas a pessoas da comunidade ou a ex-alunos da escola que foram bem-sucedidos. E escrevem, ainda, textos de opinião que, como se vê pela resposta de Sabrina quando lhe perguntamos sobre o processo de escolha dos temas que aborda, denotam uma capacidade de olhar e criticar a realidade que a rodeia: "eu vejo por exemplo uma paragem e idosos à espera do autocarro e pergunto-me 'porque é que idosos em pleno século XXI ainda estão à espera do autocarro?'. E penso 'ah, isto é um bom artigo, posso escrever sobre isto'".

Uma Parede que Faz Magia

No Centro Educativo dos Olivais, em Coimbra, há um meio que conta também mais de 20 anos de existência. O *Jornal com Pinta* é um jornal de parede (Figura 11) e digital (Figura 12). Tem, como outros jornais escolares, o propósito de apresentar uma visão global das atividades que vão sendo realizadas no Centro, mas o seu objetivo vai além disso. É terapêutico, de certo modo. "O jornal aparece como sendo um instrumento de demonstração de competências" e de motivação dos alunos. "É sobretudo uma tentativa de os levar a querer escrever, a querer falar sobre determinados assuntos e a querer reportar algumas aprendizagens que vão tendo", elucida Teresa Fonseca, professora de Inglês e também de Cultura, Língua e Comunicação.

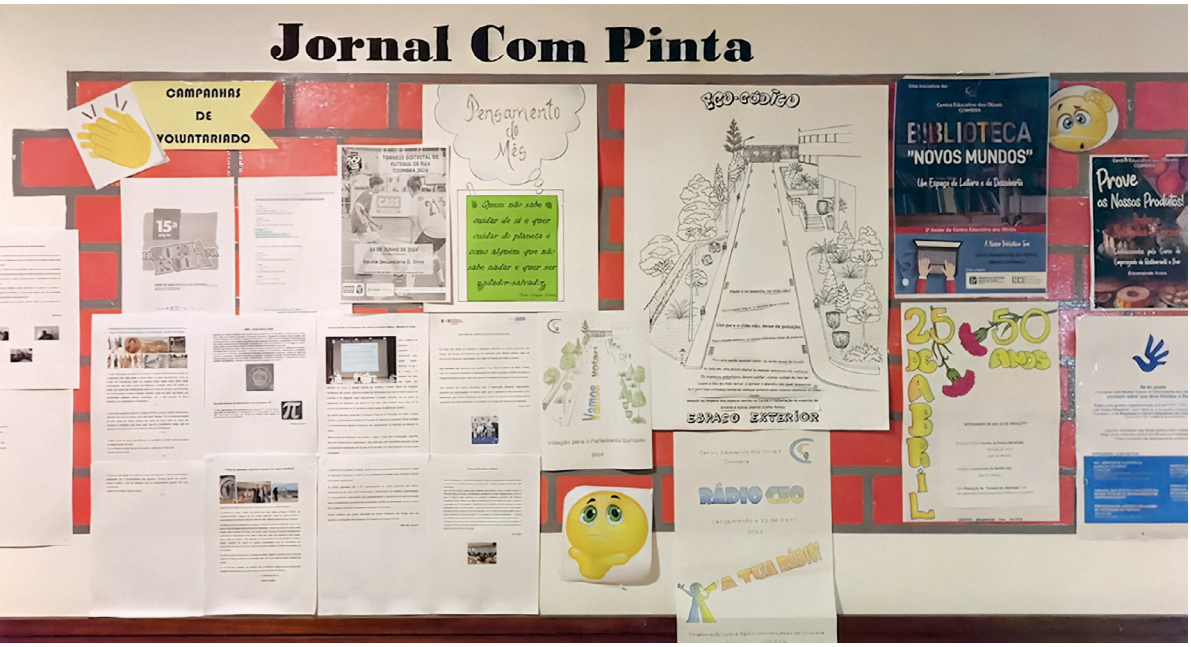


Figura 11
Jornal com Pinta, em formato de jornal de parede.
Créditos. Daniel Brandão

Figura 12
Edição janeiro–março de 2024 do *Jornal com Pinta*.
Créditos. Simulação por Daniel Brandão a partir da versão digital da publicação

As crianças e jovens que vivem no Centro, que funciona como residência e como escola (associada ao Agrupamento Martim de Freitas), têm percursos de vida peculiares. Entraram ali porque têm menos de 16 anos e lhes foi decretada uma medida de privação da liberdade por atos que cometeram. Vêm quase sempre de contextos desfavorecidos e de famílias desestruturadas. O tipo de ensino que recebem tem que ser mais individualizado. Falta-lhes autonomia, hábitos de estudo, capacidade de se concentrarem e realizarem, sem apoio, uma tarefa, revela Luís Travassos, professor de Tecnologias da Informação.

Escrever para o jornal acaba por ser, também, uma forma de injetar a estes jovens a autoconfiança que tantas vezes lhes falta. "Há um certo orgulho, até, às vezes, uma euforia, quando olham para o texto e dizem 'eu fiz isto'. E isso é o que nos pretendemos, que eles sintam que, tal como os outros alunos lá fora, conseguem", transmite Teresa. Luís diz que "esse gosto, esse ego deles", dos alunos, se manifesta nas suas aulas, quando digitam o texto que escreveram antes: "eu digo 'façam uma formatação normal', mas há um conjunto que faz uma formatação e letra artísticas. O que querem é que o artigo deles sobressaia relativamente aos colegas".

Até chegar a esse "orgulho", a essa "euforia", o processo não é, no entanto, fácil. Teresa explica existir uma rotina que começa com ela a dizer "vamos escrever um texto para o jornal". Se a escrita for em grupo, os alunos reagem bem e é tudo mais simples. Quando, pelo contrário, os desafia para a escrita individual, as adversidades são imediatas. A professora já sabe que vai começar por ouvi-los dizer "eu não consigo", repetidamente, e assistir a grandes dificuldades, quer na organização das ideias como do texto. "É um processo longo, um bocado doloroso. Cada um escreve, nós corrigimos, sento-me ao pé de cada um, 'e o que é que achas disto?', 'vamos fazer assim', negociamos", relata. Mas Teresa sabe que no final vale a pena.

A conversa com dois dos alunos revela isso mesmo. I. e M., ambos de 16 anos, encontram-se connosco na biblioteca do Centro Educativo. Sem referir a palavra, I. associa o *Jornal com Pinta* a liberdade — "a gente é menor, estamos aqui dentro, a gente já tem essa limitação, mas no escrever não". É de opinião que ainda podiam escrever mais coisas:

> tipo, a nossa vivência aqui, porque os jovens estão lá fora a ver e, tipo, acendeu uma luz na cabeça deles, então eles vão pensar duas vezes nisso, em vir parar aqui. Eu acho que isso também deveria ser mais escrito no jornal.

Esta ideia vai aparecer várias vezes ao longo da conversa. Tanto I., como M., um pouco mais reservado do que o colega, dizem que desconheciam totalmente a existência de instituições como a que agora frequentam e parecem querer alertar jovens como eles, mas que estão em liberdade, para o que lhes pode acontecer. Parecem ver no jornal potencial para divulgar esse alerta. Mas, dizem, não é tanto isso que fazem no *Jornal com Pinta*: "relatamos aqui as coisas do Centro Educativo, o que acontece. Não acontece muita coisa, mas a gente relata tudo, vamos supor, trabalhos que a gente

faz com os professores", explica I.. "Atividades. De pessoas lá fora que vêm cá dentro [falar] sobre vários temas", acrescenta M., observando que o jornal "contribui para o nosso crescimento, cultura, em algumas coisas". Quando se lhe pede que concretize, recorda assuntos, como a "educação alimentar", que desconhecia e sobre a qual aprendeu graças a pessoas que o Centro levou à instituição para falarem. Conta, também, como aprendeu a tocar viola desde que chegou e transmite a satisfação que é, para ele, escrever sobre isso no jornal: "dá gosto em falar disso, em explicar o que aprendi". A tal dose de autoconfiança que essas atividades lhe parecem trazer, vem ao de cima: "dá para mostrar que nós também conseguimos fazer as coisas, temos talento".

Não se pense que o desenvolvimento da autoconfiança espoletada pela participação em jornais escolares se verifica apenas em contextos como o do Centro Educativo dos Olivais. António Paiva, do *Comunica*, diz que várias vezes está na sala de professores e vem um colega perguntar-lhe: "tu já viste o que é que fizeste? Puseste o não-sei--quem a fazer um telejornal. Ele na minha aula é um caos, não consigo que ele faça nada. Vocês conseguiram tê-lo ali!". Para o professor fundador do *Comunica* a chave do sucesso está na construção de um espaço — o jornal — "onde eles sabem que são ouvidos". Por vezes, são os próprios professores a darem um empurrãozinho. A professora Cristina Rodrigues, também do *Comunica*, conta que às vezes vão ter com miúdos que seria quase impensável verem à frente de uma câmara a apresentar seriamente as notícias e dizem — "ajuda aqui que precisamos de alguém para fazer o telejornal. Não queres fazer?".

Bárbara Simões refere ter conhecimento de histórias semelhantes — "alunos que não se identificavam muito com a escola e [para quem] o jornal foi um elemento de valorização". Mas, claro, como já se viu atrás, pelos testemunhos de vários estudantes, e como se verá também mais à frente, a experiência não acrescenta só a quem é mau-aluno.

Inês Azevedo, 13 anos, da Escola de Branca, resume o que parece ser a sensação de todos, independentemente do aproveitamento escolar: "nós gostamos do facto de que o que nós produzimos vai ser muito valorizado, estamos a escrever para um jornal escolar, é uma responsabilidade e eu gosto de ter responsabilidades".

Voltando a I. e M., no discurso de ambos, o jornal surge muito como uma forma de ligação aos outros — para alertar, para mostrarem a evolução que sentem estar a fazer, para se sentirem próximos de quem está lá fora: é um meio "de comunicação com a nossa família", sublinha I., contando, satisfeito, que, quando fala com a mãe por telefone, constata que ela viu o que publicaram. Recorda, por exemplo, este episódio: "houve um Natal, ela não pôde vir, mas viu imagens [através do jornal]".

Tanto para I. como para M. há uma função mais que o jornal cumpre: a de agradecimento às pessoas que vão ao Centro ensinar-lhes e falar-lhes sobre vários assuntos: "quando eles vêm cá, voluntariamente, a gente sente que não estamos esquecidos, querem-nos ajudar", transmite I.. A escrita transforma-se, então, numa forma de gratidão: "a gente retribui, coloca no jornal, agradecendo que veio aqui fazer isso".

Pelo contexto em que é realizado, o *Jornal com Pinta* é um caso à parte no panorama dos órgãos de comunicação escolares e não permite muitas comparações. Apesar de ter uma versão digital, os alunos estão impedidos de ter acesso a telemóveis e a computadores com ligação à internet. Luís Travassos explica que o isolamento face às tecnologias é imposto aos alunos por uma "necessidade de eles se desligarem da realidade e do bairro onde estavam inseridos". De qualquer forma, o professor julga que seria difícil usar a internet com eles para fins de aprendizagem, pois nota o estado de euforia em que ficam quando veem um *browser* e tem a convicção de que só quereriam usar as tecnologias com propósitos lúdicos.

Ferramentas Para Desabrochar

A sul, em Évora, sem condicionamentos de qualquer tipo a esse nível, a professora Maria João Paulino decidiu introduzir alterações ao Clube de Comunicação Social que já existia quando, há quatro anos, chegou ao Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício. Abandonou uma *newsletter* em papel que era publicada e criou uma plataforma digital — a *Patrício's News*[7]. "Hoje em dia [para] os miúdos é tudo mais digital e, até para eles mexerem e serem eles a construir, é mais motivador", justifica. O jornal tem também página no Facebook e no Instagram, mas aí são apenas os professores a publicar conteúdos. A experiência tem sido muito positiva, como o empenho que se vive na redação transmite (Figura 13 e Figura 14). À pergunta "é fácil trazê-los para cá?", a coordenadora responde assim: "ah, é muito fácil. Eles nunca faltaram, nunca!".

Figura 13
Aluna colaboradora do *Patrício's News* a trabalhar no jornal. *Créditos*. Daniel Brandão

7 https://ccs-aemfp.weebly.com/.

Figura 14
Alunos colaboradores do *Patrício's News* a trabalhar numa peça sobre o projeto *bYou* para o jornal.
Créditos. Daniel Brandão

O Clube funciona todas as quartas-feiras à tarde, um período em que não há aulas na escola. E o regime é voluntário, partilha:

> não tenho esse objetivo, de ter um caráter obrigatório, de ter faltas, porque acho que isso limita um bocadinho e pretendo que seja um clube divertido, leve, sem a rigidez que às vezes as aulas têm. Pretende ser uma coisa agradável. Eles vêm porque querem, porque gostam do que estão a fazer.

Se ouvisse as palavras de Maria João, Bárbara Simões concordaria totalmente — "o jornalismo escolar é uma coisa que dá muito gozo, não faz muito sentido, nem pode ser feito [como] 'é mais uma coisa que têm de fazer', 'é mais um trabalho para o jornal'". Na redação da *Patrício's News*, os alunos podem até pôr música ambiente, e escolher as canções que querem ouvir, o que também parece ajudar à boa energia que se sente na sala. No entanto, nem tudo é simples…

Dar voz aos alunos, por exemplo, foi um "processo", um "caminho", porque "no início eles não conseguiam. Praticamente copiavam e colavam as notícias [que os professores enviam para o email do jornal], não faziam mais do que isso", observa Maria João. Agora? "Agora já conseguem fazer uma notícia eles próprios, fazer entrevistas. Depois nós ajudamos a construir, claro, mas a maior parte é tudo feito por eles".

Fernanda Alves, também coordenadora do Clube, junta-se à conversa para recordar um episódio que ilustra essa mudança de atitude nos alunos:

> no ano passado, veio cá uma jornalista entrevistá-los, eles acharam aquilo o máximo, estavam eufóricos. Vieram a correr: 'professora! Vamos ser entrevistados, vamos ser entrevistados!'. E aquela sessão virou uma coisa diferente, eles deram a volta e entrevistaram eles a jornalista, que veio fazer a cobertura da floresta

> Miauaqui [plantada na escola seguindo um método japonês que permite um crescimento mais rápido de árvores e criar um espaço de biodiversidade].

O método de trabalho que introduziram no Clube de Comunicação Social terá ajudado a esta capacidade de autonomia dos alunos. Fernanda explica que "normalmente, eles vão saber o que se passa na escola, ver se há alguma coisa a decorrer que seja do interesse deles e que queiram fazer". Maria João já tinha comentado que a preocupação em dar-lhes ferramentas não é só do Clube, é de todos os professores, nas disciplinas que têm, especialmente em Português — "são estimulados para isso e depois fica lá o bichinho. E eles são curiosos, gostam de fazer, de produzir, de fazerem a interação. São mesmo eles que definem, que fazem, que orientam", prossegue Fernanda.

O entusiasmo nota-se, também, nos pedidos que endereçam às professoras responsáveis pelo Clube: "quando é que temos os nossos microfones? E as câmaras? E os coletes a dizer 'jornalista'?". Maria João e Fernanda garantem-lhes que vão ter: "calma, tudo a seu tempo", respondem-lhes.

Martim Valério, 11 anos, acha que o prémio que receberam do *PnE* vai ajudar a isso e a mais: "vai-nos ajudar muito para adquirirmos equipamentos para melhorarmos a nossa qualidade, podermos fazer coisas melhores". Mas, afinal, o que é que se faz mesmo no *Patricio's News*? Publica-se sobre "[temas] da escola — é o que temos mais —, mas às vezes também temas da cidade e, às vezes, até do país", elucida ainda Martim, que se afasta um pouco do grupo de repórteres que está a trabalhar à volta de uma mesa para falar connosco. Francisco Reis, 11 anos, fala mais dos géneros jornalísticos a que costumam recorrer: "[fazemos] notícias e, às vezes, entrevistas, minientrevistas, a alunos ou funcionários ou professores". Considera que o trabalho que desenvolvem, em equipa, é importante: "para os alunos ficarem a saber que não há só notícias na televisão, que há notícias nas escolas, e ficarem informados do que aconteceu ou vai acontecer". O aluno do 6.º ano garante que tem colegas que às vezes comentam o que sai no jornal da escola. Maria Luíza Pacheco, 11 anos, também ouve conversas sobre o que publicam: "há pessoas que estão cá na escola, mas não sabem de muitas coisas. Quando veem as notícias dizem 'ah! Não sabia que havia disto cá na escola'". Ela acha que é sobretudo essa a razão pela qual gosta tanto de trabalhar no jornal — "eu gosto que as pessoas fiquem a saber outras coisas novas através do nosso trabalho". Já tentou até chamar outros colegas a juntarem-se ao projeto, mas, conta, "eles só davam desculpas — 'ah, tenho a tarde livre já ocupada com outras coisas e então…'". Já Lucas Gomes, 11 anos, entrou mesmo no jornal graças ao desafio de um colega jornalista e está muito satisfeito. Como acontece em várias escolas, é mais um aluno a dizer que o meio de comunicação o ajudou a superar a timidez — "aprendo a falar com os outros sem ter vergonha", diz-nos. Já fez algumas entrevistas, mas tem sobretudo escrito notícias. Inês Amador, 10 anos, acha divertido entrevistar pessoas na escola. "Lembro-me há pouco tempo que a gente fez [entrevistas] sobre qual é que elas achavam que era a palavra do ano", conta. Viram a notícia da escolha da palavra do ano dinamizada por uma editora nacional e, por iniciativa própria, um grupo de alunos decidiu ver qual é que a comunidade escolar escolheria como palavra do ano. "Guerra" saiu vencedora.

Em Vez de Campainhas, Rádio

Quem sabe se do Clube de Comunicação deste Agrupamento de Escolas de Évora não sairão futuros jornalistas profissionais. Paulo Martins, da *Rádio Impacto*, já viu isso acontecer. Conta 20 anos como coordenador desta rádio escolar de Oliveira de Azeméis (Figura 15 e Figura 16). O projeto já existia quando ele chegou à Secundária Ferreira de Castro, em 2003, mas tinha praticamente desaparecido depois de um ano em que ficou entregue à Associação de Estudantes. Coube-lhe ressuscitar aquela que — pensa — é "a rádio escolar mais antiga do país em funcionamento". O projeto começou em 1998 e Paulo sabe que, logo nesse ano e no seguinte, o professor que dinamizava a rádio e os seus alunos organizaram dois encontros nacionais de rádio escolares na cidade, abrindo-se assim também à comunidade. O atual coordenador da *Rádio Impacto* confessa que sente orgulho na história do meio de comunicação, que surgiu com o objetivo de "acabar com as campainhas no início e no fim das aulas" e que passou a "fazer parte da vida da comunidade".

A importância da rádio para uma escola "é enorme", assegura. Tem pena que as escolas que não têm uma não cheguem a saber "a falta que lhes faz": "é muito interessante na vida da escola, nós sabemos que somos ouvidos, temos *feedback*, mesmo os miúdos falam uns com os outros, e alguns professores não se esquecem e, quando têm uma atividade, enviam-nos informação para divulgarmos". Não é tudo. Paulo fala, também, das múltiplas colaborações: com a biblioteca escolar, com as disciplinas, com os domínios de autonomia curricular das turmas. Exemplos? O mentor do projeto tem muitos: "agora tenho estado a fazer gravações com alunos de vários anos para participarem no Concurso Nacional de Leitura em Voz Alta". Outras vezes são turmas que "têm necessidade de fazer gravações e vêm aqui". De forma mais formal ou mais informal, há uma vontade de interagir com todas atividades da escola, explica o professor. E a verdade é que a rádio está no plano educativo daquele estabelecimento de ensino como um dos projetos de referência. Os alunos agradecem.

Figura 15
Aluna colaboradora da *Rádio Impacto* em direto.
Créditos. Daniel Brandão

Figura 16
Duas alunas colaboradoras da *Rádio Impacto* operam a mesa de mistura durante a emissão.
Créditos. Daniel Brandão

Letícia Figueiredo, 17 anos, está no 12.º ano e, antes de ser locutora da *Rádio Impacto*, já era ouvinte: "estou aqui [na escola] desde o 10.º ano e sempre ouvi a rádio. Tive interesse em vir para aqui, pôr as músicas, falar, dar informação". Conta que tinha uma sensação boa quando uma aula acabava e começava a ouvir a rádio — "quando inicia a música é sinal que é intervalo", diz. Juntamente com a colega Isaura Mortágua, 16 anos, Letícia decidiu-se a participar no projeto, em vez de apenas o apreciar nos intervalos. Além de escolherem músicas — tarefa que adoram —, também estão recetivas a pedidos dos colegas: "é divertido, porque eles também ficam felizes, estão a ouvir o que gostam", comenta Isaura. Entre um tema e outro vão ainda dando notícias. A rir, Letícia observa: "somos as primeiras a saber dos eventos da escola". Isaura acrescenta que há espaço para outras informações também: "semanas e dias mundiais de alguma coisa, coisas assim".

As notícias ficam geralmente a cargo do professor — "sei mais ou menos o que se passa e o que vai acontecer", diz Paulo. Por isso, prepara as informações a dar, envia-as para o email da rádio e aos alunos cabe apenas abrir e ler. De resto, fazem reuniões num intervalo, de 15 em 15 dias, para programar outras tarefas extra que queiram fazer, como cobrir um acontecimento da escola. E o grupo que criaram no WhatsApp também tem dado uma ajuda à comunicação entre a equipa.

Tal como Maria João, da *Patrício's News*, Paulo acha que não é difícil arranjar alunos. Porém, no caso dele, afirma ser difícil ter interessados que disponham de tempo para fazer formação: "os alunos hoje têm muitas outras solicitações e arranjar tempo livre fora dos intervalos é muito difícil". Ultrapassado este obstáculo, o professor nota que "o bichinho da rádio se instala" nos jovens estudantes. "Os que vêm são muito regulares, gostam muito", continua.

Há alunos que começaram no 7.º ano e colaboraram com a rádio até ao 12.º. André Costa, 10 anos, pode superar essa meta, visto que está no 5.º ano e ainda tem oito

anos pela frente como aluno do Agrupamento. É o repórter mais novo da *Rádio Impacto* e tomou a iniciativa de se juntar ao projeto porque tem o sonho de ser jornalista. Acha que a rádio na escola é importante, sobretudo pelo que divulga: "ajuda as pessoas a saberem informações que podem ser precisas, como atividades que podem estar a ocorrer", pensa. Já Gabriel Barbosa, 16 anos, chegou à *Rádio Impacto* por razões diferentes. No caso dele, tudo começou com um plano de autossuperação: "queria ficar sem vergonha, sair um bocado da zona de conforto, como sou uma pessoa muito tímida". Os microfones têm-no ajudado: "de alguma forma, vou perdendo o meu medo de falar com as pessoas", autoavalia-se. Está no 11.º ano e já conhece o tal "bichinho" da rádio de que Paulo falava. Normalmente, nos intervalos vai a correr para o estúdio e já aconteceu, até, falar com professores para o libertarem das aulas para poder ir cobrir algum evento.

Numa Onda — Pouco Curta — De Autonomia e Responsabilidade

Da *Rádio Impacto* em Oliveira de Azeméis à *Rádio Vale do Tamel*[8], do agrupamento de escolas com o mesmo nome, em Barcelos, é mais ou menos uma hora e meia de distância. Quando chegamos, encontramos seis alunos — todos rapazes, todos com 13 anos e da mesma turma de 8.º ano — a fazer um programa de rádio (Figura 17 e Figura 18). Estão sentados, partilham os microfones existentes no estúdio — uma antiga arrecadação de material informático obsoleto reconvertida e devidamente insonorizada. Falam de futebol, comentando o jogo Brasil–Argentina no estádio de Maracanã, no Rio de Janeiro, em que se registaram confrontos graves entre os adeptos das duas equipas e a polícia. Conversam com grande à-vontade. Dir-se-ia que se prepararam bem para a tarefa.

Figura 17
Alunos colaboradores da *Rádio Vale do Tamel* gravam um programa. *Créditos*. Daniel Brandão

8 https://radiovaledotamel.blogspot.com/.

Figura 18
Aluno colaborador no estúdio da *Rádio Vale do Tamel*.
Créditos. Daniel Brandão

Já com o programa concluído, um dos alunos, Martim Oliveira, diz que apenas ensaiaram uns cinco minutos antes de começar, mas justifica a postura solta: "nós aqui na nossa rádio trabalhamos muito a parte do falar, ou seja, comunicar". Vítor Diegues confirma. É professor de Educação Visual e Tecnológica com uma vasta experiência de rádio (iniciada nos anos 80 quando surgiram as primeiras "rádios piratas") e foi ele quem, em 2009, fundou o projeto na escola sabendo do potencial de aprendizagem que tem para os alunos. O primeiro período é, em geral, dedicado à formação: "são-lhes dadas noções básicas de linguagem de rádio, a importância de colocar a voz", revela. É uma etapa de que Vítor não abdica: "os alunos quando chegam cá, têm a tendência de começar a ler ao microfone e, portanto, a ideia é desmontar um pouco isto", levá-los a pensar em "quem está do outro lado a ouvir". A formação também tem uma componente técnica, em que aprendem a fazer edição de áudio usando um software, o Audacity, que Vítor descreve como sendo bastante fácil e intuitivo.

Formar os alunos é essencial, também, porque há muito trabalho que é feito por eles de forma autónoma, sem a presença do professor. "Sendo uma atividade lúdica, o objetivo é que eles saibam ter um sentido de responsabilidade", comenta. Há um conjunto de regras que todos cumprem para assegurar que tudo funciona bem — "temos uma sebenta cá no estúdio em que assinam no dia e na hora em que estiveram cá, registam se verificaram alguma anomalia ou se aconteceu algo de importante".

Curiosamente, no caso de alguns dos alunos que estão em estúdio, a paixão pela rádio já existia antes de experimentarem estar, eles próprios, ao microfone. Martim fala da avó que se liga à rádio quando está cansada de ver os programas de televisão; Duarte Correia recorda a fábrica do avô, onde a telefonia está sempre ligada; Afonso diz que ganhou o gosto quando, nas férias, ia com a mãe para o trabalho dela e ouviam o programa *As Três da Manhã*, da Renascença, no rádio no carro. Já para Afonso Caridade, a vontade de se juntar ao grupo nasceu quando passou à porta do estúdio

pela primeira vez e viu uma mesa que lhe lembrou a mesa de mistura do padrinho do irmão que é DJ — "quero experimentar aquilo", pensou. No grupo estão também Simão Barros e Filipe Bruno.

Graças à rádio da escola, todos passaram a conhecer o outro lado da rádio e a saber dizer como é a experiência. Martim descreve a rádio como "um mundo diferente do que quando estamos lá fora". Vê-a como "um exportador de cultura, que nos possibilita ter um diálogo entre nós, com o público lá de fora". Simão diz que "é uma coisa que nos deixa mostrar os nossos talentos a muitas mais pessoas, os nossos gostos com a música e ajuda-nos a entender mais das técnicas de mexer aqui no material". Filipe soma à lista a ajuda que a rádio lhes dá "na realização de vários trabalhos", por exemplo de Cidadania, e como o meio de comunicação lhes permite, além da música, "passar a informação do mundo lá fora para aqui, para a nossa escola".

Para esta tarefa, de construir blocos de notícias, Vítor explica que os alunos se apoiam muito no jornal da escola, o *Escola Ativa*. Mas, noutras áreas, são eles próprios que fazem o trabalho — entrevistas, por exemplo, ou programas, como aquele a cuja gravação assistimos, ou mesmo outros, de cultura geral, assuntos de atualidade ou onde trabalham temas explorados em disciplinas, nomeadamente de Cidadania, como o *bullying* e o *cyberbullying* ou o uso correto de tecnologias.

Tal como Paulo Martins, também Vítor descreve a rádio na escola como uma árvore cheia de ramificações. Fala da articulação com várias disciplinas — os "colegas que trabalham o teatro radiofónico" são apenas um exemplo — e com outras valências da escola, "como a biblioteca escolar, o Gabinete do Aluno ou o Clube de Robótica, que faz muita produção áudio gravada aqui na rádio". As pontes são lançadas até para fora do estabelecimento de ensino — com encontros nacionais de meios de comunicação escolares ou com projetos universitários, como um, luso-galaico, o *Ponto nas Ondas*. E a própria rádio, além de ser emitida em circuito interno, está disponível na internet. A diferença é que, para a web, os alunos não fazem diretos. Há sempre um trabalho de edição prévio. Dentro e fora da escola, a *Rádio Vale do Tamel* tem vindo a ser distinguida de diversas formas. A conquista do selo de "Escola Amiga da Criança" é um dos muitos reconhecimentos que deixa Vítor orgulhoso.

As Oportunidades que Nascem dos "Fracassos"

Como Vítor Diegues, Luís Maia, professor de Português, é a prova de que muitas vezes os projetos de jornalismo entram na escola pela mão de alguém que teve aventuras anteriores na comunicação social. No caso de Luís, enquanto estudante do ensino superior, fez alguns artigos para jornais de Lisboa, hoje já extintos, como *A Capital* ou o *Diário Popular*. Nota que lhe "ficou sempre esta relação com o jornalismo", de que não se divorciou enquanto professor. Na escola, neste âmbito, transmite que o que mais lhe interessa é "construir jornais que sejam principalmente produto de alunos — embora sejam sempre também produto de professores —, que os leve a ter um olhar com discernimento não só para a escola, mas para o mundo que os rodeia". A ideia que quer passar aos estudantes é, sobretudo, esta: "não podemos ficar fechados no espaço, na comunidade em que estamos, [devemos] abrirmo-nos para o mundo, mas olhar para ele de uma forma crítica, pensada".

Foi o que tentou fazer numa escola onde esteve em Sesimbra, logo no início da carreira, e, mais tarde, num jornal com nome de código postal — o *2800* — na Escola Emídio Navarro, em Almada. Sobre o primeiro projeto não tem reservas em dizer que "falhou completamente"; sobre o segundo admite que os números lançados foram "muito inconstantes, muito irregulares", mas que já começou, com a equipa, a "fazer qualquer coisa com algum critério". Prova disso é que, aquando das comemorações dos 25 anos do semanário *Expresso*, em 1998, foram convidados a coordenar um jornal de jornais escolares a nível nacional. Mas a sua grande aventura — antes de chegar onde está hoje — dá pelo nome de *Mar da Palha*. A partir de 2002 recuperou, também na Emídio Navarro, este título de um jornal que tinha existido na escola nos anos 80 e viu-o crescer, sob a sua alçada, ao longo de 20 anos.

Agora, na Escola Secundária Cacilhas-Tejo, também em Almada, onde chegou há pouco tempo, lançou o *Margem Certa*, de que já foram publicados alguns números. O que pretende com este jornal mantém-se dentro da filosofia atrás partilhada. A questão certa a colocar parece ser "mas como é que isso se faz?". Luís dá a receita: "tentamos sempre que o jornal não seja apenas um boletim informativo do que é feito na escola — para isso há as *newsletters*, as páginas da escola, etc. — mas sim ver como eles [os alunos] olham o que os rodeia, ver se isso os ajuda a observar coisas que não observariam de outra maneira, os desperta para outras situações".

Estar aberto ao que são os desejos dos alunos parece ser outra chave importante. E, por vezes, eles não correspondem ao que os adultos imaginam, como o professor José António Gouveia, da Escola Jaime Moniz, na Madeira, já havia notado. Luís conta que o *Margem Certa* se publica em papel por vontade dos jovens que formam a equipa. "É curioso", observa, "eles, que não leem jornais em papel, quando propus [um jornal digital] disseram 'não, não, queremos ver em papel, queremos as coisas escritas, queremos ver aquilo que nós fazemos em papel'" (Figura 19 e Figura 20).

Figura 19
Capas do jornal *Margem Certa*.
Créditos. Daniel Brandão

Figura 20
Capa e páginas da primeira edição do *Margem Certa*.
Créditos. Daniel Brandão

Os alunos chegaram ao jornal ou em resultado de uma campanha de divulgação do projeto realizada na escola, ou por convite do próprio professor. Beatriz Martins, Luísa Gonçalves, Mariana Guerreiro e Sara Faquinéu, de 15 anos, são todas alunas de 10.º ano de Luís Maia e aceitaram o desafio do professor para se juntarem ao *Margem Certa*. Luísa diz que, apesar de gostar de ler e de escrever, "a motivação do professor" foi determinante na decisão. Não esconde que a experiência tem momentos "complicados" — "por causa do nosso horário com os testes", diz. Mariana concorda — "perdemos um bocado de tempo". E Sara também — "às vezes é stressante porque há prazos e coisas tipo bloqueios mentais, como é que escrevo este texto?". Apesar disso, todas voltariam a fazer o mesmo, porque "é fixe", "é giro", "ficamos contentes com o resultado", "é uma coisa que gostamos de fazer e também nos proporcionou mais experiências".

O desejo de Luís — de usar o jornalismo para pôr os estudantes a observar outras realidades — fica claro que está a ser cumprido na conversa que temos, numa sala de aula vazia, com estas jovens. Sara e Beatriz fizeram um trabalho sobre os gatos da escola. "Nós entramos aqui e percebemos logo que há gatos, mas não sabemos muito sobre eles", constata Sara. Beatriz explica que foram em busca "da origem dos nossos gatos" e descobriram que a presença dos felinos por ali é mais antiga do que a própria escola. "Aqui existiam só barracões e já havia gatos", acrescenta. Além disso, exploraram o comportamento dos animais e a relação deles com alunos, professores e auxiliares. Já Mariana e Luísa saíram mesmo do recinto escolar, foram fazer uma visita a um espaço que tinha acabado de abrir na cidade, o Museu da Água e conversar com o diretor. "Falou-nos sobre muitas coisas que nós não sabíamos, como o consumo de água aqui em Almada e de atividades que nós podemos fazer lá", comenta Luísa.

Luís Maia parece estar a conseguir fazer algo que as duas coordenadoras do *PnE* apontam como um problema em muitos jornais escolares. Luísa Gonçalves constata haver "uma grande dificuldade em sair da escola" e "pouco contacto com a sociedade mais alargada". Algo que a coordenadora do *PnE* vê como fundamental: "a sociedade civil e a escola têm que ser uma coisa de muita proximidade". Bárbara Simões considera que "o que mais falta nos jornais escolares é jornalismo". E lamenta essa ausência, desde logo porque — frisa — "o jornalismo ajuda a conhecer melhor o mundo em geral e, portanto, ajuda a conhecer melhor o mundo que está ali à nossa volta". Além disso, reforça ainda Bárbara,

> o jornalismo proporciona coisas diretamente porque nos põe em contacto com pessoas, mundos, vivências, assuntos, em que nunca repararíamos se não fosse pelo jornalismo. E indiretamente, porque a partir do momento em que estão nos jornais escolares, há coisas que vão acontecendo por causa disso.

Uma das edições do *Margem Certa* teve essa proximidade mesmo como tema central. Luís encarregou vários alunos de escreverem cada um sobre uma parte da cidade de Almada, a propósito dos 50 anos do município. Para Sara, o contributo que deu para essa edição foi um trabalho inesquecível. Partilha o gozo que teve ao escrever sobre

o que Almada, onde vive, significa para ela: "foi, para mim, o [texto] mais marcante porque foi a minha vivência e baseie-me também um pouco naquilo que os meus avós me disseram, perguntei-lhes um pouco também".

A organização do jornal *Margem Certa* é pautada pela informalidade: "não temos inscrições, não temos clube de jornalismo, não fazemos reuniões de forma periódica, utilizamos muito o WhatsApp. Fazemos reuniões quando chegamos às partes mais decisivas, mas tentamos evitar um conjunto de formalismos", assume o professor Luís Maia, notando que essa é também uma forma de dar duas coisas aos alunos — liberdade e responsabilidade.

A conversa com as alunas permite descobrir outra competência em desenvolvimento graças ao jornal — o trabalho em equipa. "É um bocadinho complicado quando é questão de [escrever artigos] em grupo", transmite Beatriz, "porque cada um quer fazer a coisa à sua maneira e depois temos de adaptar". "E concordar no que colocar e não colocar [no artigo]", ajuda Luísa. Mas conseguem ver vantagens, também, nesta forma de trabalhar: "assim a escrita é mais coletiva. Há alguns detalhes que eu não vejo e que ela se calhar vê, e vice-versa", diz Beatriz. E há a questão dos "pontos de vista diferentes", refere ainda Sara.

Fazer os Alunos "Sentirem-se Parte da Sociedade"

Em Albergaria-a-Velha, outra conversa em grupo, desta vez com os quatro professores envolvidos no jornal impresso *Escrita Irrequieta*, do Agrupamento de Escolas de Branca, revela que o adjetivo, no nome, não é um acaso. Nota-se um certo desassossego nos pensamentos e nas reflexões da equipa, uma disponibilidade para adaptar, encontrar novos caminhos, mudar. As próprias entrevistas que realizámos aos alunos e alunas envolvidos no projeto, na biblioteca da escola, são escutadas por alguns dos docentes, discretamente, à distância, para tentarem compreender o sentimento dos alunos que participam no jornal, os pontos que resultam e aqueles que poderão ser melhorados. Em mente, estes professores parecem ter sempre a formação de cidadãos irrequietos e não apenas de alunos.

Dora Gomes, professora de Português e adjunta da diretora da escola, afirma que

> eu acho que a experiência deles aqui [no jornal] é uma mais-valia, sobretudo porque eles estão a tomar consciência de que "eu sou um ser pensante", "eu sou capaz de fazer" e acho que falta dar-lhes aqui o "sou capaz de alterar".

Retira a última conclusão do que conseguiu ouvir da nossa conversa com os alunos e põe-se logo a pensar como pode trabalhar esse ponto com eles. João Paulo Lourenço, responsável pela fundação do *Escrita Irrequieta*, há mais de 20 anos, julga que outro ponto positivo do jornal é a capacidade que o trabalho desenvolvido tem de "pôr os alunos a olhar para além das paredes da escola". Professor de História, habituado a levar notícias para a sala de aula, acha que o meio de comunicação escolar tem o

poder de fazer chegar "a atualidade, o mundo real" à vida dos alunos (Figura 21 e Figura 22). "E também é muito importante eles perceberem e poderem verificar que o trabalho individual deles serve para o coletivo", acrescenta Rui Henriques. Este professor de Educação Visual, responsável pela imagem gráfica do jornal, realça a importância deste ponto por julgar que, em sala de aula, ao fazerem trabalhos de grupo, os alunos não são capazes de se aperceber dessa dinâmica, que vê como fundamental para a aprendizagem da participação democrática — "pensam que uma coisa sou eu, outra coisa, que está lá fora, é a sociedade".

Cristina Silva, professora bibliotecária, inventa uma palavra para reforçar a ideia do colega: "no jornal, a aprendizagem que fazem é *descolarizada*. *Descolariza-se* e eles sentem-se membros da sociedade". A professora esmiúça o que quer dizer: "o trabalho de grupo em sala de aula é muito escolarizado e essas competências da cidadania às vezes ficam um bocadinho esquecidas".

Nas entrevistas que realizámos, outros professores focaram esta questão. Vítor Diegues, da *Rádio Vale do Tamel*, vê a participação nos órgãos de comunicação escolares como algo que permite aos alunos "inverter um bocadinho a condição de recetores de informação na sala de aula" e torná-los em agentes. Uma das mais-valias que destaca dessa inversão de papel é ao nível do desenvolvimento da autonomia. Jorge Dias, o diretor da escola do Freixo que é entusiasta do jornal que tem no seu estabelecimento de ensino, o *Comunica*, é de opinião que as escolas podem e devem implementar atividades como as dos *media* escolares: "as aprendizagens não devem estar limitadas apenas à sala de aula e ao desenvolvimento do currículo específico de cada uma das disciplinas". Sem pôr estas em causa, defende que é importante "criar oportunidades para os alunos experimentarem e identificarem a sua zona de conforto ou, por outras palavras, experimentarem as suas motivações", algo em que

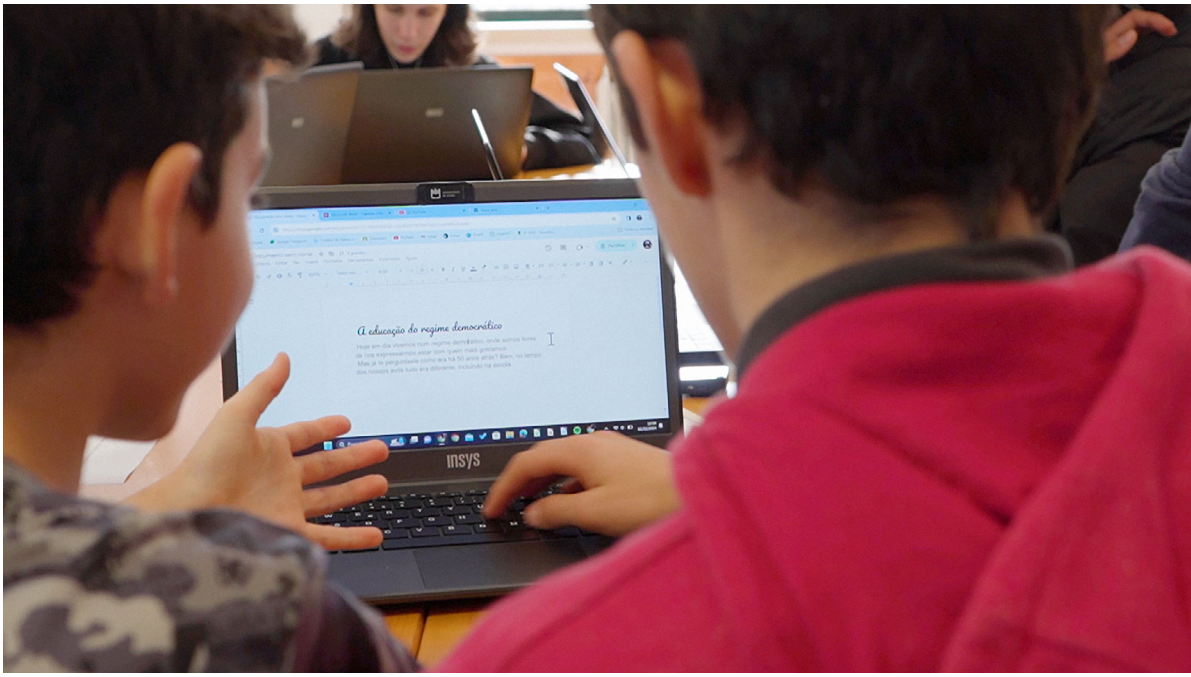


Figura 21
Alunos colaboradores do *Escrita Irrequieta* trabalham num texto para o jornal.
Créditos. Daniel Brandão

Figura 22
Alunos colaboradores a trabalhar no *Escrita Irrequieta*.
Créditos. Daniel Brandão

julga os *media* escolares poderem desempenhar um papel importante. Vítor Diegues considera-os de uma importância tal que diz mesmo: "projetos como este deviam ser quase uma disciplina obrigatória". Para Rosário Antunes, professora da Secundária Francisco Franco, "tudo tinha que ser revisto, mas de fundo". Avança com outra ideia:

> será que todas as disciplinas que todos os cursos têm são fundamentais? Será que não se podia deixar algumas obrigatórias, mas depois [haver] outras em que eles pudessem escolher, e fazerem eles próprios o seu currículo e depois então tentar conciliar melhor com as atividades extracurriculares?

Nestas, considera, "eles escolhem pelo que gostam, pelo que lhes interessa. E é, portanto, normal que até seja uma aprendizagem mais fácil, e se calhar até mais profunda, numa atividade extracurricular do que exatamente dentro da sala de aula".

Sobre o que distancia o Clube de Informação e Jornalismo e a sala de aula, não são apenas professores e diretores a encontrar diferenças e mais-valias. Aliás, Ana Beatriz e Catarina, do *Se Bem Nos Lembramos*, já o tinham feito. Aqui, na Escola de Branca e no *Escrita Irrequieta*, a aluna Inês Azevedo, 13 anos, destaca outro aspeto, neste âmbito: "podemos, tipo, dar asas à nossa imaginação, podemos criar coisas novas e é diferente do que numa disciplina, onde já temos um programa pré-definido".

Por acaso, o tema em que estão a trabalhar para o jornal neste momento — o período antes do 25 de Abril — foi "puxado" pelos professores, mas já houve vezes em que os alunos foram ouvidos também nessa escolha. E, outras vezes ainda, não houve tema a orientar os números (Figura 23). "Quando não há um guia, há uma certa dificuldade [em saber sobre o que escrever], pode ser muito aleatório", opina Letícia Vilar, 15 anos, como quem pede aos professores uma certa orientação para avançar. Conta

Figura 23
Várias páginas de edições do *Escrita Irrequieta* numa exposição em Albergaria-a-Velha. *Créditos*. Daniel Brandão

que, numa dessas vezes sem tema, estava a ver as notícias no Google *feed* quando se deparou com uma celebridade que tinha sido cancelada e pensou: "nossa, mais uma! Talvez seja uma boa ideia para escrever no jornal". Avançou.

Escrever era algo que Gabriel Antão, 13 anos, via como um "fardo" quando começou no *Escrita Irrequieta* (é o aluno que está lá há mais tempo, entrou no 6.º ano e está hoje no 9.º). A sua primeira colaboração com o jornal foi através do desenho — "sobre maus tratos a animais", recorda-se ainda. Mas, entretanto, as coisas mudaram: "se for um tema que eu realmente goste, num momento estou a começar a história e num piscar de olhos já tenho a página feita". Matilde Neves, 13 anos, nunca se imaginou num jornal — "sou mais uma pessoa de escrever histórias, contos, não sou muito de escrever reportagens e cenas assim" —, mas o professor João Paulo deu-lhe um papel sobre um tema para ela pesquisar e escrever um artigo para o jornal e Matilde acedeu. Agora diz que "foi divertido". Matilde Oliveira, 14 anos, fala, tal como Gabriel, da sensação boa que tem quando "as palavras saem naturalmente". Está a escrever um artigo sobre as mulheres no Estado Novo e surpreendeu-se ao descobrir que "elas não podiam sair do país sem autorização do pai, irmão ou marido". O tema parece tê-la tocado. Expressa opinião sobre a condição das mulheres na sociedade — "acho que têm que impor o seu papel, lutar mais pelos seus direitos, como a Malala" — e, para Geografia, já escreveu um texto sobre desigualdade de género, que gostaria de ver também publicado no *Escrita Irrequieta*. Já Cláudio Santos, 13 anos, escreveu sobre a Primavera Marcelista e a experiência foi tão gratificante que, por duas vezes, nos diz "arrependo-me muito de não ter entrado antes [para o jornal]". Explica que gosta "de fazer pesquisas, principalmente da parte em que encontro o que quero" e não esconde que, quando abre o jornal, fica "orgulhoso e feliz do trabalho que fiz porque está a ser reconhecido". Há quem partilhe a alegria de mostrar o que criou mesmo antes de ver o texto publicado: "eu às vezes mostro à minha mãe

— 'olha, mãe, o que eu escrevi!' — e ela às vezes ajuda-me até a aperfeiçoar e depois é que mando para o professor", conta Maria João Amaral, 13 anos. Ao lado dela, Lara Marques, 13 anos, toca num ponto que, de uma forma ou outra, todos os alunos acabam por referir: "aprendemos mais informação, aprofundamos os nossos conhecimentos". Duarte Montes, 13 anos, sintetiza o que ganha em duas palavras: "cultura geral". Afonso Cabral, 13 anos, anui: "por exemplo, eu estava a fazer o trabalho com o Duarte 'Do Escudo ao Euro' e ainda agora acabei de descobrir um bocado sobre o que estou a fazer, algumas moedas que existiram em Portugal que eu desconhecia". Ambos têm noção que o que aprendem ali lhes abre portas: "um dia se estiver a falar com alguém e falarem sobre isso, já vou saber", sublinha Afonso. Ao que Duarte acrescenta: "já não vou ficar mais calado".

Duarte parece valorizar, também, o desafiar dos preconceitos que o jornalismo lhe está a proporcionar:

> nós às vezes quando vamos a um sítio [em reportagem] já temos uma ideia nossa de como é que é aquilo e de como é que lá se trabalha, mas quando saímos de lá, já temos outra perceção de como é que são as coisas lá nesse sítio.

Tiago Marques, 13 anos, recorda um caso concreto que ilustra o que o colega acaba de dizer e o impacto que teve nele próprio: "eu e mais dois colegas fomos à Unidade de Autismo cá da escola e ficámos a perceber mais como era. Os alunos, que nós considerávamos diferentes, percebemos que são exatamente iguais a nós". "Foi algo que me marcou muito, fiquei a olhá-los de forma diferente", frisa. Também a atitude mudou: "sempre que os vejo já os cumprimento. Agora, já sei que a Unidade de Autismo não é só para alunos que têm autismo, é para todos nós porque eles têm de ser integrados na comunidade", remata.

Será por falas como estas, do Afonso, do Duarte e do Tiago, que Luísa Gonçalves (Figura 24) acredita convictamente que o contacto com o jornalismo "é uma boa aposta para trabalhar as competências deste mundo tão exigente". Vê nos jornais escolares uma excelente forma de valorizar "a parte humana, a parte da democracia que está em perigo, de evitarmos o discurso de ódio, de termos maior empatia". Um papel do qual, julga, a "escola não se pode demitir".

Quem ouve falar Tiago sobre o que significa ser jornalista fica impressionado com palavras tão certeiras. Diz, de forma quase poética, este aluno do 9.º ano que ser jornalista

> não é só escrever, ser jornalista é atirar-se à causa, é como se fosse uma vida, porque nós temos as nossas vidas sociais, a nossa vida familiar, só que depois temos a vida de jornalista, que é como se fosse a nossa segunda vida, porque é uma vida completamente diferente, em que ou se é jornalista ou se não é, porque não se pode ser um intermédio. Porque se nós queremos ir visitar um local temos que conseguir adaptar-nos (...) e temos de saber aprender, saber ouvir essencialmente.

Figura 24
Luísa Gonçalves, coordenadora do *Público na Escola*, em entrevista para o documentário "Media Escolares: Vozes em Ação".
Créditos. Daniel Brandão

Serão, ainda, testemunhos como os deste aluno de 9.º ano que levam Bárbara Simões (Figura 25) a dizer que muitas vezes se emociona quando ouve os jovens repórteres a falar dos jornais, nomeadamente na entrega dos prémios do Concurso Nacional de Jornais Escolares ou no Encontro Nacional de Jovens Jornalistas que a Direção-Geral da Educação tem organizado em parceria com o *PnE*: "a maneira como eles falam dos jornais, não estão a falar de uma coisa qualquer. Percebe-se que é genuíno, é sentido e que há ali um grande envolvimento".

A conversa com alguns dos 16 alunos que integram o Clube de Informação e Jornalismo da Escola de Branca e trabalham para o *Escrita Irrequieta* flui e dificilmente deixa transparecer constrangimentos no método de trabalho. Porém, o professor José Paulo Lourenço admite que, este ano, a organização da equipa não está a ser fácil — "os horários dos alunos são muito compactos para libertar manhãs e tardes e é difícil ter o grupo a trabalhar no seu todo". Para superar a dificuldade usam "muito o mail, os intervalos, os corredores e temos a plataforma — o Classroom — onde podemos fazer reuniões online", prossegue. Cristina Silva acha que este constrangimento "se virou a favor das competências". Para ela, a "conversa informal de corredor, de intervalo" levou a que os estudantes tivessem que desenvolver uma autonomia de trabalho. E não só. A docente acrescenta a mesma ideia que a aluna Catarina, do *Se Bem Nos Lembramos*, já tinha transmitido: "se estamos presencialmente muito tempo com eles, nós, professores, que temos estes vícios e estas manias, muito provavelmente estávamos a intrometer-nos no trabalho deles".

Do lado dos alunos há uma certeza, bem transmitida por Gabrielly Costa, 14 anos: "o nosso papel é importante porque dá continuidade ao jornal". A aluna sente que faz parte e que o seu papel conta. Sente também que "momentos em que somos interrogados, nos perguntam o que queremos, o que fazemos, são importantes para nós. Trazem-nos muita experiência e fazem-nos crescer mais", observa ainda.

Figura 25
Bárbara Simões, coordenadora do *Público na Escola*, na entrega de prémios do Concurso Nacional de Jornais Escolares do *Público na Escola*, Lisboa, 2023. *Créditos*. Daniel Brandão

Não Existe? Cria-se!

Mariana Alves, 16 anos, não desperdiçou a experiência que acumulou no *Escrita Irrequieta* ao longo de cinco anos — entrou para o Clube de Informação e Jornalismo no 5.º e ficou até ao 9.º ano, quando teve de mudar de escola. Aí, deu "continuidade ao jornal", como dizia Gabrielly, mas de uma maneira diferente. Ao saber que não existia nenhum órgão de comunicação na escola nova (o Agrupamento de Escolas de Albergaria-a-Velha), decidiu criar um jornal de raiz, juntamente com a colega Inês Saraiva, que também tinha estado com ela na escola anterior e no *Escrita Irrequieta*. Nascia, assim, o *Sinopse*[9], fruto das vivências anteriores de duas alunas que, confirmando a ideia da professora Dora Gomes, mostram que "são capazes de fazer" e, neste caso, até de "alterar" a realidade.

O processo de gestação do jornal exigiu muita força de vontade a Mariana e Inês. Obrigou-as a realizar uma série de contactos com professores e a apresentar um projeto ao diretor da escola. Nesse caminho, cruzaram-se com o responsável pelo curso de Multimédia, um encontro que determinou que o *Sinopse* visse a luz online: havendo tal valência, "não fazia sentido estar a gastar papel", diz Mariana. Para além dela e de Inês, hoje o projeto envolve só alunos de Multimédia — foram eles que criaram o site, além de que "gerem toda a parte de publicação das notícias e da edição", explica.

9 https://sinopseaeaav.pt https://sinopseaeaav.pt/index.html#section_1.

As entrevistas e a escrita estão a cargo das ex-jornalistas do *Escrita Irrequieta*, que tentaram implementar a mesma filosofia que tanto lhes agradava no jornal da Escola de Branca: "para além de relatar os acontecimentos da escola, também dava uma vertente da sociedade, do que é que acontecia no mundo, mas de modo a interessar mais aos jovens". No novo projeto, Mariana conta que os temas a que dão prioridade são tecnologia, saúde e educação.

Sendo, sobretudo, um projeto de alunos, têm o professor responsável do curso de Multimédia a dar-lhes "todo o suporte" e Mariana conta que algumas notícias têm que passar pela análise e aprovação da Direção antes de serem publicadas. A ideia inicial delas era criar um clube de jornalismo na nova escola, para que outros estudantes se pudessem juntar. Não conseguiram, porque "não havia professores dispostos a ter um tempo para [criar] o clube e trazer mais pessoas". Esperam que mais alunos se juntem ao *Sinopse* em breve, quando o projeto for mais divulgado. Acham ser cedo para isso — "ainda está numa fase de construção", justifica Mariana. Mas o plano está no horizonte. Até porque, como leitora, precisa de mais colegas a trabalhar para ter o que mais valoriza, a esse nível, num jornal escolar: "é bom ter a perspetiva de jovens como nós, e ver que há coisas que talvez sejam ditas de uma forma por adultos, mas que nós também temos uma visão acerca disso".

Para Dora Gomes, diretora da Escola de Branca, é hora de "acreditar que estes miúdos têm mais para dar do que aquilo que muitas vezes passa na sociedade — que 'esta geração não vale nada', que 'eles não têm nada'. Têm, têm, têm muito a dar, eles precisam de orientação".

As entrevistas foram realizadas entre junho de 2023 e maio de 2024.

Como melhorar um jornal escolar?

Colocámos esta pergunta às coordenadoras do *Público na Escola* (*PnE*). Para Bárbara Simões falta jornalismo, para Luísa Gonçalves é necessário um maior envolvimento dos alunos.

Quem está a trabalhar no seu agrupamento, na sua escola, na sua turma tem, por vezes, dificuldade em compreender como pode melhorar o jornal escolar. Pelo projeto que coordenam a nível nacional — o *PnE* —, Bárbara Simões e Luísa Gonçalves são, talvez, quem tem hoje uma melhor visão de conjunto, a este nível, em Portugal. Quisemos, por isso, saber o que veem elas, a partir do lugar que ocupam, que possa dar pistas a quem está no terreno.

"Um jornal, como nós o entendemos, tem que ter jornalismo"

Quando se pergunta a Bárbara Simões o que falta nos jornais escolares, a resposta surge sem hesitações: "aquilo que mais falta nos jornais [escolares] é jornalismo". E vinca: "um jornal, como nós o entendemos, tem que ter jornalismo", ou seja, apostar na diversidade de géneros, cobrir assuntos atuais e da atualidade, trabalhar no apuramento rigoroso de factos, na verificação da informação e em conteúdos que possam interessar e despertar a curiosidade do público. A jornalista afirma mesmo ser esta uma fatia importante do trabalho que desenvolvem no *PnE*: "tentar levá-los, captá-los, cativá-los, um bocadinho mais para o mundo do jornalismo". Para isso, julga que é necessário haver mais formação de professores a este nível.

“Trazer a voz dos outros para o jornal também é dar voz aos alunos”

Bárbara observa uma certa confusão sobre o que, no jornalismo escolar, significa “dar voz aos alunos”. “Há muito esta ideia de que dar voz aos alunos é os alunos exprimirem-se”. A jornalista frisa que “o dar voz aos alunos no jornal não é um registo quase confessional”. Até pode haver espaço para isso, concede, mas em secções bem definidas — “como temos no jornal, desde as Cartas ao Diretor até aos textos de opinião”. Escrever no jornal é, para Bárbara, algo bem diferente do “apetece-me muito escrever, sento-me aqui ao computador e escrevo”, comenta-nos, em tom descontraído, na entrevista que nos dá, em Coimbra, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Escrever no jornal significa, para ela — que se expressa com uma grande facilidade de articulação de ideias — algo inseparável do jornalismo: “ter aspas”, “ter entusiasmo em relação a essa coisa que é dar voz aos outros”. Deixa, portanto, um alerta: os alunos “têm de ouvir pessoas, têm de citar pessoas, não podem assumir os assuntos. Um jornalista não faz isso”, adverte. Num jornal, dar voz aos alunos é, ainda, do ponto de vista de Bárbara, outra coisa: “é eles terem tido uma palavra a dizer na escolha do nome do jornal, no logo que foi escolhido, no tema principal na edição seguinte, em quem vai ser entrevistado para o jornal”. E recorda: “no jornalismo, a nossa voz está na forma como vamos primeiro olhar para os outros, à procura deles, escolher aqueles com quem vamos falar e, depois, o que vamos fazer com aquilo que nos dizem”. Bárbara soma ainda uma quarta vertente ao que é isso de dar voz aos alunos — “como é que eu defendo a minha ideia para tema principal do jornal? Como é que eu argumento?”.

“Falta diversidade de géneros jornalísticos”

Luísa Gonçalves toca num aspeto que não está desligado dos dois anteriores. Nota haver pouca variedade de géneros jornalísticos nos jornais escolares: “a notícia é o género mais frequente, há algumas entrevistas e muito pouca reportagem”, relata. E chama a atenção para o facto de, com frequência, a este problema acrescer outro: as notícias não são realmente notícias “porque, logo à partida, não dizem nada de novo” e o que, por vezes, é identificado como reportagem tem pouco desse género jornalístico. Luísa é, ainda, de opinião que “os alunos não estão habituados a contactar com os *media* tradicionais”, um contacto que vê como fundamental quando se trata de avançar com um jornal escolar.

“Há pouco contacto com a realidade mais alargada”

Outro ponto em que Luísa Gonçalves considera que os jornais escolares têm muita margem para evoluir é na ligação com o entorno. Como professora, que também é, julga que “a sociedade civil e a escola têm que ser uma coisa de muita proximidade”. Não sente que isso aconteça. Na maior parte dos casos, nota “uma grande dificuldade em sair da escola”. Bárbara Simões considera que uma forma de resolver este problema seria entender os jornais escolares como uma atividade extracurricular das que existem fora da escola: “a família, hoje em dia, leva os filhos e as filhas a tudo — às atividades a seguir às aulas durante a semana, ou ao fim de semana. Se calhar o pai ou a mãe também podem levar o repórter ao trabalho que tem de fazer para o jornal”. Dá o exemplo do que aconteceu durante a pandemia, em que viu muitos familiares a contribuir para os trabalhos realizados nos jornais das escolas.

TRUE: uma plataforma para tornar tudo mais simples

O *Público na Escola* (*PnE*) tem disponível, desde o ano letivo 2023/24, uma plataforma online para a criação de jornais escolares digitais, que qualquer escola pode usar gratuitamente. Chama-se TRUE (por contraponto a *fake*), e resulta de um consórcio entre o jornal *Público*, a Universidade de Aveiro e a MOG (empresa de tecnologia digital).

A TRUE — explica Bárbara Simões, uma das coordenadoras do *PnE*, em conjunto com Luísa Gonçalves — surgiu para responder a uma pergunta que lhes era feita por muitas escolas e professores: "gostava muito de fazer um jornal escolar? Como é que faço?".

A plataforma do *PnE* facilita o processo. "Tem lá tudo o que é preciso para começar", garante Bárbara. A única condição é que o jornal escolar já exista ou, pelo menos, já tenha um nome. Com esse passo dado, só é preciso que a pessoa responsável pelo jornal escolar (se for um aluno menor de 18 anos, a operacionalização do registo tem de ser feita por um professor ou um elemento da comunidade) submeta um email — no campo disponível para o efeito no site do *PnE* (https://www.publico.pt/publico-na-escola) — e aguarde um contacto do jornal *Público* para dar início ao processo. Estabelecido esse contacto inicial e criado o url do jornal, o trabalho fica totalmente do lado da equipa do jornal escolar: "não temos qualquer interferência, não sabemos quem são os elementos da equipa, nada!", esclarece Bárbara.

A partir desse momento, a redação escolar pode entrar em campo, começar a criar conteúdos para o jornal e, ao mesmo tempo, compreender melhor como os jornalistas trabalham em redações profissionais. Bárbara explica que, "tal como acontece em qualquer jornal, há diferentes níveis de acesso [ao *backoffice* do site do jornal]. Há um autor que chega, escreve e diz 'está pronto'; há o editor e há o administrador, que é quem gere os acessos". Só o editor e o administrador (independentemente de estes cargos serem assumidos por professores ou alunos) podem publicar conteúdos. Os autores dos textos não têm essa autorização, mas podem fazer tudo o resto. Ou seja, entrar no *backoffice*, escrever o texto, carregar imagens ou vídeos, fazer fotogalerias, entre outras opções, como ter acesso a uma pré-visualização do artigo. No final, basta assinalar que o trabalho está pronto a ser editado.

Para se chegar a esse ponto, porém, a plataforma exige que uma série de elementos estejam preenchidos. Como, aliás, acontece no jornalismo profissional. É preciso, por exemplo, que o artigo tenha um título — "não se enviam trabalhos sem título, nem que seja o pior do mundo e caia logo, tem de haver o esforço de o tentar fazer", explica Bárbara — e que haja uma legenda da fotografia — "a legenda é informação muito importante e muito subvalorizada", além de que essa obrigatoriedade torna "mais difícil ir descarregar uma foto que ninguém sabe de quem é nem o que é", acrescenta ainda a cocoordenadora do *PnE*.

A plataforma TRUE, nota ainda Bárbara, retira trabalho aos coordenadores do jornal, que passam a encontrar ali todos os elementos do artigo e ficam dispensados de perder tempo a passar os textos enviados pelos colaboradores por email para um software de edição.

Uma curiosidade que esta coordenadora do *PnE* tem notado é que, sendo o TRUE uma plataforma destinada a criar jornais digitais, se verifica "um grande apego à lógica da publicação e da edição convencional". Com isto, Bárbara quer dizer que a maioria dos jornais escolares não vai publicando notícias. Opta, em vez disso, por escolher um dia (por exemplo o primeiro ou o último do mês, ou do período escolar) para acrescentar todos os conteúdos novos. "Como se fosse uma edição em PDF", sintetiza.

Nada impede que um agrupamento ou uma escola tenha mais do que um jornal no TRUE. Também não há imposições sobre o tipo de jornal a criar: "não tem de ser aquele jornal generalista, muito completo, pode ser uma coisa muito diferente e pode, no mês seguinte, ser outra", elucida ainda. Da mesma forma, acrescenta, "pode ser um jornal de turma, pode ser um jornal de agrupamento, pode ser um jornal a propósito de um acontecimento, por exemplo o 25 de Abril".

O TRUE oferece ainda aos utilizadores a possibilidade de usarem a plataforma para fazer pesquisas sobre os assuntos em que estão a trabalhar no site do jornal *Público*. A plataforma permite também às equipas dos jornais escolares criarem as secções que entenderem no seu jornal escolar, dar-lhes nome e decidir quais querem que estejam visíveis no site. Além de que podem mudar as cores deste.

De alunos para alunos

O que têm jovens jornalistas de meios de comunicação escolares a dizer a colegas para os incentivarem a participar em projetos deste tipo? E que conselhos lhes deixam?

A mensagem que Rayner Vila transmite a outros alunos está muito alinhada com a expressão "não há nada a perder". A quem o possa ouvir (ou ler), este estudante e repórter da *TV na Maior* diz que "se atrevam a fazer coisas". "Se não gostam, é uma experiência que levam para a vida, mas se gostam podem descobrir algo novo, uma coisa que não sabiam que gostavam", prossegue. Já Mariana Meixedo, também da Escola de Santa Maria Maior, em Viana do Castelo, aposta nos adjetivos para persuadir mais jovens a envolverem-se no mundo do jornalismo escolar. A repórter e apresentadora da *TV na Maior* fala diretamente para aqueles que a queiram escutar: "venham e sintam porque é incrível", "Isto é uma experiência mesmo única e apenas sente quem está deste lado". Acena ainda com o lado de possíveis descobertas marcantes para a vida de cada um: "é uma ótima oportunidade para experimentarem e conhecerem melhor uma paixão que podem vir a ter. É um projeto bastante educativo e que abre portas para um caminho que podíamos desconhecer".

Letícia Vilar, do Agrupamento de Escolas de Branca e do jornal *Escrita Irrequieta*, procura despertar o interesse de futuros jornalistas com uma lista de benefícios que terão se derem o passo: "vão ganhar experiências para a vida. Por exemplo, graças ao jornal, eu ganhei mais liberdade para começar a escrever melhor, já posso escrever mais, já sei mais ou menos como procurar um tema e encontrar referências boas e confiáveis. E também tive oportunidade de melhorar as minhas habilidades de falar em público ou em frente das câmaras".

Já o testemunho de Mariana Alves, que pertenceu ao *Escrita Irrequieta* e fundou um jornal — o *Sinopse* — noutra escola de Albergaria-a-Velha, para onde se mudou depois, parece tomar a forna de aviso. Como quem diz, nem tudo é fácil, mas no final vale a pena. O conselho dela, mais dirigido a alunos que pensem criar um jornal de raiz é este: "têm de ter mesmo vontade de continuar, principalmente no início, que é quando há mais obstáculos à construção [de um médium escolar] — têm de passar pela direção, têm de pensar no nome, no logótipo, no tipo de notícias que querem fazer, têm todo um trabalho antes de começarem a fazer mesmo só as notícias". Deixa, ainda, um conjunto de dicas: "é [importante] organizar muito bem o tempo e as ideias e ter uma visão ampla do que pode agradar mais aos leitores, porque estamos a fazer um trabalho para as pessoas verem".

As mensagens deixadas pelo grupo de amigas que entrevistámos do jornal *Margem Certa*, de Almada, vão um pouco na mesma linha da última dica de Mariana Alves. Luísa Gonçalves e Mariana Guerreiro focam igualmente a questão de "procurar temas que façam as pessoas querer ler" e ficarem "mais curiosos de saber". Beatriz Martins acrescenta a importância de escolher temas "que sejam fáceis de escrever também". Sara Fraquinéu considera que "ter um conceito para o jornal", no sentido de fazer edições temáticas, pode facilitar o trabalho.

A partir da Ilha Terceira, Ana Borges, do *Se Bem Nos Lembramos*, recorda — especialmente a alunos decididos a fundar um meio escolar — que pedir apoio à direção é sempre uma boa ideia. Conta que, no caso do jornal da escola dela, este órgão lhes deu "o orçamento para as fotocópias para podermos disponibilizar [o jornal] não só digitalmente, mas também em papel, e para podermos fazer posters para colocar no corredor".

Haja vontade! — Conselhos para começar, recomeçar, melhorar

A opinião geral de quem está envolvido em *media* escolares é a de que cada caso é um caso. Não havendo receitas, há dicas que podem ser úteis. Eis quatro partilhadas por quem sabe do que fala.

Ler, escrever, observar, perguntar

A leitura e a escrita podem ser aliadas do processo. Cláudia Santos revela que houve dois documentos cuja leitura a inspirou a projetar a *TV na Maior*: o Referencial de Educação para os *Media* (https://www.dge.mec.pt/noticias/versao-atualizada-do-referencial-de-educacao-para-os-media) e o Referencial Aprender com a Biblioteca Escolar (https://www.rbe.mec.pt/np4/AcBE.html), recomendando a sua leitura. Vítor Diegues refere, também, o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf), pela força que dá à criação de *media* escolares, ao realçar a importância da educação para os *media*. O professor responsável pela *Rádio Vale do Tamel* recomenda, ainda, usar a escrita como ferramenta para melhorar o funcionamento de meios de comunicação escolares: "há relatórios que temos que preencher trimestralmente e no final de cada ano letivo e vamos tentando fazer uma avaliação cuidada do trabalho que é feito e sugestões de melhoria". Para elaborar estas últimas, tem o cuidado de pedir *feedback* a colegas e outros intervenientes na rádio. Vítor recomenda, ainda, a escrita de um regulamento do meio de comunicação escolar. Ele fez isso para a rádio: "é uma forma de balizar toda a dinâmica de trabalho". Nele define, por exemplo, os objetivos do projeto, o horário de funcionamento, as tarefas da responsabilidade de cada grupo.

António Paiva, do *Comunica*, aconselha ainda quem pensa lançar-se em projetos destes a espreitar o que fazem outras escolas, falar com os seus responsáveis e tirar ideias. Ele está disponível para ajudar e esta prática parece ser frequente. Paulo Martins, da *Rádio Impacto*, conta que já tem ido a outras escolas dar formação ou ajudar a compreender os equipamentos e materiais necessários para fazer uma rádio escolar.

Planear, planear, planear

Há uma série de questões que podem ajudar no momento de traçar um plano de ação. Luísa Gonçalves, do *Público na Escola* (*PnE*), enumera algumas: "o que queremos com esta publicação?", "quem vai ser o público-alvo?", "quais os temas que vamos tratar?", "que secções vamos ter?", "que periodicidade?", "qual o melhor meio para divulgar o jornal?". A coordenadora do *PnE* incentiva a que se envolvam logo os alunos na resposta a estas questões (no caso de o processo ser iniciado por professores) e se tenha em conta os recursos materiais e humanos disponíveis. Recomenda, ainda, cautela na decisão sobre os momentos de publicação, aconselhando a que estes não coincidam com alturas em que tanto alunos como professores costumam estar mais sobrecarregados com tarefas escolares. Para envolver os alunos, Vítor Diegues acha que uma estratégia boa é lançar um concurso na escola para eleger o nome e o logótipo do meio de comunicação. Fazê-lo, nota, é já uma boa forma de divulgar o projeto que vai nascer. O professor julga importante, ainda, haver um espaço físico no estabelecimento de ensino para o meio funcionar, especialmente se for uma rádio: "torna-se mais visível à comunidade, é muito mais fácil até os alunos virem para o estúdio e sentirem-se mais responsáveis". Outra dica que deixa é que se apresente o projeto ao Orçamento Participativo das Escolas para se conseguir algum financiamento. Ainda no âmbito do planeamento e da organização, José António Gouveia, da *Newsletter O Lyceu*, sublinha a vantagem de trabalhar com prazos, obriga "a ter as coisas prontas", pensa.

Criar uma equipa

Cláudia Santos, da *TV na Maior*, põe "ter uma equipa coesa, parceiros com os mesmos objetivos" no topo da lista de conselhos para criar um meio de comunicação escolar. Isso, "acima de tudo", destaca. Cristina Rodrigues, do *Comunica*, reforça a ideia: "o trabalho de equipa dá-nos força uns aos outros. A ideia de um, depois é enriquecida pelo outro. Duas ou três cabeças a pensar é sempre mais frutuoso". Vítor Diegues soma outro argumento para realçar a importância de "criar um núcleo duro de professores": tendo em conta a instabilidade profissional de muitos docentes, que andam de escola em escola, o coordenador da *Rádio Vale do Tamel* recorda a necessidade de haver "um ou outro elemento que possa assegurar a transição na eventualidade de um professor sair da escola". Bárbara Simões, do *PnE*, recorda a importância de acautelar a continuidade, também, da parte dos alunos: "tentem não juntar na equipa mais ligada ao jornal alunos do último ano do ciclo, ou do último ano do secundário, porque depois esses alunos vão-se embora, e [o jornal] está sempre a retomar o ponto zero". Para chamar alunos, Ana Beatriz, do *Se Bem Nos Lembramos*, conta uma das técnicas que utilizam: no início do ano, "passa sempre uma circular para inscrição" no jornal pelas turmas. Além disso, têm posters afixados nas paredes da escola.

Estabelecer parcerias

A este nível, há duas estruturas vistas pela maioria como fundamentais: a biblioteca escolar (ver texto principal) e a direção da escola ou agrupamento. Esta última pode dar uma ajuda, por exemplo, ao nível da atribuição de tempos para alguns professores dedicarem ao médium escolar ou do financiamento. Dora Gomes, do *Escrita Irrequieta*, afirma que a direção da escola não tem meios para pagar a impressão do jornal em papel, mas faz o trabalho de angariar patrocínios para que tal seja possível, contando com o apoio de juntas de freguesia e da câmara municipal. Luís Maia, do jornal *Margem Certa*, congratula-se também com o apoio da direção. Mas recorda que parceria não deve ser sinónimo de qualquer forma de controlo ou interferência nos conteúdos a publicar: "que esse apoio seja essencialmente institucional e que não se vá além disso", pede. Mas há outras parcerias que se podem estabelecer: Dora Gomes incentiva, por exemplo, a que se procure ajuda no Departamento de Línguas: "cativem os colegas de Português, porque vai ao encontro dos programas e dos conteúdos".

"Não pares de acreditar"

O tema "Don't Stop Believin'" (Não Pares de Acreditar), da banda rock Journey, tornou-se num símbolo de perseverança. A mensagem que transmite deve estar bem presente na cabeça de quem se envolve em meios de comunicação escolares.

Tal como é raro encontrar um entrevistado que não fale entusiasticamente do jornal, rádio ou televisão em que está envolvido, também é difícil encontrar alguém que não fale em desafios, obstáculos, adversidades, seja no processo de criação ou de manutenção de *media* escolares. É, no entanto, curioso notar que as dificuldades não parecem beliscar o entusiasmo. Às vezes, parecem até aumentá-lo.

A queixa mais comum, e quase transversal a todos os projetos, relaciona-se com o tempo — a falta dele, sobretudo. A vários níveis, por diferentes razões. Quase todos os docentes ouvidos consideram escassas as horas de que dispõem para se dedicarem a *media* escolares. Vítor Diegues, por exemplo, classifica como "manifestamente pouco" os dois tempos que tem no horário para coordenar a *Rádio Vale do Tamel*. Outros docentes envolvidos em projetos deste género afirmam nem sequer terem horas canalizadas para este fim. Cristina

Silva pensa que só com um grande gosto por ensinar e estar com os alunos se consegue "cortar no descanso", um preço quase sempre a pagar por esse envolvimento. Paulo Martins da *Rádio Impacto* não tem dúvidas de que os *media* escolares dependem sempre "muito da boa vontade, da disponibilidade dos professores". Algo que nem todos estão dispostos ou conseguem dar. Outros dão, mas não do modo que gostariam. E aí entra a questão da dificuldade — sentida em várias latitudes — de conjugar horários entre professores e alunos, de professores entre si, de alunos entre si. "Devia haver um tempo específico no horário dos alunos para pertencerem a clubes", opina António Paiva do *Comunica*, em Freixo. Em Albergaria-a-Velha, o coordenador do *Escrita Irrequieta* fala de horários de alunos "muito compactos, para libertar manhãs e tardes" e que se constituem como barreiras "para termos o grupo a trabalhar no seu todo". Faltam oportunidades "para trabalharmos mais de perto com eles [alunos] fora da sala de aula" e para lhes permitir "acompanhar o *making off*" da revista, lamenta Abel no Funchal.

As queixas tocam muitas vezes uma dimensão mais macro, mais a nível político, porque se ligam com a organização do sistema escolar. "Compartimenta muito os saberes, mas também os espaços e os horários dos alunos", opina Cláudia Santos, da *TV na Maior*, que reclama uma "maior flexibilidade curricular", capaz de possibilitar às equipas trabalhar em conjunto e com mais qualidade. Colega de Cláudia, João Franco fala em tempos letivos excessivos, num sistema preso num "formato muito escolástico" e em alunos muito enredados a uma mentalidade de "estudar para o teste, debitar e esquecer no dia a seguir". Vanda Gouveia, da *Newsletter O Lyceu*, acha que os professores estão "muito espartilhados pelo programa". Um sentimento que ecoa também em Albergaria-a-Velha, nas palavras de Cristina Silva — sente que os professores estão hoje "mais fechados na sua sala de aula", porque "sentem pressão, têm que cumprir currículo".

A falta de equipamento é apontada como constrangimento, principalmente por quem está ligado a projetos de audiovisual. Mas não exclusivamente. Há coordenadores de jornais e alunos que sonham, mas não têm verbas disponíveis para vê-los impressos, mesmo considerando que teriam aí a chave para conseguir captar mais jovens para os projetos. Esta dificuldade de conquistar mais alunos é mencionada por muitos professores. "Há tanta, tanta oferta, que é muito difícil, principalmente os alunos, mas os professores também, concentrarem-se em tudo aquilo que gostariam", constata Rosário Antunes, do *Leia FF*. João Franco, da *TV na Maior*, vê a dificuldade por outro prisma. Numa altura em que "cada vez mais os alunos têm uma relação muito passiva com a tecnologia, muito *scroll* infinito nas plataformas", nota dificuldade em "trazê-los para uma área mais ativa, em que são eles os produtores, têm que se sentar e pensar no que vão produzir".

Em menor número, há quem some à falta de tempo, ainda, a falta de espaço e se queixe também de falta de instalações para reunir uma equipa de trabalho. As dificuldades, porém, não ficam apenas no lado da organização e da produção. Manifestam-se também na fase final, quando o trabalho está feito e é altura de o divulgar, fazendo chegar ao público o resultado. Para Luís Maia, do jornal *Margem Certa*, "a parte da divulgação" é mesmo a mais complicada. Pensa que o estar em Almada, num grande centro urbano, não ajuda, dando o exemplo de um jornal escolar da Marinha Grande que publica um encarte num jornal regional e consegue, desse modo, alcançar muita gente. José António, da Escola Jaime Moniz assume a mesma dificuldade: "a divulgação sempre foi um problema para nós". Confessa que não sabe se o jornal "é efetivamente lido", apesar do esforço que fazem, sobretudo junto dos diretores de turma, para que o façam chegar a alunos e encarregados de educação. Quem consegue ter a perceção do alcance que o jornal tem, como António Paiva, do *Comunica*, refere, ainda, constrangimentos que não se circunscrevem à escola, mas que afetam os meios de comunicação de uma forma geral — "a fuga dos leitores, dos seguidores para outros meios". É também isso que leva o professor a dizer que o trabalho nos *media* escolares "tem que ser feito não olhando aos resultados imediatos". Deixa um conselho: "se der gozo a duas, três, quatro pessoas, andem para a frente. Esqueçam os sinais de que a coisa não está a correr como vocês gostariam. Mentalizem-se sempre que fazer melhor, fazer cada vez mais, procurar novas formas, novas fórmulas, é a saída, é a solução".

Jornalismo escolar: ferramentas para a vida
O depoimento dos alunos ouvidos pelo projeto *bYou* deixa transparecer uma série de capacidades e competências que a participação em *media* escolares potencia, entre elas de literacia mediática.
Expressão
Desinibição Capacidade de expressão oral e escrita Capacidade de diálogo e comunicação Enriquecimento vocabular Facilidade de leitura Capacidade de argumentação
Atenção
Capacidade de escuta Capacidade de observação Capacidade de concentração Curiosidade Pesquisa autónoma de informação Formação de opinião
Segurança
Autoconfiança Autoestima Autonomia Responsabilidade Capacidade de decisão e de escolha Espírito de iniciativa Perseverança Resolução de problemas
Organização
Capacidade de planeamento Capacidade de trabalho em equipa Capacidade de gestão do tempo
Criatividade
Pensamento criativo Capacidade de procurar e encontrar consensos, alternativas, soluções
Cidadania
Interesse pela informação de atualidade Envolvimento com questões sociais Valorização do coletivo Respeito por e valorização de diferentes opiniões Empatia Tolerância Questionamento Facilidade de comunicação intra e intergeracional Espírito de iniciativa

Conhecimento
Literacia mediática
Literacia para as notícias
Pensamento reflexivo e crítico
Cultura geral
Pesquisa, análise e avaliação da informação
Seleção criteriosa de fontes
Conceitos, regras e ética do jornalismo
Direitos de autor
Uso responsável das redes sociais
Software e ferramentas de trabalho jornalístico

Agradecimentos

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto "bYou – Estudo das vivências e expressões dos jovens sobre os media", financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia com a referência PTDC/COM-OUT/3004/2020. DOI: https://doi.org/10.54499/PTDC/COM-OUT/3004/2020.

PARTE II

Notícia: Jornalismo em Estado Puro

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.5

Joana Fillol

Jornalista e investigadora
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
https://orcid.org/0000-0002-8577-7809
joanafillol@gmail.com

Descrição

Notícia pode ser o comboio que descarrilou, a greve que os alunos ou os professores anunciaram ou a frase polémica do Primeiro-Ministro sobre um acontecimento de interesse geral. Acima de tudo, a notícia trata de factos — do que aconteceu, está para acontecer ou vai acontecer. Ao contá-los, o jornalista deve fornecer a quem o lê, escuta ou vê os elementos que compõem esse facto da forma mais neutra, clara e concisa possível.

"Possível" porque a objetividade absoluta é um mito. Mas isso não significa que o jornalista não se esforce por se afastar das suas ideias e sentimentos, fornecendo ao destinatário da mensagem a informação de que necessita para formar as suas opiniões, e emoções, com os dados que lhe são transmitidos.

Se se perguntar a alguém três palavras que associe a jornalismo, "notícia" será provavelmente uma delas. A notícia é a essência desta atividade profissional. Sendo apenas uma das formas de que os jornalistas dispõem para transmitir informação a leitores, ouvintes ou telespectadores, ela é a mais pura, a mais objetiva, a mais sucinta, a mais imparcial. De entre os géneros jornalísticos, a notícia é o género informativo por excelência e está na essência dos demais — os géneros interpretativos (como a reportagem ou a entrevista) e os opinativos (como a crítica ou o editorial), sobre os quais se pode ler nas páginas seguintes.

Aliás, uma boa forma de compreender a notícia é por oposição à reportagem. Pode dizer-se que, enquanto a notícia é a preto e branco, a reportagem é a cores: através dela, o repórter leva o leitor/ouvinte/telespectador até ao local do acontecimento;

põe os sentidos alerta e "empresta-os" ao recetor da mensagem: conta-lhe o que vê, o que ouve, o que cheira, o que sente.

Mãos à Obra

Há um ponto que antecede a escrita de uma notícia (mesmo na rádio ou na televisão, as notícias são lidas): a escolha do que vai ser noticiado. Entramos no campo dos "valores-notícia", ou seja, dos critérios que ajudam a decidir o que vai ser ou não notícia num determinado órgão de comunicação e o destaque e/ou a ordem (hierarquização) que vai ser dada a cada assunto. Algo que ajuda a definir os valores-notícia é pensar quem é o público-alvo do jornal/rádio/televisão e qual a informação que lhe interessa receber. Há valores-notícia essenciais, como, por exemplo, a atualidade, a proximidade ou a novidade de um determinado acontecimento. Num órgão escolar há, por exemplo, que decidir que tipo de notícias terão lugar: só da escola, também da localidade onde se insere, do país, do mundo? Só assuntos que envolvam estudantes ou crianças e jovens em geral?

Decidido o que é notícia num dado meio, é preciso — como para qualquer matéria jornalística — fazer um trabalho preparatório: saber o mais possível sobre o que se vai noticiar, ouvir pessoas que possam ajudar a perceber o que se aconteceu, verificar a veracidade da informação que se recolhe.

Há técnicas que ajudam a reunir os elementos mais importantes de uma notícia. Uma delas é a "regra dos 5 Ws", assim designada por remeter para as iniciais, em inglês, das perguntas chave a que um jornalista deve dar resposta: o quê? (what?), quem? (who?), quando? (when?), onde? (where?) e porquê? (why?). Aos "5 Ws" junta-se, por norma, o "H", de how? (ou seja, como?). As respostas a estas perguntas permitem explicar o que aconteceu, aos destinatários da informação jornalística. Se a notícia for dada num meio impresso, as informações vão integrar as quatro partes em que normalmente uma notícia está dividida: o título, o superlead (a entrada de uma ou duas frases que fica entre o título e o início do texto), o lead (primeiro parágrafo) e o corpo da notícia.

Para redigir uma notícia, outra técnica útil é a da "pirâmide invertida", segundo a qual a notícia deve ser escrita começando por dar as informações mais relevantes no início do texto e acrescentando, em seguida, as informações de menor importância e os pormenores. Segue-se, portanto, uma ordem decrescente de importância dos factos.

Sendo técnicas que podem ser muito úteis quando se começa a fazer jornalismo, geralmente, com a prática, os jornalistas já as usam com naturalidade, sem estarem a pensar muito nelas.

Não Esquecer

Ao escrever uma notícia devemos ter sempre em mente que o destinatário da mensagem é o leitor/ouvinte/telespectador. A ideia não é fazer um brilharete para a

professora de Português e usar vocabulário caro. O jornalista deve fazer-se entender, sem exigir grande esforço a quem recebe a sua mensagem. Em rádio e televisão, é provável até que o ouvinte ou telespectador esteja a fazer outras coisas no momento em que recebe a mensagem. Vocabulário acessível e frases curtas (uma ideia por frase) são sempre boa opção;

Vocabulário acessível não é sinónimo de vocabulário pobre e limitado. Devem, por exemplo, evitar-se as repetições, quer de palavras, quer de estruturas frásicas. Quando se cita alguém não é obrigatório ficar cingido ao "x disse que" — observou, comentou, notou, assinalou são algumas alternativas;

Os adjetivos e as opiniões ficam melhor nas páginas de um diário pessoal. Num relato noticioso devem evitar-se e deixá-los para o destinatário da mensagem. Fundamental é dar ao recetor dados para que possa adjetivar, julgar, opinar por si próprio. Estrangeirismos e termos técnicos são também de evitar, já que podem não ser de compreensão geral ou imediata.

Uma Citação Sobre o Género

> [É] meu dever fazer com que eles [os leitores] obtenham a verdade; mas isso não é suficiente, tenho de a apresentar de forma breve para que a leiam, clara para que a compreendam, forte para que a apreciem, pitoresca para que a recordem e, acima de tudo, precisa para que possam ser sabiamente guiados pela sua luz. (Pulitzer, como citado em Ireland, 1916, pp. 68–68)

Uma Curiosidade

Uma das explicações para a origem da técnica da "pirâmide invertida", ainda hoje muito usada na escrita de notícias (ver "Mãos à Obra"), associa-a ao tempo em que os repórteres enviados a um lugar para fazer a cobertura de um qualquer acontecimento se serviam do telégrafo para fazer chegar a notícia à redação. Estávamos no século XIX. Como os cortes nas linhas do telégrafo eram frequentes, os jornalistas tinham o cuidado de transmitir a informação mais importante no início, pois, se a linha caísse, pelo menos os dados mais relevantes tinham sido comunicados.

Ideias Para o Jornal Escolar

Um bom repórter, uma boa jornalista, tem boas fontes. Um repórter escolar também pode e deve ter as suas, dentro ou fora da escola, que o informem quando algo de excecional aconteça. Por que não estabelecer contactos com a associação de estudantes, a direção da escola, a biblioteca escolar ou assistentes operacionais de espaços estratégicos? E com alguém do pelouro da juventude, da educação ou do desporto do município? Pelas funções que exercem podem ser boas fontes de notícias.

Agradecimentos

Este artigo foi desenvolvido no âmbito do projeto "bYou – Estudo das vivências e expressões dos jovens sobre os media", financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia com a referência PTDC/COM-OUT/3004/2020. DOI: https://doi.org/10.54499/PTDC/COM-OUT/3004/2020.

Referências

Ireland, A. (1914). *Joseph Pulitzer: Reminiscences of a secretary*. Mitchell Kennerley.

Crónica: Quando a Palavra Ganha Asas e Cores e Mundos

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.6

Luís Miguel Loureiro

Professor e investigador
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
https://orcid.org/0000-0003-3201-8013
luisloureiro@ics.uminho.pt

Descrição

Numa das suas inúmeras e memoráveis crónicas para o *Jornal de Notícias*, o jornalista, escritor e poeta Manuel António Pina escreveu que "as palavras são seres intranquilos" (Pina, como citado em Salteiro et al., 2019, p. 32). O Pina, como muitos dos camaradas jornalistas do seu tempo simplesmente lhe chamavam, tinha, como sempre, razão. O jornalismo é, por definição, a profissão dos domadores da palavra. Nas notícias, nas entrevistas ou, até, nas reportagens, o texto quer-se simples e objetivo. Pode arriscar-se alguns laivos de criatividade, na forma de se abordar uma história de vida e uma entrevista ou de se relatar um facto, mas não se pode dar a múltiplas interpretações ou, muito menos, a equívocos.

Só que as palavras não são assim. As palavras estão sempre com vontade de fugir a quem as quer domadas, domesticadas, "mesmo as mais conformadas e mais comuns, dessas que servem, não para dizer, mas para comunicar, têm sobressaltos e caprichos de sentido que nos deixam de repente ainda mais desamparados diante do ameaçador mundo de todos os dias" (Pina, como citado em Salteiro et al., 2019, p. 32).

Nem sempre a crónica se fez de palavras que voam. Começou, aliás, por ser, essencialmente, um relato cronológico de acontecimentos. Foi assim durante séculos, desde a Grécia antiga, com as grandes crónicas de Tucídides sobre a Guerra do Peloponeso, até à tradição portuguesa das crónicas reais iniciada no século XIV por Fernão Lopes.

Foi só no século XIX que, em Portugal e no Brasil, os jornalistas, sempre os jornalistas, sentiram a vontade que as palavras tinham de ganhar asas, dentro de textos jornalísticos que falassem da vida, das pessoas comuns e incomuns, dos costumes, da excecionalidade e da banalidade, da época. Eça de Queiroz, em Portugal, e Machado de Assis, no Brasil, são normalmente citados como nomes maiores do estabelecimento de um novo género de textos relativamente curtos que permitiam aos jornais da época libertar-se das amarras do mero relato dos acontecimentos. Um e outro, jornalistas antes de se tornarem dois dos maiores escritores em língua portuguesa, um e outro, marcando o nascimento da figura moderna do cronista, esse autor maior que deambula entre a disciplina necessária ao jornalismo e a literatura e a poesia. O mesmo é dizer, a liberdade. Quase 200 anos depois, a crónica continua a ser essa "conversa íntima, insolente, desleixada, do jornal com os que o leem: conta mil coisas, sem sistema, sem nexo; espalha-se livremente pela natureza, pela vida, pela literatura, pela cidade" (Queiroz, 1981, p. 7).

Mãos à Obra

Podendo estar ligada à atualidade, a crónica pode surgir pelas razões mais simples e comezinhas. É essencialmente o produto de uma aguçada observação da vida, do quotidiano, dos outros. Não está, por isso, ao alcance de qualquer um. É bom, desde logo, que quem se arrisca a uma crónica goste mesmo muito das palavras e dos múltiplos jogos que elas permitem. Gostar de escrever é condição *sine qua non*. O que significa gostar de ler, muito.

Para que surja a vontade de escrever uma crónica, pode bastar um singelo acontecimento, mas o que a diferencia de uma reportagem é o facto de não se tratar de um relato, até pode necessitar que o acontecimento seja relatado, pode reclamar a realização de pesquisa no terreno, de ouvir pessoas como se de uma reportagem se tratasse, mas o que mais importa na crónica é a capacidade que o cronista tem de, partindo desse acontecimento, partilhar, não uma opinião, que é algo muito superficial que só a ele diria respeito, mas uma verdadeira e aprofundada reflexão sobre os significados sociais desse acontecimento e sobre as relações que esse acontecimento estabelece com a realidade social.

Por ser um género jornalístico intrinsecamente indisciplinado, a crónica é, essencialmente, um produto do cruzamento entre a liberdade criativa do cronista, a sua capacidade de observação das vidas e do mundo, a sua capacidade de pensar esse mundo e de relacionar as coisas pequenas, do universo de cada um, às coisas grandes que nos definem como seres humanos. É, por isso, a forma mais inventiva de que o jornalismo dispõe para poder contar histórias, sendo livre em tudo, a começar na estrutura. Não é por acaso que tantos cronistas foram ou são, ao mesmo tempo, jornalistas e escritores.

Não Esquecer

- Tal como o repórter, o cronista é, essencialmente, um ser que escuta permanentemente o mundo que o rodeia, sendo o silêncio da observação a sua melhor arma;
- A crónica não é um género de ficção, baseia-se sempre na realidade quotidiana, nos factos da vida, permitindo ao cronista envolver-se diretamente na narrativa seja como observador seja, mesmo, como personagem, ao contrário do repórter que é sempre um narrador distanciado;
- Para se começar a escrever boas crónicas é fundamental ler os melhores cronistas. Há excelentes livros de crónicas em português, de autores lusófonos e latino-americanos dos últimos 200 anos, de Eça de Queiroz a Manuel António Pina, de Machado de Assis a Gabriel García Márquez, de Vasco Graça Moura a Baptista-Bastos, de Mia Couto a Alice Vieira, de Eliane Brum a Miguel Esteves Cardoso.

Uma Citação Sobre o Género

> Ela sabe anedotas, segredos, histórias de amores, crimes terríveis; espreita porque não lhe fica mal espreitar. Olha para tudo, umas vezes melancolicamente, como faz a lua, e outras vezes alegre e robustamente, como faz o sol; a crónica tem uma doidice jovial, tem um estouvamento delicioso: confunde tudo, tristezas e facécias, enterros e actores ambulantes, um poema moderno e o pé da imperatriz da China. (Queiroz, 1981, p. 7)

Uma Curiosidade

Também se chama "crónica" ao texto que os jornais desportivos dedicam aos relatos dos jogos das diversas modalidades, particularmente, o futebol. Não há qualquer problema nisso. De facto, as crónicas desportivas são textos que resultam da *tradição histórica da crónica* (Loureiro, 2022), que é muito mais antiga do que a *tradição literária*. É da tradição histórica, aliás, que resulta o próprio nome: "crónica" vem da palavra grega *chronos*, que quer dizer *tempo*. A crónica desportiva, tal como a crónica histórica, é, assim, um relato dos acontecimentos segundo o seu tempo cronológico.

Ideias Para o Jornal Escolar

Tal como com a reportagem, qualquer situação que se passa à tua volta pode dar uma excelente crónica. Se aprecias a arte da escrita, se gostas de brincar com as palavras, o que tens a fazer para escrever uma crónica é observar bem o que te rodeia e registar. Fica depois a cargo da tua criatividade estabelecer as relações entre aquilo a que assististe (ou te contaram) e a vida de todos. Isso é fundamental: tens de ter vontade de partilhar visões da vida, nunca esquecendo que não estás só. Na

crónica, podes deixar as palavras à solta, não as disciplines. Deixa-te levar por elas, vais surpreender-te muitas vezes. E escreve sobre o que te apetecer.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do financiamento UID/00736: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

Referências

Loureiro, L. M. (2022). "Já não há Maradonas a aquecer": O futebol como jogo de palavras e imagens — As crónicas do Euro (2016) e da Taça das Confederações (2017) na RTP. *Mediapolis*, (15), 97–110. https://doi.org/10.14195/2183-6019_15_6

Queiroz, E. (1981). *"Crónica". Páginas de Jornalismo – "O Distrito de Évora" (1867)*. Lello & Irmão.

Salteiro, I., Queiroz, J. P., Monteiro, M. M., Basílio, R., & Rafael, S. (2019). *Manuel António Pina: Desimaginar o mundo descriá-lo*. Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa; Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes.

Reportagem: Quando o Jornalismo Se Faz à Vida

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.7

Luís Miguel Loureiro

Professor e investigador
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
https://orcid.org/0000-0003-3201-8013
luisloureiro@ics.uminho.pt

Descrição

Falar em reportagem a um(a) jornalista é dar-lhe, numa palavra apenas, a razão de ser do jornalismo. E a razão de ser dele, ou dela. Há muitas coisas que um(a) jornalista pode fazer, mas ninguém saberá o que é o jornalismo se nunca tiver feito uma reportagem.

E, afinal, a reportagem, tendo tudo de especial, não tem nada de especial. É o momento em que o jornalismo se faz à vida. Dele próprio e das pessoas. É isso, é essa simplicidade que a torna especial, tão especial. A reportagem é o modo que o jornalismo encontrou de contar as histórias das pessoas. De as escutar, de mostrar os seus projetos, os seus anseios, de denunciar os seus problemas, as suas angústias, as suas dúvidas. De dar a oportunidade às pessoas de falar ao ouvido dos poderes sem ser preciso fazê-lo em voz alta.

Um dos aspetos mais bonitos do jornalismo é esse seu sonho de dar voz a quem não tem voz. O jornalista polaco Ryszard Kapuściński (2009), um dos nomes maiores da história da reportagem, escreveu mesmo que "cada reportagem tem vários autores e só um costume mais generalizado determina que assinemos o texto com um só nome" (p. 11). É a reportagem que torna o jornalismo uma verdadeira e generosa missão democrática, em que o jornalista oferece as suas competências ao mundo que o rodeia. E só se constrói uma democracia verdadeira quando todas e todos estamos envolvidos. Todas e todos podemos ser, assim, atores e autores da construção de um mundo melhor.

Não é por acaso que se diz que, no momento em que a inicia, um(a) jornalista *sai em reportagem*. Ninguém faz reportagens sentado num computador, fechado em casa ou na redação, sem ir ter com as pessoas, sem sujar as solas dos sapatos, sem se fazer ao mundo. Ser repórter é ser alguém permanentemente fascinado pelos outros, pelas suas culturas, diferentes, pelos seus projetos, únicos, é sentir "fascínios que não conseguimos explicar" (Rosendo, 2021, p. 277). O repórter português José Manuel Rosendo (2021) recorda-se bem "do encantamento sentido ao ouvir a palavra Beirute. Ou Jerusalém, ou Bagdad" (p. 277)

As reportagens implicam sair, viajar de nós para os outros, escutar, escutar, escutar, observar o desconhecido e mergulhar nele, sem medos, para aprender, afinal, que, no desconhecido, há pessoas como nós, que sorriem, choram, saltam, gritam, chateiam-se e amam, pessoas com o mesmo direito que todos temos de fazer ouvir a nossa voz, de contar a nossa história aos outros, de tornar um mundo feito de muros num mundo onde todos possamos viver.

Mãos à Obra

Uma reportagem pode nascer de todo o tipo de situações. Umas são inesperadas, têm normalmente a ver com acontecimentos que alteram a rotina, acidentes, tragédias, catástrofes naturais, a eclosão de conflitos sociais e políticos, como as guerras. Outras podem ser previstas e atempadamente preparadas. Um repórter, que é aquilo em que se torna um jornalista quando *sai em reportagem*, tem de estar preparado para tudo.

A regra fundamental é sair da redação munido com o máximo de informação que seja possível recolher à distância. Se for algo que surgiu de forma inesperada, onde é que o acontecimento teve lugar, o que é que se sabe do que se terá passado, se será uma situação totalmente nova ou se corresponde a algo que já se vinha desenvolvendo, e teve um novo e inesperado episódio. Se for algo que corresponda a uma realidade social, económica ou política que não é suficientemente conhecida, ou a um problema que precisa de ser trazido a público e explicado, a primeira atitude a ter é escutar. É na escuta que se obtêm as primeiras informações que permitem, depois, ao repórter fazer o seu trabalho que é, na verdade, um trabalho que envolve sempre investigação: selecionar as melhores fontes de informação para apurar bem os factos, para evitar ser manipulado por quem o pode tentar enganar ou induzir em erro, selecionar bem as pessoas e entidades que devem ser ouvidas em entrevistas, conhecer o melhor possível a realidade social, económica e política do local ou da região onde a reportagem irá ser feita. As fontes de informação podem ser outras pessoas ou, então, documentos de toda a ordem: documentos oficiais ou estudos científicos disponíveis nas bibliotecas e na internet quando a questão tem a ver com decisões políticas ou problemas sociais, livros de história ou o trabalho de historiadores quando o problema é histórico, por exemplo, quando se relaciona com uma guerra, artigos antigos de jornal que tratem o tema que se vai tratar, sites da internet dedicados a informação específica, enfim, para cada tema ou caso, as fontes

de informação que irão ajudar o repórter a fazer com que o seu trabalho se aproxime, ao máximo, da verdade dos factos, podem e devem variar muito. Os melhores jornalistas são aqueles que melhor sabem selecionar, desde logo, as suas fontes de informação e não se deixam manipular pela primeira que lhes aparece. Por isso, a melhor reportagem exige também que o jornalista tenha tempo para a fazer. A pressa é a maior inimiga do bom jornalismo.

Há uma metáfora bonita para descrever a tarefa do repórter: a metáfora do mergulhador. Quando mergulha nas águas do mar, o mergulhador veste-se para se parecer com um peixe. Se não tem guelras para respirar, leva as garrafas de oxigénio, se não tem barbatanas para nadar, coloca barbatanas nos pés. Tal como o mergulhador, o melhor repórter é aquele que é capaz de permanecer, tanto quanto possível, num ambiente que lhe é estranho sem perturbar esse ambiente. O mergulhador nada com os animais marinhos, observa-os e só interage com eles para melhor os conhecer. O repórter faz mais ou menos o mesmo. Como explica o investigador e grande repórter português Jacinto Godinho (2004),

> estar no meio da multidão é ser envolvido por ela, entrar nos seus jogos, segredos, interesses e astúcias. Ninguém pode imiscuir-se na multidão sendo uma personalidade reconhecida. A multidão deixa de comportar-se naturalmente. Para que alguém, na multidão, aceite contar a sua história, (...) é preciso sentir a confiança do repórter. (p. 137)

É isto mesmo. A reportagem é a expressão mais nobre do jornalismo porque é a sua forma mais generosa de ser. E, tal como o mergulhador que volta à superfície para nos contar o que viu e os encontros que teve nas profundezas do mar, o repórter também traz até nós as histórias que ouviu contar, também descreve as realidades que encontrou, também nos mostra do que são feitas as vidas que não conhecemos.

Não Esquecer

- Uma boa reportagem pode começar sempre que questionamos a realidade em nosso redor;
- Só se pode falar verdadeiramente em reportagem quando exploramos novas realidades, quando vamos à procura dos outros;
- A reportagem implica sairmos de nós, estar sempre atento ao que se passa à nossa volta. Uma boa reportagem pode surgir de uma conversa com um amigo ou uma amiga, pode aparecer num buraco da nossa rua ou no trajeto que fazemos para a escola;
- Um bom repórter é aquele que aprende, primeiro, a escutar os outros, porque essa é a base para depois escrever bem, e com rigor, as histórias que têm para contar.

Uma Citação Sobre o Género

> É isso que me interessa: os sinais de um espanto que não se esgota na agenda informativa do dia. Tenho procurado esses sinais em povoados onde o largo ainda é "o centro do mundo", longe das grandes vias rápidas.
>
> O que me interessa é a fala dos homens e mulheres que encontro nesses lugares e aos quais nunca apontei um microfone sem prévia anuência, tantas vezes conquistada na cumplicidade da mesa ou do riso largo. (Alves, 2001, p. 240)

Uma Curiosidade

A reportagem e a entrevista estão profundamente ligadas na história do jornalismo, e profundamente ligadas entre si. Uma e outra terão surgido, verdadeiramente, nos anos 30 do século XIX, nos Estados Unidos, quando, a um jornal de Nova Iorque, o *New York Herald*, chegou a informação de um crime que acontecera num bordel da cidade, onde uma prostituta havia sido morta. O diretor do jornal não se satisfez em publicar a notícia tal como ela lhe havia chegado às mãos. James Gordon Bennett decidiu tentar saber mais detalhes, foi ao local do crime, e entrevistou a dona do bordel. A edição em que publicou toda a história foi um sucesso.

Ideias Para o Jornal Escolar

Qualquer situação que se passa à tua volta pode dar uma excelente reportagem. Escuta a tua família com atenção, todos te podem ajudar a identificar um tema, e a encontrar as pessoas certas com quem possas falar. Escuta as tuas professoras e professores, observa bem o caminho que fazes para a escola, tu até podes ir a pé porque vives perto, mas as tuas amigas e amigos podem viver muito mais longe, e será que têm bons transportes? E quando chove? E quando faz frio? E o desporto escolar? E o uso dos telemóveis? Depois, não te esqueças, deves sempre escutar as histórias que te contam e perceber se é preciso ir ouvir mais alguém, a direção da escola, a junta de freguesia, a câmara municipal, os dirigentes do clube da tua zona, quem quer que seja, que faça sentido para que a tua reportagem fique completa.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do financiamento UID/00736: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

Referências

Alves, F. (2021). Notas breves de um repórter vadio e intermitente. In P. Coelho, A. I. Reis, & L. Bonixe (Eds.), *Manual de reportagem* (pp. 239–241). Editora LabCom.

Godinho, J. (2004). *Genealogia da reportagem - Do conceito de reportagem ao caso Grande Reportagem, programa da RTP* [Tese de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa].

Kapuściński, R. (2009). *O outro*. Campo das Letras.

Rosendo, J. M. (2021). A reportagem que parecia impossível. In P. Coelho, A. I. Reis, & L. Bonixe (Eds.), *Manual de reportagem* (pp. 277–281). Editora LabCom.

Texto de Opinião: O que Tu Pensas, Importa!

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.8

Público na Escola

Descrição

O texto de opinião é um género jornalístico muito presente nos *media*. Nos países democráticos como o nosso, temos liberdade para pensar e para o expressarmos — chama-se a isso "liberdade de expressão". E o texto de opinião serve para isso mesmo. Para partilharmos com os outros as nossas opiniões e os argumentos que as sustentam, permitindo-nos exercer a nossa cidadania, ao mesmo tempo que contribuímos para incentivar a formação de opinião dos outros. E isto é essencial para que a nossa sociedade tenha cidadãos implicados e comprometidos no debate público do qual podem sair as melhores escolhas para o bem de todos.

No jornalismo há diferentes estilos para poderes expressar o que pensas. Há as crónicas, que são textos mais ligeiros, mais dedicados a olhares sobre o quotidiano (algo que tu viste na rua e te levou a refletir, por exemplo), há as análises, textos mais baseados nos factos aos quais tu acrescentas a tua própria interpretação, há o texto de opinião pura e dura e os editoriais dos jornais, mas o que é de facto importante é o teu juízo pessoal sobre uma discussão que está a decorrer na sociedade.

Mãos à Obra

Um texto de opinião exige uma escrita rigorosa. Uma coisa é teres a tua opinião sobre o que acontece, outra coisa, bem diferente, é divulgares a tua opinião junto dos teus colegas ou da tua comunidade através, por exemplo, de um jornal. Quando divulgas a tua opinião num jornal, tens de estar consciente que isso exige muita responsabilidade da tua parte.

Um bom texto deve ter uma construção que podes comparar a uma casa. Tem de começar pelos alicerces — o que te leva a escrever e o que pensas sobre isso; tem de ter

paredes — por que razão esse tema é importante e porque pensas o que pensas sobre ele; e tem de acabar num telhado — ou seja, tem de ter uma conclusão que torne fácil de entender o que está em causa e a razão pela qual a tua reflexão sobre os factos te leva a pensar e a defender o que escreveste.

Depois de escreveres a tua opinião, aceita como positivo que ela possa ser criticada por outros. A crítica ajuda-nos a melhorar os nossos pontos de vista. E, ao fazê-lo, contribui para que haja um enriquecimento da opinião pública, condição fundamental para uma sociedade mais esclarecida. Se um colega teu decidir defender outras ideias sobre o que tu pensas, aceita as suas críticas como uma coisa boa. Se achares por bem escrever um novo texto para justificar ou explicar melhor a tua opinião, tanto melhor. O debate público e a liberdade de expressão são importantes para a democracia e, escrevendo sobre o que pensas, estás a dar o teu contributo para que ela prospere.

É por isso que ao partilhares as tuas ideias tens de as basear em factos e conhecimento, recusando boatos, superstições ou teorias que não têm o apoio da ciência. Se baseares as tuas opiniões em *fake news*, estás a propagá-las e a intoxicar as opiniões dos que te leem. Isso é muito perigoso.

No mesmo sentido, não podes basear as tuas opiniões em linguagem insultuosa e deves evitar todo e qualquer ataque pessoal. Se por acaso a tua opinião tiver como objetivo contestar a opinião de outra pessoa, tens de considerar que a pessoa da qual discordas tem o mesmo direito que tu a ter a sua opinião. De resto, é saudável que as opiniões sejam divergentes.

Não Esquecer

É importante que os teus textos tenham ritmo e, para o conseguires (e para conseguires a atenção dos teus leitores), há algumas técnicas que podes utilizar:

- Alimenta um olhar curioso e atento ao que se passa à tua volta;
- Escolhe um assunto que mexa contigo;
- Diz logo no primeiro parágrafo qual é o assunto que te leva a escrever e manifesta logo aí o que pensas sobre ele;
- Tenta fazer sempre frases curtas e precisas;
- Evita a repetição de palavras;
- Não abuses de advérbios nem de adjetivos;
- Podes usar de alguma ironia, mas se escreveres num tom de brincadeira, arriscas a tirar toda a seriedade ao que escreveste;
- Escolhe o título combinando imaginação e rigor. É o convite à leitura do teu texto.

Uma Citação

"A opinião é um elemento importante do tecido democrático que estende pelo espaço público o debate, mas não substitui a informação, o velho programa do jornalismo de 'quem, o quê, quando, onde, porquê e como'" (Pereira, 2019, para. 1).

Uma Curiosidade

Os *media* estão repletos de espaços de opinião: comentadores e colunistas que expressam as suas opiniões sobre os mais variados temas. É importante saber o que pensam figuras públicas, pessoas com responsabilidade no assunto em questão, especialistas nessas áreas, mas é muito importante que não te feches nessas bolhas. Distancia-te e baseia-te sempre em factos para argumentar ou contra-argumentar. A tua opinião deve acrescentar.

Ideias Para o Jornal Escolar

Telemóvel na escola? Cidadania e Desenvolvimento? Integração dos colegas emigrantes? Inteligência artificial? Desde os grandes temas que fazem a atualidade do mundo e do país, aos da tua localidade, da tua rua ou da tua escola, o mais importante é que te manifestes sobre algo que te inquieta. Olha à tua volta, presta atenção ao que está a acontecer, ouve o que dizem os que te rodeiam e percebe quais são as suas principais inquietações, revoltas e ambições. São imensos os temas sobre os quais podes refletir, informar-te em fontes credíveis, construir e publicar a tua opinião nos *media* da tua escola.

Texto daptado do documento construído pelo *Público na Escola* (https://www.publico.pt/publico--na-escola) para apoio ao concurso mensal de texto de opinião, destinado aos alunos do ensino secundário, "Isto Também É Comigo!". Uma parceria com a Rede de Bibliotecas Escolares (https://www.rbe.mec.pt/np4/home.html).

Referências

Pereira, J. P. (2019, 12 de janeiro). No jornalismo o mais importante é a informação. *Público*. https://www.publico.pt/2019/01/12/opiniao/opiniao/jornalismo-importante-informacao-1857597

Recensão Crítica: Treinar o Olhar e Depois Opinar

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.9

Carolina Franco

Jornalista
Público na Escola
carolina.franco@publico.pt

Descrição

Pode não ser considerado o género jornalístico mais nobre, e há até quem se tenha posicionado contra a sua prática, mas a recensão crítica tem persistido e resistido aos desafios do tempo — e é cada vez mais diversa.

A história da arte costuma posicionar o surgimento *oficial* da crítica no século XVIII, altura em que tanto a imprensa como os salões artísticos, e o próprio mercado da arte, se iam desenvolvendo. Nesse período histórico, e por muito tempo, o crítico de arte era alguém, na grande maioria dos casos um homem, proveniente de um contexto socioeconómico burguês, que se movimentava nos circuitos artísticos. No século XVIII, pensamos em Denis Diderot; no século XIX em Charles Baudelaire (Silveira, 2021).

A crítica surge com um papel de mediação: cabia aos críticos avaliar os objetos artísticos para que eventuais compradores/colecionadores pudessem ter uma opinião especializada, e para que o público no geral fosse desenvolvendo o seu gosto e tivesse acesso à produção artística da época. Nos dias que correm, há mais formas de produção artística e há mais diversidade entre quem escreve crítica.

O que é que a crítica não é? Um resumo ou uma mera descrição. O que é que uma crítica é? Uma impressão bem fundamentada sobre um determinado objeto ou acontecimento artístico — uma pintura, uma peça escultórica, uma exposição, um livro, um filme, uma peça de teatro, uma série, entre outros.

Mãos à Obra

Quando decidiu que queria ser jornalista, Maya Phillips descobriu que havia gente que escrevia sobre "coisas divertidas" como filmes, peças de teatro, televisão, arte, música, e que podiam fazê-lo numa forma que "tinha tanta personalidade e tanto estilo". Atualmente, Phillips é uma reconhecida crítica do jornal norte-americano *New York Times* e costuma escrever sobre teatro, cinema, televisão e literatura. A primeira dica que dá a quem quer começar a escrever crítica é: "começa com uma reação visceral" (The New York Times Learning Network, 2021, 00:00:41).

O que sentimos sobre determinada criação artística pode, de facto, ser um ótimo ponto de partida para escrevermos uma recensão crítica. O primeiro passo poderá ser escrever todas essas sensações no papel; depois, reunir as anotações e perceber o ângulo da crítica. Não vale a pena falar sobre tudo, é preciso selecionar o que consideramos mais relevante.

Na preparação do texto, é importante perceber como é que se vai sustentar a crítica. Escolher bons argumentos recorrendo a exemplos que tenham a obra em análise como ponto de partida. Para que o texto não perca a força, deve evitar-se o recurso excessivo a adjetivos e ir além de uma avaliação que varie entre "bom" e "mau". Além disso, estabelecer uma relação entre a obra em análise e outras criações artísticas, bem como com o contexto em que se insere, no tempo e no espaço. Sempre que possível, revisitar a obra — amadurecer as ideias, perceber se os argumentos continuam a ter força.

Ao contrário da notícia, da entrevista e da reportagem, a recensão crítica é um texto opinativo, no qual não é esperada neutralidade por parte de quem escreve. É esperada, sim, imparcialidade: na crítica não devem pesar amizades e relações pessoais; é o objeto artístico que está a ser avaliado, independentemente do resto. O estilo de escrita também não tem de ser neutro: ter um tom próprio é uma característica imprescindível deste género jornalístico.

Um crítico é um especialista. Isto significa que quanto mais filmes se vir, melhor se vai escrever sobre cinema; quanto mais livros se ler, melhor se vai escrever sobre literatura; quanto mais discos se ouvir, melhor se vai escrever sobre música. Treinar o olhar e o ouvido é o segredo para escrever boas recensões críticas.

Não Esquecer

- Anotar momentos ou detalhes que nos parecem relevantes — ora porque nos impressionam positivamente, ora porque achamos que algo ali não faz sentido;

- Ir registando sensações. O que é que aquela peça de teatro nos está a fazer sentir? Que pensamentos nos vão ocorrendo enquanto estamos a ver aquele filme? No princípio, tudo importa;

- Refletir, rever o objeto de crítica. Se as cenas mais marcantes te continuam a impactar ou causar desconforto, vão ter de entrar no texto. Caso contrário, talvez não façam falta;
- Pesquisa além do objeto de estudo. Ter um enquadramento maior sobre a obra daquele autor ou as motivações daquele acontecimento vai dar força ao texto;
- Cuidado com os *spoilers*. Uma crítica pode — e deve — mencionar detalhes do que está a ser criticado, mas não deve contar a história inteira. Uma crítica não é um resumo;
- Ver, ouvir e ler muito. A crítica treina-se quanto mais expostos estivermos a objetos artísticos e a acontecimentos sociais.

Uma Citação

"A função da crítica deveria consistir em mostrar como algo é o que é, até mesmo que é o que é, e não em mostrar o que significa" (Sontag, 1996, p. 14).

Uma Curiosidade

A relação entre a crítica e os autores dos trabalhos artísticos criticados pode ser ambígua. Por um lado, a ideia do crítico de arte que vai avaliar uma obra pode causar desconforto; por outro, a crítica é uma forma de promoção do trabalho — sendo até, por vezes, incluídos excertos da crítica nos objetos promocionais da obra criticada. "Nenhum artista consegue, no fundo de si, aceitar a função de um crítico", disse François Truffaut (1975/2015, p. 23).

Ideias Para o Jornal Escolar

Há um livro que o/a jovem jornalista tenha lido e que acredite que toda a gente devia ler? Pode convencer os leitores do jornal através da crítica. Há um espetáculo que tenha visto no teatro da cidade e que o/a tenha deixado desconfortável? Pode pôr esse desconforto em palavras. Conciliar o que se ouviu, viu ou leu no conforto de casa com o que se viu ou ouviu numa sala de espetáculos longe da escola, fora do contexto educativo, tornará o espaço de crítica mais rico.

Referências

Silveira, A. (2021). *Crítica de arte*. RTP Ensina. https://ensina.rtp.pt/explicador/critica-de-arte/

Sontag, S. (1966). *Against interpretation and other essays*. Farrar, Straus & Giroux.

The New York Times Learning Network. (2021, 15 de janeiro). *How to write art and culture reviews with Maya Phillips* [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=NMjY4wvaJ98

Truffaut, F. (2015). *Os filmes da minha vida* (L. Lima, Trad.). Orfeu Negro. (Trabalho original publicado em 1975)

Entrevista: A Força do Discurso Direto

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.10

Joana Fillol

Jornalista e investigadora
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
https://orcid.org/0000-0002-8577-7809
joanafillol@gmail.com

Descrição

Não há jornalismo sem perguntas e sem entrevistas. Através delas, o jornalista obtém a informação que depois vai trabalhar para apresentar ao leitor/ouvinte/telespectador sob a forma de notícia ou reportagem, por exemplo. Mas a entrevista como género jornalístico — de que aqui falamos — é algo diferente: obedece a um formato de pergunta-resposta que vai ser apresentado assim mesmo ao público.

A entrevista é, portanto, uma conversa que o jornalista mantém com alguém *relevante* — no sentido de que se trata de uma pessoa que tem algo de importante para dizer sobre um determinado assunto. Pode entrevistar-se o protagonista de um acontecimento, a testemunha de um momento especial, o especialista num determinado tema, mas também alguém que, pela sua notoriedade pública, é interessante ouvir em discurso direto para se ficar a conhecer melhor a pessoa, a sua personalidade (uma cantora, um *youtuber*, uma escritora, um político, etc.).

Resumindo, em jornalismo não se faz uma entrevista porque sim: tem de haver um interesse particular para apresentar a conversa com aquela pessoa em forma de um diálogo, sob pena de o leitor não ter interesse em lê-la.

Mãos à Obra

Uma entrevista começa bem antes de se pôr o microfone no *on*. Escolhida a pessoa e aceite o desafio pelo entrevistado, o primeiro que o jornalista tem a fazer é pesquisar, documentar-se, ir saber mais sobre aquela figura, o seu trabalho, o(s) assunto(s) que a entrevista vai focar. A partir daí, constrói um guião, uma lista de perguntas para colocar ao entrevistado.

Judite de Sousa (2002) descreve a entrevista como "uma conversa a três: entrevistador, entrevistado e público" (p. 23). Não estando lá, o público também participa: o jornalista deve pensar nele — e naquilo que gostaria de saber — quando se prepara. Mas atenção: ter um guião não é sinónimo de segui-lo à risca. Uma entrevista deve ser uma conversa, nunca um questionário. No seu decurso, perguntas imprevistas surgem e outras, planeadas, deixam de fazer sentido. A atenção e o saber ouvir — capacidades cada vez mais raras — são essenciais para o jornalista conseguir uma boa conversa, fluída, algo que raramente acontece quando só se está pendente de colocar a questão seguinte do guião e não se olha o entrevistado nos olhos.

Se, na rádio ou na televisão, a entrevista termina com o desligar do microfone ou da câmara, na imprensa escrita é diferente. Além de fazer a transcrição da gravação da conversa, o jornalista precisa, também, de escrever uma introdução em que apresenta o entrevistado, e de fazer aquilo que, na gíria jornalística, se designa por "apontamento de reportagem". Isto é, *transportar* o leitor para o contexto da conversa, explicar o ambiente. Por exemplo, dizer o local onde decorreu e descrevê-lo, dar atenção a um pormenor, a um comportamento do entrevistado (chegou atrasado; estava descontraído, tenso; tentava despachar as respostas ou, pelo contrário, colava memórias umas às outras). Enfim, dar conta daquilo que o microfone não capta — "os latidos do coração", como lhes chamou Gabriel García Márquez (Centro Gabo, 2020). Como quem lê uma entrevista não está a ouvir a voz e a imagem do entrevistado, o jornalista não se pode esquecer que a linguagem não-verbal também contém informação, que pode e deve ser assinalada, entre parênteses retos, na transcrição — sorri, emociona-se, baixa a cara, chora, fica em silêncio, leva as mãos à cabeça, por exemplo. Há gestos que podem dizer tanto ou mais do que as palavras. Na rádio, as emoções transparecem através da voz, mas o ouvinte não vê. O jornalista radiofónico tem, por isso, que informá-lo se algo de importante estiver a acontecer a esse nível.

Não Esquecer

- Não há perguntas-tabu e, como dizia Oscar Wilde (1893/1997), "as perguntas nunca são indiscretas. As respostas às vezes são" (Ato I);
- Aguentar os silêncios do entrevistado (depois de um, vem, por vezes, uma declaração importante);
- Insistir quando, por exemplo, o entrevistado hesita no que vai dizer ou o assunto merece (mas, cuidado, insistir não é massacrar);
- O jornalista tem o direito de perguntar, o entrevistado o de não querer responder (às vezes, uma não resposta também é uma resposta);
- Uma pergunta é uma pergunta, não uma exposição;
- O jornalista não é um "pé de microfone": não está lá apenas só para ouvir. Sobretudo quando se trata de temas polémicos, ele tem, com as suas perguntas,

de questionar, contrapor o que o entrevistado diz (por exemplo, se acha que o entrevistado está a mentir ou a passar só uma versão dos factos);

- Pode-se anunciar nas redes sociais do *medium* escolar que se vai entrevistar a pessoa x e perguntar aos seguidores se têm alguma questão que queiram colocar.

Uma Citação Sobre o Género

"As entrevistas são como o amor: são precisas duas pessoas para fazê-las e só saem bem se essas duas pessoas quiserem" (Centro Gabo, 2020, para. 6).

Uma Curiosidade

Na imprensa escrita, a presença da entrevista enquanto género é relativamente recente. Joaquim Letria (1999) conta que o recurso a ela foi uma forma que jornais e revistas encontraram para fazer frente ao "contacto direto" proporcionado pelos meios audiovisuais. Uma das principais vantagens da entrevista — escreve Letria — é a "transferência de calor humano muito próprio, nascido da sensação de instantaneidade" (p. 38).

Ideias Para o Jornal Escolar

Por que não entrevistar um/a aluno/a que seja atleta de alta competição e saber como é conciliar estudos e desporto? Ou um ex-aluno/a da escola que esteja num lugar de destaque? Ou o presidente da Câmara sobre as políticas de juventude do município? Ou o artista que vai atuar no teatro municipal?

Agradecimentos

Este artigo foi desenvolvido no âmbito do projeto "bYou – Estudo das vivências e expressões dos jovens sobre os media", financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia com a referência PTDC/COM-OUT/3004/2020. DOI: https://doi.org/10.54499/PTDC/COM-OUT/3004/2020.

Referências

Centro Gabo. (2020, 23 de outubro). *10 reflexiones de Gabriel García Márquez sobre las entrevistas periodísticas — Un decálogo del escritor colombiano sobre la entrevista en el oficio periodístico*. https://centrogabo.org/gabo/contemos-gabo/10-reflexiones-de-gabriel-garcia-marquez-sobre-las-entrevistas-periodisticas

Letria, J. (1999). *Pequeno breviário jornalístico — Géneros, estilos e técnicas*. Editorial Notícias.

Sousa, J. (2002). *Olá Mariana — O poder da pergunta*. Oficina do Livro.

Wilde, O. (1997). *An ideal husband*. The Project Gutenberg. (Trabalho original publicado em 1893)

Fotografia: Uma Ferramenta do Jornalismo

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.11

Adriano Miranda

Fotojornalista
Jornal *Público*
amiranda@publico.pt

Descrição

A necessidade de documentar um acontecimento através de imagens sempre foi um anseio da humanidade. Podemos recuar às pinturas rupestres. Podemos recuar aos desenhos da Guerra Civil nos Estados Unidos. No momento em que escrevo este texto, podemos abrir o jornal e ver as impressionantes fotografias das cheias em Espanha. O fotojornalismo nasce dessa vontade imensa de dar a conhecer… de informar e alcançar o maior número de pessoas no maior número de continentes.

A fotografia faz hoje parte de todas as plataformas da comunicação social, sendo uma parte fundamental na informação que consumimos todos os dias a um ritmo alucinante.

Mãos à Obra

Um fotojornalista tem de gostar do que faz. É um trabalho exigente, que requer tempo, disponibilidade, paciência e coragem. Poderá fazer subir em demasia os níveis de adrenalina, mas, em compensação, não é em nada um trabalho monótono e pouco diferenciado. Bem pelo contrário, nunca há dias iguais. O fotojornalista pode estar a fotografar um jogo de futebol, o telemóvel tocar, e em poucas horas estar a apanhar o avião como enviado especial para uma guerra na outra ponta do continente.

O fotojornalista tem regras de ética e conduta muito apertadas. Não deve interferir, manipular ou empolar acontecimentos. No terreno, o fotojornalista documenta o que vê. Faz trabalho de equipa com o seu colega redator. Ambos terão de estar atentos ao

que se desenrola, ajudando-se mutuamente.

Findo o recolher das imagens, o fotojornalista terá que enviar as suas fotografias para a redação. Se antigamente os processos eram algo demorados e arcaicos — aos nossos olhos de hoje —, presentemente, com a internet, todo o processo é simples e rápido. Na escolha das fotografias, e na sua edição, o fotojornalista está expressamente proibido de alterar e manipular elementos que compõem a fotografia. A história do fotojornalismo está repleta de casos de abuso. Um dos exemplos mais recentes foi o de um fotojornalista de uma agência de notícias internacional que, com a ajuda do Photoshop, acrescentou fumo aos céus de Beirute para dar a ideia que a cidade estava a ser muito bombardeada.

Um fotojornalista é obrigatoriamente uma pessoa bem informada e culta. Deve estar a par dos acontecimentos que vai cobrir. Deve ser uma pessoa com boa formação técnica e estética. As fotografias que produz devem ter sempre dois ingredientes fundamentais — carga informativa (estamos a informar o leitor) e carga estética (estamos a potenciar a criatividade). Um excelente fotojornalista é o que bem sabe cozinhar estes dois ingredientes.

É uma profissão muito exigente e com um grau de responsabilidade muito grande, pois o que o fotojornalista capta e publica pode influenciar perceções, despertar emoções fortes ou até afetar diretamente a vida das pessoas retratadas. O fotojornalista deve em primeiro lugar, e sempre, respeitar os fotografados. Estejam eles em que condições estiverem. Os casos de maior vulnerabilidade, como a guerra, a doença, o sofrimento, os atropelos sociais, devem merecer o maior respeito pelo fotojornalista, que está vinculado, também, ao estatuto do jornalista.

Em resumo, um fotojornalista deve ser astuto, rápido, responsável, informativo e criativo. Em suma, uma boa pessoa!

Não Esquecer

- Ter sempre o material necessário ao exercício desta atividade em prontidão. Nunca sabem quando vai ser necessário. Pode ser amanhã, como daqui a um segundo;

- Um fotojornalista é um jornalista. No seu dia a dia deve estar atento às notícias. Qualquer sinal que considere ser relevante do ponto de vista noticioso, deve avisar a redação e começar a fotografar. Não deve esperar por ordens superiores para avançar para o terreno. O tempo corre contra a notícia;

- Respeitar sempre os outros colegas de trabalho — fotógrafos, operadores de câmara, jornalistas de rádio… Por vezes, existe muita confusão na cobertura de um acontecimento. Devemo-nos auxiliar uns aos outros;

- O fotojornalista faz parte de uma família alargada que dá pelo nome de "redação".

É lá que surgem as ideias e as discussões para a realização de reportagens. O fotojornalista deve ser um promotor de ideias para futuros trabalhos;

- Na ação, o fotojornalista deve ter sempre abordagens diferentes como pontos de vista, enquadramentos, abordagens… colocar o cérebro e o olhar em sintonia com a criatividade.

Uma Citação

"Deixa o objecto respirar, deixa que a situação se desenrole. E pensa sobre a forma como as escolhas estéticas que fazes contribuem para o significado da fotografia" (Lowe, como citado em Ribeiro, 2024, para. 8).

Marta Sofia Ribeiro (2024), a propósito do trabalho de fotojornalismo de Paul Lowe, "o dilema ético era constante nessas alturas — o que devia mostrar e qual era a melhor forma de o fazer, como devia relacionar-se com os lugares e com as pessoas que fotografava" (para. 6).

Uma Curiosidade

Se, em Portugal, antes do 25 de Abril de 1974, os fotógrafos das redações não eram considerados jornalistas, após a revolução, todos os repórteres de imagem adquiriram o direito à Carteira Profissional de Jornalista. Até hoje!

Ideias Para o Jornal Escolar

Quantas fotografias entram hoje na vossa escola? Vamos fazer um mero exercício. A vossa escola tem 700 alunos. Todos têm telemóvel com câmara fotográfica. Todos fotografam. Cada telemóvel tem 200 fotografias. Ou seja, entram na escola todos os dias 140 mil fotografias!! No meio de tantos fotógrafos e de tantas fotografias teremos certamente alguns alunos com o "bichinho" do fotojornalismo.

Será fácil fazer umas reportagens. Comecem por juntar um grupo de amigos. Têm já formada a vossa agência fotográfica. Reúnam e discutam ideias — o vosso bairro, a vossa família, o gosto por animais ou por desporto. Lancem ideias, por mais disparatadas que possam parecer. Por vezes, são as melhores. Distribuam individualmente as reportagens selecionadas — quem vai fazer o quê. Peguem na vossa câmara fotográfica e mãos à obra. Divirtam-se. Depois selecionem um grupo de fotografias e publiquem. As vossas fotografias merecem ser apreciadas.

Referências

Ribeiro, M. S. (2024, 20 de outubro). Paul Lowe (1963-2024), o fotojornalista que olhou para o outro lado de Sarajevo. *Público*. https://www.publico.pt/2024/10/20/culturaipsilon/noticia/paul-lowe-19632024--fotojornalista-olhou-lado-sarajevo-2108474

Jornalismo Multimédia: Imaginação Sem Limites

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.12

Maria João Cunha

Jornalista e docente convidada
Rádio Renascença/Departamento de Ciências da Comunicação,
Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho
mjoao.cunha@rr.pt

Descrição

O jornalismo multimédia combina a exploração de formatos para a apresentação digital de conteúdos. Vídeo, texto, fotografia, infografia, som, ilustrações, animações, interatividade e navegação são elementos que podem ser combinados ou explorados de forma isolada para contar uma história no meio digital. A plasticidade destes componentes permite idealizar incontáveis fórmulas para construir uma narrativa. As possibilidades são infinitas e o processo criativo é um aspeto central na criação de conteúdos multimédia.

Nesta área do jornalismo, podemos contar uma mesma história de várias formas. E decidir, a cada momento, que formato privilegiar, consoante o público, a plataforma ou o dispositivo a que se destina.

Uma reportagem multimédia — ou "imersiva" — pode ser apresentada num website em formato não linear, mais ou menos interativo, onde os elementos apresentados se complementam e não devem ser redundantes. Ou pode assumir o formato vídeo para ser distribuído nas plataformas de vídeo; ou o formato podcast, como narrativa áudio; ou os mais recentes formatos das redes sociais; ou até experiências de "gamificação" (criação de jogos) ou realidade virtual, só para dar alguns exemplos.

Pode, também, ser tudo isto em simultâneo e de forma combinada.

O jornalismo multimédia trabalha sobretudo experiências, sempre a pensar no público e na melhor forma de contar uma história.

Mãos à Obra

Escolher como e onde apresentar um trabalho jornalístico multimédia pode depender de múltiplos fatores e quase sempre se faz depender dos recursos disponíveis: pessoas, tempo, ferramentas, capacidade técnica… Mas é a potencialidade que as histórias carregam para serem exploradas em cada formato que primeiro deve indicar o caminho a seguir. Para cada tipo de informação, há pelo menos um formato que vai apresentar o segmento de uma história de forma mais atrativa e informativa.

Para além das perguntas fundamentais do processo jornalístico — "quem", "o quê", "quando", "onde", "como", "porquê" —, há questões adicionais que se colocam quando se concebe um projeto multimédia. Alguns exemplos: "o que significa?", "o que quer dizer?" (quando queremos aprofundar um conceito); "como funciona?", "como posso fazer?" (para explicar o funcionamento de algo); "o que pode acontecer?" (quando é útil elaborar cenários).

Este processo ajuda a estruturar melhor a forma de apresentar o material que se pode recolher e a chegar à melhor fórmula para introduzir os vários aspetos de uma história. Posso usar gráficos — mais ou menos interativos —, vídeos, texto, áudio, imagens; ou até combinações destes elementos — vídeo infográfico ou fotogaleria com áudio, por exemplo.

Pensamos, por isso, a bondade de cada formato e os seus benefícios.

Não será tão interessante filmar uma conferência, por exemplo, ao contrário de uma competição ou de algo que contenha ação e mereça ser visualizado com imagem em movimento. Já o áudio é perfeito para descrever ambientes, para declarações importantes ("soundbites") ou para acompanhar gráficos. A fotografia conta histórias como nenhum outro formato: retém os momentos, conserva-os, obriga à observação atenta.

A infografia representa realidades mais complexas. Ajuda a compreender, concretiza o que é complicado explicar e apresenta sempre de forma mais clara conjuntos de dados que, quando expostos em texto, podem ser extensos e difíceis de assimilar. Se houver algo que precisamos de localizar, então fazemos um mapa; se for interessante visualizar, fazemos um esquema; se for útil experimentar, construímos um simulador.

Já o texto é o formato mais rápido, mais simples, de melhor assimilação, mas também o mais rico e versátil. É, muitas vezes, a base de um trabalho jornalístico multimédia: o texto orienta, guia e suporta o essencial da história.

Perante tantas variáveis, no jornalismo multimédia, o planeamento é realmente fundamental. Projetar o que se vai recolher, produzir, como se vai organizar e desenvolver, quer seja em equipa ou de forma individual, é muito importante para orientar o trabalho de campo (reportagem, pesquisa, recolha de material, entrevistas) e para garantir que esta fase tão importante é bem executada.

Depois há que contar com imprevistos, ajustes, adaptações do plano à própria realidade. É importante ser flexível e pragmático na altura de editar um projeto e de lhe dar forma.

Não Esquecer

- Antes de avançar para um trabalho jornalístico multimédia, procura clarificar muito bem o teu pensamento: tenho uma boa história? Qual é o tema? O que é interessante no meu tema? Por que é que o público se deve importar com a história que vou contar? De que informação vou precisar? Que ferramentas e capacidades técnicas tenho à disposição? Qual é o meu grande objetivo?

- Os elementos multimédia que escolheres produzir devem ser realmente úteis para a tua história. Opções em excesso podem ser mais prejudiciais do que benéficas. Importa manter a estrutura do projeto simples. E eficaz.

- O jornalismo multimédia vive muito da imagem e da sua qualidade. A apresentação, a interação, a navegação e a usabilidade (capacidade de uso e de interação), os elementos de design e gráficos, a coerência visual — toda a atenção que possamos prestar a estes componentes, nunca será demais.

- São as histórias originais e surpreendentes que marcam os leitores e utilizadores. Pensa sempre: como posso surpreender?

- Não há formatos perfeitos, há boas formas (inteligentes) de contar histórias.

Uma Citação

"Jornalismo imersivo é não apenas sobre transportar o utilizador para outro lugar. Imersão requer esforço adicional" (Kangasniemi, 2021, p. 26).

Uma Curiosidade

O jornalista multimédia não é só uma espécie de "canivete-suíço", um "faz-tudo". É sobretudo alguém que se encanta com a possibilidade de cumprir tarefas muito diferentes e explorar formatos muito distintos. É alguém que adora filmar, fotografar, editar, brincar com palavras e com sons. É um contador de histórias elevado à potência, porque imagina sempre um sem-fim de possibilidades e faz de cada reportagem uma aventura sem desfecho previsível.

Ideias Para os Meios Escolares

Por que não criar uma série de conteúdos para o TikTok, explicando o essencial das notícias (do meio escolar) da semana? Ou imaginar um documentário vídeo interativo

sobre a experiência na escola, dos alunos mais novos aos mais velhos? Ou contar, num podcast ou série áudio complementada por texto e fotografia, as histórias mais divertidas dos professores? Ou encontrar, nos arquivos da escola, imagens e registos antigos e apresentar, numa página interativa, histórias esquecidas e surpreendentes?

Referências

Kangasniemi, J. (2021). *What we can learn from the best examples of immersive journalism*. Reuters Institute for the Study of Journalism; University of Oxford. https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/what-we-can--learn-best-examples-immersive-journalism

Jornalismo de Dados: Os Números Também Contam Histórias

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.13

Rui Barros

Jornalista
Jornal *Público*
rui.barros@publico.pt
https://orcid.org/0009-0000-1388-5598

Descrição

Há provavelmente na tua cabeça um muro que separa o jornalismo da matemática. Letras de um lado, números do outro, sem se misturarem. Mas, se pensares melhor, essa separação não faz muito sentido. Quando juntamos jornalismo e estatística — o ramo da matemática que nos ajuda a entender o mundo —, temos o jornalismo de dados.

Apesar de muitas vezes esta área do jornalismo ser apresentada como nova, tudo o que já aprendeste sobre jornalismo aplica-se também ao jornalismo de dados. A grande diferença é que, além de fazeres o que um jornalista "normal" faz, vais "entrevistar os números" (já explico) e encontrar maneiras de transformar esses números em histórias que as pessoas querem ler, ouvir ou ver.

O jornalismo de dados segue um pouco o método científico: o jornalista formula hipóteses, recolhe os dados que permitem testá-las e, se as conclusões forem interessantes, pensa na melhor forma de apresentar essa informação ao público.

Com esta abordagem, podes chegar a conclusões que seriam difíceis de alcançar sem analisar números. E, como vivemos numa era com dados sobre quase tudo, esta área tem crescido nas redações pelo mundo fora. Embora alguns trabalhos possam ser complexos e exigir conhecimentos como programação, para começares só precisas de saber somar, subtrair, calcular médias e filtrar valores num programa como o Excel.

Mãos à Obra

O jornalismo de dados começa como qualquer outro tipo de jornalismo: pode ser uma suspeita que tens, uma dica que alguém te deu, um tema que sabes que preocupa o teu público, algo que está a acontecer na atualidade ou simplesmente uma base de dados que encontraste e achas que tem potencial (vai acontecer mais vezes do que imaginas possível, vais ver!).

É difícil dizer exatamente como nasce um trabalho de dados, mas normalmente é com inquietações como "devíamos fazer algo que" ou "será que". Ou, como escreve Claire Miller (2022), no jornalismo de dados, tal como em todo o jornalismo, a resposta à pergunta "qual é a tua história?" é a melhor forma de definir qual é a tua hipótese.

Embora cada história seja única e não haja fórmulas mágicas, há algumas perguntas gerais que te podem guiar:

Qual é o valor mais alto (ou mais baixo)? Quem é o melhor? E o pior?

Exemplo: qual é o país da União Europeia onde os alunos têm as melhores notas a Matemática? E porquê? Como se compara Portugal com esse país?

O que está a crescer mais ou a diminuir?

Exemplo: em cinco anos, uma escola passou de uma média de 11 valores para 17 no exame nacional de Português. É a escola que mais melhorou. O que aconteceu?

Coisas raras ou incomuns

Exemplo: tens dados sobre os videojogos mais jogados em cada concelho este mês. Imagina que, nos 308 concelhos, apenas um joga um jogo diferente. Porquê? Há alguma razão especial?

Olhar para nós mesmos através dos dados

Exemplo: quem somos como escola, concelho, distrito ou país? Fazer um retrato com números pode ajudar-nos a entender melhor a comunidade em que vivemos.

Expor desigualdades

Exemplo: tens acesso às velocidades médias de internet por freguesia. Sabes que, na tua escola, há alunos das freguesias A, B e C. Os alunos das freguesias A e B têm velocidades razoáveis, mas os da freguesia C têm internet tão lenta que nem conseguem ver vídeos no YouTube.

Relação entre coisas

Exemplo: há relação entre o número de horas que os alunos estudam e as notas que tiram?

Nota: nestes casos, é preciso ter MUITO cuidado. Só porque duas coisas estão relacionadas não significa que uma cause a outra. Por exemplo, se relacionares o número de protetores solares vendidos com o número de pessoas que apanham escaldões, vais ver que ambos aumentam ao mesmo tempo. Mas isso não quer dizer que comprar protetores solares cause escaldões (provavelmente ambos aumentam porque chegou o Verão).

Existem muitas outras possibilidades. Tudo depende do que estás a analisar e dos dados que tens. Com um objetivo em mente, o primeiro passo é encontrar onde recolher dados sobre o assunto. Aqui entram as tuas habilidades de pesquisa: através do Google, consultando especialistas ou falando com alguém que perceba do tema, há sempre uma forma de chegar aos dados.

Com os dados à tua frente, é hora de usares os teus conhecimentos de análise e estatística. O que posso fazer com esta base de dados? Que perguntas posso fazer e como obtenho as respostas? As respostas levam-me a mais questões? Posso explorar outros caminhos?

Quando sentires que tens uma história, o processo é o mesmo de uma notícia normal: deves falar com pessoas? Quem? Alguém pode ajudar a explicar as conclusões a que chegaste?

É também nesta fase que pensas na melhor forma de apresentar os teus números ao leitor: posso fazer um gráfico? E, se sim, que tipo de gráfico?

Não Esquecer

- Tal como qualquer fonte, quem produz os dados pode ter interesses próprios. É importante questionar como os dados foram recolhidos e se há algum problema que possa distorcer a realidade.
- Antes de começar a análise, é boa prática planeá-la. Escreve o que queres descobrir e como pretendes chegar lá.
- Às vezes, simplesmente não há dados sobre o que queres investigar (mesmo que seja frustrante).
- A falta de dados pode ser, por si só, uma história — especialmente se achas que era importante entender a dimensão de um problema.
- O computador é para o jornalista de dados o que a máquina fotográfica é para o fotojornalista. Quanto mais souberes de informática e estatística, mais longe podes ir nas tuas histórias.
- Procura simplificar a linguagem para que os números não pareçam assustadores. Qual destas frases te parece mais fácil de entender: "33% dos alunos da escola não têm internet em casa" ou "um em cada três alunos da escola não tem internet em casa"? Ambas dizem o mesmo.

- Quando tiveres de comunicar números, procura usar comparações quando achares necessário. Por exemplo: 600 km é mais fácil de imaginar se acrescentarmos à frente "equivalente à distância entre Braga e Portimão".

Uma Citação Sobre o Género

"Os dados são como qualquer outra fonte. Falham, estão incompletos. Tal como um ser humano, é por vezes difícil saber onde é que estas falhas e mentiras estão" (Pilhofer, como citado em Byrne, 2013, para. 15).

Ideias Para o Jornal Escolar

Um jornal escolar deve ser pensado para os seus leitores: os alunos, em primeiro lugar. Aqui ficam algumas ideias que podem ser interessantes:

- Analisar as notas dos alunos e perceber se há alguma tendência;
- Recolher as ementas da cantina e avaliar se as refeições respeitam as proporções da roda dos alimentos;
- Quais são os livros mais requisitados na biblioteca? Há algum género que os alunos prefiram? Consegues identificar um padrão?
- Como está a escola em termos de eficiência energética? Está a gastar mais ou menos recursos do que nos anos anteriores? Se o consumo se mantém alto, por que razão a direção não toma medidas para reduzi-lo?
- Todos os alunos têm as mesmas condições de transporte escolar? Ou há alunos de freguesias mais afastadas que têm de esperar mais tempo? Se sim, como se sentem esses alunos? Estão a ser prejudicados?
- Quantos professores da escola são efetivos? Esse número é muito diferente das escolas vizinhas? Se for, porquê?

Referências

Byrne, C. (2013, 13 de maio). Scoops and software: How *The New York Times* tells stories with data. *Fast Company.* https://www.fastcompany.com/3009631/scoops-and-software-how-the-new-york-times-tells--stories-with-data

Miller, C. (2022). *Getting started with data journalism*. Leanpub.

Infografia: Quando os Desenhos e as Palavras Se Juntam Para Salvar o Mundo (ou Pelo Menos a Tua Compreensão!)

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.14

Rui Barros

Jornalista
Jornal *Público*
rui.barros@publico.pt
https://orcid.org/0009-0000-1388-5598

Cátia Mendonça

Jornalista
Jornal *Público*
catianmendonca@gmail.com
https://orcid.org/0009-0004-3879-1132

Descrição

Se pegares num jornal e o folheares, verás que um jornal hoje não tem só texto. Para além das fotografias, poderás encontrar ilustrações, gráficos e esquemas que ajudam a informar sobre um tema, a perceber como é que algo funciona ou a mostrar dados estatísticos. Isso tem o nome de "infografia" — representação visual gráfica da informação.

Ao contrário de uma simples ilustração, a infografia tem como objetivo contar uma história, tal como qualquer forma de jornalismo.

É como uma super combinação de palavras e imagens, que trabalham juntas para contar uma história ou explicar assuntos complicados em algo fácil de entender. E o melhor? Além de ser mais interessante de ver e de ler, é muito mais fácil de memorizar, como um *meme* que nunca esquecemos!

Só que aqui estamos a explorar ao máximo a capacidade visual do nosso público para explicar como é que algo é feito, o que acontece, o que vai acontecer ou a ilustrar as estatísticas com gráficos — esta última chama-se "visualização de dados", isto é, a representação de números em gráficos, como alguns que já viste no teu livro de matemática.

No entanto, pensar como um infografista pode ser um desafio. Às vezes, as pessoas podem achar que a infografia serve apenas para tornar algo "mais engraçado". Mas a verdade é que tem um objetivo sério e importante: facilitar a comunicação. Lembraste de quando estudavas um tema complicado e fazias esquemas ou desenhos para perceberes melhor? Isso era uma forma de infografia! E quando tentas explicar algo a um amigo e acabas por fazer um desenho no caderno para ele perceber melhor, isso também é um tipo de infografia.

Portanto, sempre que usas imagens, desenhos ou gráficos para explicar uma ideia, estás a usar essa linguagem visual para comunicar. E o mais interessante é que este método funciona porque o nosso cérebro adora imagens: processamos informação visual muito mais depressa do que texto, e é por isso que uma boa infografia pode ser tão poderosa.

A infografia é assim uma ferramenta poderosa porque combina texto, imagem e dados para comunicar. Como estamos a recorrer a uma outra forma de comunicar — a linguagem visual — por vezes é difícil pensar como um infografista e, pior ainda, pensar que uma infografia está lá para tornar um tema mais "engraçado".

Desde as Cavernas, Pois Claro!

A história da infografia começou há muito, muito tempo! Na verdade, podemos dizer que as primeiras infografias foram feitas pelos nossos antepassados das cavernas. Eles usavam pinturas nas paredes para mostrar como caçavam ou como era a sua vida diária. Esses desenhos ajudavam a contar histórias e a ensinar coisas importantes.

Mais tarde, ao longo dos séculos, as pessoas continuaram a usar imagens para partilhar informações. Por exemplo, alguns mapas antigos são um tipo de infografia porque mostram lugares e caminhos de forma visual. Quando as primeiras enciclopédias foram criadas, muitas incluíam ilustrações para ajudar as pessoas a aprender sobre o corpo humano, animais ou lugares distantes. Leonardo da Vinci, de quem provavelmente já ouviste falar, foi um polímata (alguém com muitos interesses e conhecimentos em várias áreas diferentes) que se destacou na criação de várias dessas ilustrações.

No século XIX (há mais de 100 anos!), um homem chamado Charles Minard criou uma infografia muito famosa (Figura 1). Ele usou gráficos para mostrar como o exército de Napoleão perdeu soldados durante uma grande guerra. Esta infografia é considerada um exemplo incrível de como imagens podem contar histórias de forma clara.

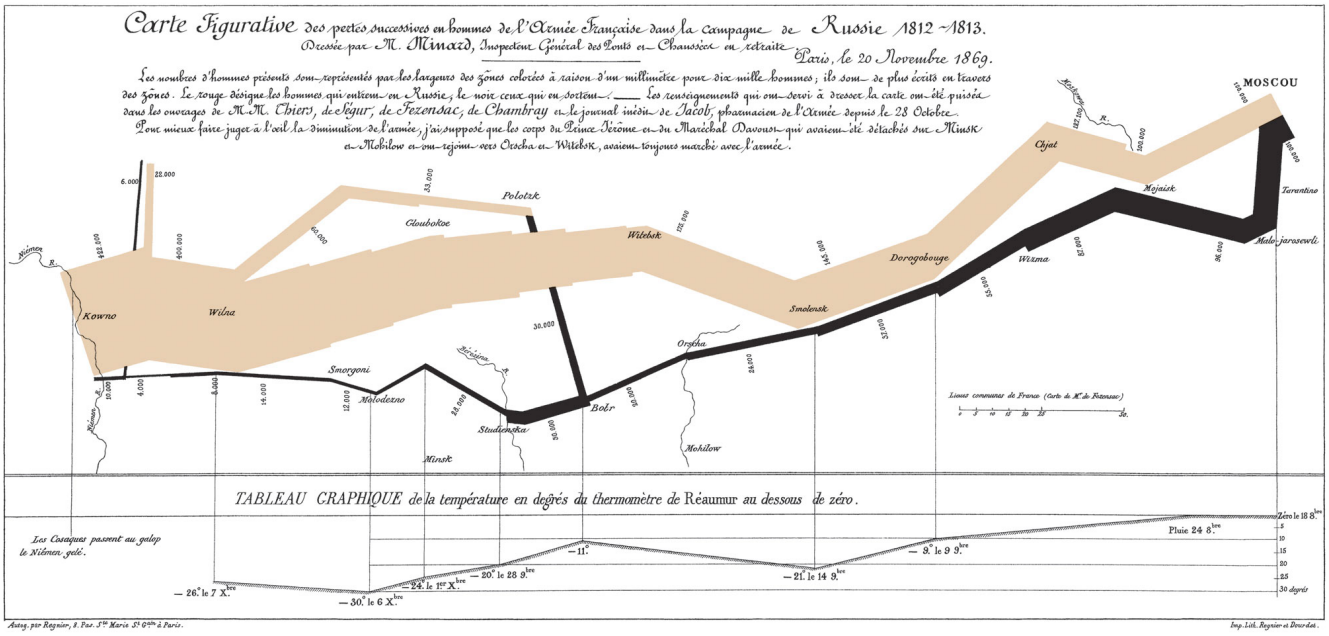


Figura 1
Mapa do número de homens que Napoleão perdeu na sua campanha de guerra contra a Rússia, em 1812.

Créditos. Charles Minard, Litografia de 1869

Com o tempo, e com o desenvolvimento da tecnologia, as infografias tornaram-se ainda mais populares e pormenorizadas. Hoje em dia, usamos computadores para criar infografias que são usadas em jornais, livros, nas redes sociais e até na escola para tornar a informação mais fácil e divertida de entender!

Mãos à Obra

Não há por onde fugir: fazer uma infografia implica o uso da tua capacidade de comunicar visualmente e, por consequência, também do teu jeito para comunicar de forma visual. Mas lembra-te que, apesar de ajudar, o "jeito para o desenho" não é tudo numa infografia.

Tudo começa com uma simples, mas difícil, pergunta: o que é que eu quero mostrar e qual é o objetivo desta minha infografia? Quero explicar como é que algo funciona? Ou mostrar ao meu público que algo mudou através de números? Ou quero ter um mapa para comunicar números? Há inúmeras possibilidades (e até se podem combinar várias destas representações visuais). Mas o ponto importante é definir sempre o que se quer contar e como.

Antes de começar, é preciso ter duas coisas em consideração:

- Há algum estilo ou aspeto gráfico a que deves obedecer? Sabes quanto espaço vais ter para contares visualmente a tua história? Se for para publicar num jornal escolar, há, por exemplo, um esquema de cores a que deves obedecer? Um tipo de letra definido? Tudo isto é importante ter antes de avançar para a infografia.

- Tens alguma referência visual do que queres fazer? Algum exemplo parecido que achas que se enquadra naquilo que queres fazer? É relativamente comum fazer-se *mood boards* — ou seja, recolher elementos que nos inspiram para aquele trabalho.

Depois de já teres uma ideia do que queres fazer, é hora de começar a desenhar! Para isso, podes usar várias ferramentas diferentes. Mas a nossa recomendação é começares sempre com um esboço simples numa folha de papel.

Porquê? Porque, no papel, não tens de te preocupar se o desenho está bonito ou feio. É só um rascunho para experimentares ideias.

Se não gostares do que fizeste, não há problema nenhum: podes deitar fora e começar de novo sem perder nada importante. Lembra-te, um esboço é só o primeiro passo para algo incrível.

Depois de teres um esboço mais definido, podes avançar para algo mais concreto, como o desenvolvimento criativo. Nesta fase, é útil ter algum conhecimento de ilustração digital. Normalmente, os infografistas utilizam ferramentas como o Adobe Illustrator ou o Figma para desenhar (em alternativa, poderás também experimentar o Canva). Outra coisa que pode ajudar bastante é uma mesa digitalizadora, que te permite desenhar diretamente como se estivesses no papel.

Se a tua infografia precisar de muitos gráficos para mostrar dados, podes usar ferramentas como o Flourish, que é ótimo para criar visualizações de dados. Mas é importante saber escolher o gráfico certo! Para isso, uma boa dica é consultar o "Vocabulário Visual" do *Financial Times* (https://ft.com/vocabulary — o site está em inglês), que ajuda a descobrir que tipo de gráfico é melhor para os teus dados e a tua mensagem.

Não Esquecer

- Uma infografia não é apenas o texto transformado em desenhos ou uma simples repetição do que já foi dito. É quase como uma nova peça que explora a sua natureza mais visual;

- As anotações — sim, aquelas setinhas com texto que apontam para um gráfico ou destacam um elemento específico — são muito importantes numa infografia. Elas funcionam como guias, ajudando o leitor a perceber detalhes importantes que podiam passar despercebidos, ou a focar-se nos elementos que realmente interessam. Só porque uma infografia é visual não quer dizer que o texto não possa ter um papel fundamental;

- As infografias geralmente têm um título e um pequeno texto de introdução para guiar quem as lê. Mas atenção: o título não deve ser super descritivo e chato! Em vez de escreveres algo como "evolução da concentração de gases com efeito de estufa", faz o título soar como se fosse de uma notícia: "concentração de gases com efeito de estufa nunca foi tão alta";

- Dizer que o jornalista infográfico não sai à rua é um mito! Se vai criar uma infografia sobre os bombeiros a instalar luzes de Natal, tem de ir lá, ver ao vivo, tirar notas e até fazer esboços. Só assim vai desenhar algo realista e cheio de detalhes quando chegar à redação. O infografista não pode simplesmente inventar um desenho; ele deve sempre basear-se na realidade, no que realmente aconteceu;

- Se, num texto normal, as fontes são citadas com verbos de citação "disse", "defendeu", "afirmou", numa infografia, devemos sempre indicar as nossas fontes na base do gráfico. Exemplo: Fonte: Instituto Nacional de Estatística;

- Testar sempre a infografia com outros. É muito fácil achar que aquilo que fizemos é claro para toda a gente, mas nem sempre é assim. Pedir a alguém que não sabe nada sobre o assunto para ver, ajuda a perceber se estamos a passar a mensagem certa de forma simples e fácil de entender.

Uma Citação Sobre o Género

"O propósito da infografia e das visualizações de dados é esclarecer as pessoas — não entreter, não vender produtos, serviços ou ideias, mas informar. É tão simples — e tão complicado — quanto isso" (Cairo, 2016, p. 13).

Ideias Para o Jornal Escolar

- Quem são os estudantes da [nome da escola]? Apresentar dados demográficos dos alunos da escola, atividades extracurriculares mais populares…;

- Em passeios escolares, catalogar plantas, pedras, animais, ou outros objetos que captem o teu interesse;

- Como se saíram os alunos nos exames nacionais? Comparar a escola com as outras escolas, nomeadamente as da região;

- Calendário da escola — para além dos períodos e das férias, o ano escolar está cheio de atividades, desde a feira de ciência ao dia do livro;

- Guia de carreira — pode ser útil resumir num esquema os caminhos a seguir para se ter determinada profissão. Assim, os alunos mais indecisos ficam a saber o que precisam de estudar.

Referências

Cairo, A. (2016). *The truthful art: Data, charts, and maps for communication*. New Riders.

Newsgames: Como Interagir Com a Informação

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.15

Cátia Barros

Jornalista
Jornal *Expresso*
cbarros@expresso.impresa.pt

Descrição

Os *newsgames*[1] conseguem aliar diversas áreas, tornando possível construir narrativas jornalísticas com elementos de gamificação. Isto pode acontecer em diversos níveis, sendo possível ter trabalhos jornalísticos que são autênticos jogos ou notícias que apresentam um nível menor de gamificação, como é o caso dos *quizzes* ou gráficos interativos. Em todo o caso, o grande objetivo é, com foco na interatividade, aplicar elementos de gamificação para explicar narrativas mais complexas.

É verdade que um jogo, pelo seu caráter lúdico, pode parecer que não tem conteúdo informativo. Contudo, aqui estamos perante jogos que se baseiam nos princípios e tópicos do jornalismo. Estes podem ser aplicados a vários estilos de jornalismo, desde a apresentação de crónicas neste formato a estilos mais densos.

O mais importante é pensar qual é o objetivo para a introdução de um elemento de gamificação e como aplicá-lo no teu caso concreto (há algumas perguntas que podes fazer para te ajudar, como verás a seguir). Pensa neste formato como uma forma de tornar o teu trabalho diferente dos já existentes e de cativar a atenção de quem te lê.

1 *Newsgames* são videojogos que usam acontecimentos reais ou notícias na sua narrativa e nas mecânicas de jogo. São também produções jornalísticas que utilizam elementos típicos dos videojogos — como desafios, regras, objetivos, escolhas e *feedback* — para informar, envolver e ajudar o público a compreender melhor uma determinada história ou tema.

Mãos à Obra

O desenvolvimento de uma narrativa com elementos de gamificação é um processo complexo e começa logo com o seu planeamento. O primeiro passo é fazer uma pesquisa sobre o tema que escolheste e responder a algumas perguntas fundamentais:

Que história quero contar?

Tenta pensar qual é a mensagem que queres passar. Por exemplo, queres informar, educar ou sensibilizar o público sobre um determinado tema? Definir o propósito principal ajuda a estruturar melhor a narrativa e a escolher os elementos de gamificação mais adequados. Imagina que queres mostrar as desigualdades que existem na tua escola entre alunos imigrantes e não imigrantes; podes criar um jogo em que quem interagir com o mesmo tenha de enfrentar os desafios desses colegas. Ou, então, no aniversário da tua escola podes realizar um *quiz* sobre a história da mesma.

Quem são as minhas personagens?

Um jornalista tem sempre por base as suas fontes, que podem ser pessoas ou documentos. No caso dos *newsgames*, essas fontes podem ser pensadas como personagens. Por exemplo, se estiveres a desenvolver um *newsgame* sobre as desigualdades entre estudantes, poderás entrevistar alunos para entender os desafios que enfrentam e incorporá-los no jogo. Além disso, a pesquisa de estudos e de estatísticas ajudará a construir uma história mais realista. A dimensão humana é essencial, pois são as histórias pessoais que conferem autenticidade à narrativa. Já no caso de um *quiz* sobre a tua escola, conversar com funcionários ou explorar documentos e notícias antigas pode enriquecer o conteúdo com factos interessantes. Podes tentar aliar estas narrativas a formas mais convencionais de jornal — isto acaba por tornar o teu trabalho mais completo e, por vezes, mais interessante —, apresentando as entrevistas ou desenvolvendo uma notícia ou reportagem com o mesmo tema que gamificaste. Mas lembra-te, só deves fazê-lo se estiveres a acrescentar valor ao teu trabalho como jornalista.

Para que meio quero criar a minha narrativa?

Pensar para que meio (rádio, televisão, imprensa ou online) queres apresentar a tua narrativa acaba por trazer especificidades para cada formato. Imagina que queres desenvolver o teu jogo na versão física do teu jornal; podes ter de alterar a paginação de forma a criares um jogo de tabuleiro. No caso da rádio, podes recorrer a *quizzes* em tempo real. No online, acabas por ter à tua disposição mais ferramentas para criares mapas/gráficos interativos, *quizzes* ou pequenos jogos. Não te esqueças que podes também pensar em trabalhos multiplataforma; podes ter um texto na versão imprensa sobre o tema com um código QR para uma versão online e mais interativa desse trabalho.

Que elementos de interação quero incluir?

Depois de desenvolveres as tuas ideias e planeares o que queres fazer, estás em condição de pensar quais são os elementos interativos que te permitem chegar ao teu objetivo. Podes incluir botões, desenhos, entre outros.

Planear todas as etapas e definir objetivos com uma equipa pode ajudar a manter-te motivado durante o processo. Além disso, como se tratam de trabalhos longos, é importante dividir funções e discutir, com várias pessoas, soluções para possíveis problemas que surjam ao longo do decorrer do trabalho. É importante pensar num cronograma de tarefas e, nele, deves incluir espaço para realizar testes em diferentes etapas do trabalho. Estes testes devem ser realizados por elementos fora e dentro da equipa que desenvolve o trabalho (colegas de turma, professores e familiares). Com os *feedbacks* recebidos, é essencial refletir sobre melhorias e garantir que a mensagem final e a interatividade com o público sejam eficazes.

Há algumas ferramentas online (com versões gratuitas) que te podem ajudar a realizar trabalhos com elementos interativos:

- Datawrapper: para fazer gráficos, mapas e tabelas interativos;
- Flourish: tem funções semelhantes ao Datawrapper, mas também permite fazer *quizzes*, calendários e *slides* de fotografias;
- Twine: permite escrever narrativas visuais interativas.

Não Esquecer

- Escolhe um tema a pensar no teu público: pensa bem para quem estás a desenvolver o trabalho e o que pretendes mostrar;
- Define o teu objetivo: qual é a mensagem que queres transmitir?
- Pensa qual é a melhor ferramenta para desenvolveres o teu trabalho;
- Não te esqueças que este é um trabalho de jornalismo: mantém a precisão da informação e não alteres os factos da narrativa;
- Realiza testes e faz melhorias no teu trabalho.

Uma Citação

"Os jogos noticiosos que já existem demonstram a capacidade de chegar a novos públicos, explicar sistemas complicados de forma eficaz e colocar os jogadores na pele de outra pessoa" (Cabales, 2019, para. 5).

Uma Curiosidade

Há quem defenda que este é um formato jornalístico narrativo muito recente, mas também há quem considere que "sempre jogamos com as nossas notícias". A verdade é que, apesar de ser um estilo que exige alguns recursos (especialmente tempo), tem conseguido reter leitores em jornais. Em 2017, o *Financial Times* lançou um jogo sobre como ser condutor da Uber e constatou que o tempo médio passado na página foi de 20 minutos, muito mais do que os restantes conteúdos interativos do mesmo jornal.

Ideias Para o Jornal Escolar

Tal como referido, o importante é teres em conta o teu público.

- Desenvolve *quizzes* sobre as propostas das listas para o parlamento de jovens ou para a associação de estudantes. Podes também, em parceria com a psicóloga da tua escola, desenvolver um *quiz* psicotécnico;
- Além das dificuldades dos alunos imigrantes, podes pensar em problemas que outros alunos tenham. Por exemplo, todos os alunos têm transporte para a escola? Como é que podes retratar a vida dos alunos que não têm? Que profissionais tem a tua escola, como é a vida de um deles?
- Podes também pensar numa questão temporal, como desenvolver uma cronologia interativa sobre o ano letivo;
- Imagina que estão a planear uma visita de estudo, podes criar uma forma de comparar custos dessa viagem.

Referências

Cabales, V. (2019, 10 de junho). *A brief introduction to newsgames*. Northwestern University Knight Lab. https://knightlab.northwestern.edu/2019/06/10/newsgames-intro/

PARTE III

Código Deontológico do Jornalista: 11 Pontos a Não Perder de Vista

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.16

Joana Fillol

Jornalista e investigadora
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
https://orcid.org/0000-0002-8577-7809
joanafillol@gmail.com

O que É Isso Exatamente?

Composto por 11 pontos, o Código Deontológico do Jornalista (CDJ)[1] estabelece os deveres e obrigações a que um jornalista está vinculado no exercício da profissão, mas os jornalistas não são os únicos a terem um código deontológico.

É Possível Trocar o Código Deontológico do Jornalista por Miúdos?

Essencialmente, este documento debruça-se sobre o que o jornalista deve ou não fazer nas várias etapas de realização do seu trabalho:

1. *Quando obtém informação*, tem a obrigação de verificá-la, averiguando se é verdadeira. Ao procurar saber mais sobre um assunto, por norma deve identificar-se como jornalista. Deve, também, ouvir as partes implicadas na questão (se a notícia for sobre um conflito entre alunos e professores, deve escutar ambos). Por norma, o jornalista deve também identificar as suas fontes, as pessoas que lhe transmitiram a informação (há exceções, que devem ser isso mesmo e usadas apenas para relatar factos, nunca opiniões).

1 Pode ser consultado em: https://jornalistas.eu/codigo-deontologico/.

2. *Quando relata e interpreta a informação que recolheu* deve ser rigoroso, fiel ao que aconteceu, evitar o sensacionalismo e deixar claro se está a relatar factos ou opiniões. Se a notícia em causa envolver pessoas, deve ainda: respeitar a privacidade dos visados (por norma, já que a esfera privada de uma figura pública é diferente da de um cidadão anónimo); salvaguardar a presunção de inocência se estiver a referir-se a pessoas que estão a ser julgadas em tribunal; não identificar menores de 18 anos, especialmente se forem vítimas ou autores de um crime;

3. *Já depois de ter realizado o seu trabalho* se se aperceber que publicou uma informação falsa ou incorreta, o jornalista tem a obrigação de repor a verdade o mais rapidamente possível.

O CDJ aborda ainda questões que não se relacionam com fases do trabalho jornalístico, mas com o exercício da profissão como um todo. Estabelece, por exemplo, a acusação sem provas e o plágio como as piores falhas profissionais; recorda a importância de os jornalistas serem independentes, não trabalhando em assuntos nos quais possam ter algum tipo de interesse; afirma que os repórteres devem combater e denunciar situações em que considerem estar a ser censurados ou limitados no acesso à informação.

P.S.: Esta explicação não substitui a leitura dos 11 pontos do CDJ.

O Código Deontológico do Jornalista Interessa Sobretudo a Quem Faz Jornalismo, Certo?

A quem faz jornalismo, amador ou profissional, o CDJ recorda os princípios e valores pelos quais deve orientar o seu trabalho. *Mas, a quem segue o trabalho jornalístico,* o CDJ também interessa. Ajuda a construir uma visão crítica sobre as mensagens jornalísticas, permite compreender o que as distingue das outras mensagens que circulam, por exemplo, na internet. O CDJ ajuda, ainda, a compreender a natureza da informação jornalística, a perceber por que razão ela é, por norma, verdadeira, comprovada, independente, posta a circular com o objetivo de informar os cidadãos e não de responder a qualquer interesse oculto (comercial ou político, por exemplo). Ter cidadãos que compreendam a importância do jornalismo em democracia e adotem, face a ele, uma postura crítica beneficia a sociedade como um todo — para Nelson Traquina, um conceituado estudioso do jornalismo, compete aos cidadãos vigiar o chamado "quarto poder".

Estes Códigos no Jornalismo São Coisa Recente ou Já Têm uns Anos?

Digamos que alguns já têm barbas. O português foi criado e aprovado por jornalistas detentores de carteira profissional em 1993, tendo sofrido algumas alterações em

2017. Mas o código deontológico dos jornalistas mais antigo do mundo data já de 1926 — é o da Associação Norte Americana de Imprensa.

Agradecimentos

Este artigo foi desenvolvido no âmbito do projeto "bYou – Estudo das vivências e expressões dos jovens sobre os media", financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia com a referência PTDC/COM-OUT/3004/2020. DOI: https://doi.org/10.54499/PTDC/COM-OUT/3004/2020.

Práticas de Responsabilização e Transparência dos *Media* Escolares

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.17

João Miranda

Professor e investigador
Centro de Estudos Interdisciplinares, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
https://orcid.org/0000-0002-4720-3724
jmiranda@uc.pt

O que Significam a Responsabilização e a Transparência no Jornalismo?

A responsabilização e a transparência no jornalismo compreendem os processos a partir dos quais os meios de comunicação se responsabilizam e respondem pela qualidade e pelas consequências da informação que divulgam. Estes princípios visam garantir a independência dos jornalistas e assegurar que os media prestam contas à sociedade.

Qual a Importância Destas Práticas?

No ambiente mediático atual, marcado por novos fenómenos de desinformação e pela proliferação de novos canais de comunicação, estas práticas são ainda mais importantes no sentido de fortalecer a confiança do público e reforçar o papel social do jornalismo. No caso dos jornais escolares, a responsabilização e a transparência ganham uma importância particular, uma vez que estes meios de comunicação representam uma das primeiras experiências de muitos estudantes com o jornalismo e poderão contribuir para estruturar a perceção sobre o seu próprio papel como cidadãos e público da informação noticiosa.

De que Forma os *Media* Escolares Podem Seguir Estas Práticas?

Há várias práticas que os meios de comunicação escolares podem adotar para promover a responsabilização e a transparência. Entre as mais comuns, destacam-se a identificação dos diferentes membros da equipa editorial e a assinatura dos conteúdos, o que garante a autoria dos textos e permite responsabilizar diretamente os jornalistas pela informação divulgada. A identificação das fontes das notícias é também essencial para conferir clareza à informação e aumentar a confiança do público.

Publicar um Estatuto Editorial Pode Ser Visto Como uma Prática de Transparência?

A publicação de um Estatuto Editorial, uma prática comum nos meios de comunicação, pode ser, igualmente, uma ferramenta útil nos jornais escolares. Este texto descreve as caraterísticas e a linha editorial do jornal, funcionando como um género de contrato entre o órgão de comunicação e o seu público. Nos meios escolares, o Estatuto Editorial pode ajudar a clarificar os objetivos do jornal, as suas normas e os princípios que orientam a sua atuação.

Há Outros Procedimentos que um Órgão de Comunicação Escolar Possa Tomar Neste Âmbito?

Outras formas de promover a transparência sobre a atuação dos jornais escolares podem passar pela publicação de um Código de Conduta ou de um Livro de Estilo. O Código de Conduta trata-se de um breve texto que define as normas que guiam o trabalho do jornal. O Livro de Estilo reúne as orientações sobre a redação, a linguagem, o formato ou o comportamento ético e as regras para o uso de fontes, pontuação ou estilo. Ambos são documentos importantes para garantir que o jornal segue práticas consistentes e éticas, assim como para orientar os estudantes na produção jornalística. Não esquecendo as particularidades de cada meio, a criação de uma rede de jornais escolares, que permita a troca de ideias sobre boas práticas e a elaboração de um manual de redação comum, pode ainda fortalecer esses instrumentos e ajudar a gerar uma cultura de jornalismo escolar responsável.

Num contexto pautado pela emergência de novos formatos informativos, as fronteiras entre informação, opinião e publicidade nem sempre ficam claras aos olhos do público. Nesse sentido, torna-se fundamental assinalar a distinção entre conteúdos informativos, opinativos e publicitários, identificando de modo claro os dois últimos. Além disso, poderá ser importante que os jornais escolares informem sobre as suas fontes de financiamento, para que o público compreenda a origem dos recursos que sustentam a produção dos conteúdos.

E Se o Meio de Comunicação Escolar Errar?

Além do compromisso com a precisão e o rigor da informação, a transparência no jornalismo implica também reconhecer que os jornalistas podem cometer erros. É fundamental que os jornais escolares disponham de mecanismos específicos para a identificação e retificação de eventuais erros. Esta abordagem não só reforça a credibilidade do jornal, mas pode também conduzir à participação ativa do público, por via da sinalização de falhas, proporcionando um ambiente de diálogo e de confiança mútua.

As Práticas São Iguais no Universo dos *Media* Escolares Online?

O compromisso com a transparência e a responsabilização pode ser concretizado a partir de diferentes instrumentos e revela-se fundamental para que os jornais escolares cumpram o seu papel de forma ética e contribuam para a formação de cidadãos críticos e bem informados. A progressiva entrada destes jornais no ambiente online alarga o leque de possibilidades para promover a transparência e a responsabilização sobre a sua atuação, ao mesmo tempo que permite maior facilidade na atualização de conteúdos e gera oportunidades para os estudantes dialogarem com os seus leitores e responderem a dúvidas ou críticas de forma mais ágil.

Dar Voz às Crianças e aos Jovens

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.18

Sara Pereira

Professora e investigadora
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
https://orcid.org/0000-0002-9978-3847
sarapereira@ics.uminho.pt

Dar voz às crianças e jovens nos meios de comunicação escolares (MCE) é uma forma de incentivá-los a expressarem-se, a participarem, a desenvolverem competências de comunicação e a exercerem a sua cidadania. Os MCE podem ajudar a construir uma cultura escolar mais participativa e um ambiente mais democrático, no qual os alunos se tornam protagonistas e agentes transformadores da comunidade. Para isso, é necessário criar espaços inclusivos, participativos e acessíveis em que as suas ideias, opiniões e perspetivas sejam ouvidas e valorizadas e as suas capacidades reconhecidas. Aqui ficam algumas estratégias:

1. Incentivar a Produção de Conteúdo Pelos Alunos

- *Criação de uma rubrica fixa ou secção específica*: criar um espaço dedicado à voz dos alunos, onde estes possam ser convidados a expressarem as suas opiniões, a partilharem experiências, a abordar temas que considerem relevantes. Permitir que os alunos criem conteúdos em diferentes formatos, como textos, fotografias, vídeos, podcasts ou ilustrações, para possibilitar que cada aluno encontre a melhor forma de expressar suas ideias, preocupações e interesses. Desafiar estudantes de vários anos a escreverem, para que haja neste espaço uma diversidade de vozes.

- *Projetos temáticos*: envolver os alunos na criação de reportagens ou artigos sobre temas que sejam relevantes para eles. Discutir com os alunos os temas que serão objeto de cobertura em cada edição do MCE, para que possam programar, preparar e realizar o trabalho com tempo.

2. Promover a Inclusão e a Diversidade

- *Abrir espaço para diferentes grupos*: garantir que vozes de grupos menos representados (como alunos mais tímidos, com dificuldades de aprendizagem, minorias culturais ou alunos com necessidades especiais) sejam ouvidas e encontrem nos MCE espaço para se expressarem.
- *Interdisciplinaridade*: ligar os MCE a projetos de diferentes disciplinas, através de reportagens científicas, críticas literárias ou análises históricas.
- *Idiomas e culturas*: possibilitar a criação de conteúdos em diferentes línguas ou com temáticas que reflitam a diversidade cultural da escola.

3. Valorizar as Iniciativas e as Ideias dos Alunos

- *Eventos de lançamento*: promover eventos para lançar cada edição do MCE, dando a palavra aos alunos que contribuíram.
- *Prémios e reconhecimentos*: criar prémios ou diplomas para os melhores conteúdos, incentivando a criatividade e a participação.
- *Feedback construtivo (dos professores, dos colegas, da comunidade)*: garantir que os alunos recebem *feedback* positivo e sugestões de melhoria, reforçando seu papel ativo na comunicação escolar.

4. Fomentar o Protagonismo Estudantil

- *Histórias pessoais*: incentivar os alunos a partilharem histórias das suas vidas, experiências, sonhos ou receios, promovendo a empatia e a ligação com a vida da escola.
- *Projetos liderados por alunos*: permitir e incentivar os estudantes a assumirem a liderança dos MCE ou iniciativas completas, por exemplo, criar uma série de artigos de investigação, estabelecer parcerias com clubes escolares, trabalhando com grupos de leitura, teatro ou ciências para criar conteúdos relacionados com estes projetos ou organizar eventos de discussão a partir dos MCE.

5. Garantir a Liberdade de Expressão

- *Espaço para debate e expressão de opinião*: permitir que os alunos expressem diferentes pontos de vista, mesmo em temas polémicos, desde que sigam princípios de respeito e de ética.
- *Autonomia editorial*: conceder aos alunos certa (ou total) autonomia na escolha e na abordagem dos temas.

6. Criar uma Estrutura Participativa

- *Grupos editoriais formados por alunos*: formar equipas editoriais compostas principalmente por estudantes, com ou sem a orientação de professores. Esses grupos podem escolher temas e decidir o conteúdo das edições.
- *Conselho consultivo*: criar um conselho formado por representantes das diferentes turmas, que podem sugerir temas e garantir que a diversidade de vozes e opiniões seja respeitada.
- *Conceção, produção e divulgação*: envolver equipas de alunos em todo o processo de criação dos MCE para que tenham uma voz ativa em todas as etapas.
- *Consultas e inquéritos*: realizar pesquisas com os alunos para saber que temas ou questões gostariam de ver abordados nos MCE.

Agradecimentos

Este artigo foi desenvolvido no âmbito do projeto "bYou – Estudo das vivências e expressões dos jovens sobre os media", financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia com a referência PTDC/COM-OUT/3004/2020. DOI: https://doi.org/10.54499/PTDC/COM-OUT/3004/2020.

A Escola: “Isto Dá uma Notícia?”

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.19

Andreia Lobo

Jornalista
andreialobo@hotmail.com

Muito do que acontece no quotidiano escolar pode ser transformado em matéria informativa. Ou seja: narrado sob a forma de notícia ou reportagem. Decidir o que pode ser noticiado, e de que modo, implica treino. Um pensamento pode nortear esta escolha: se há público interessado em determinado tema, vale a pena dar-lhe atenção.

Quero Encontrar um Tema Interessante, por Onde Começar?

Começa por identificar os factos/eventos/acontecimentos que têm mais consequências para a vivência escolar. Que assuntos são mais discutidos entre os teus amigos? A proibição do uso dos telemóveis? As recentes obras de melhoria do polivalente? Que assuntos preocupam os professores? A extensão dos programas? A falta de assistentes operacionais?

A observação e escuta atentas são essenciais para identificar este “potencial noticioso”. Depois, decide quais as fontes da informação a usar na recolha da informação: pesquisas documentais (em livros e/ou internet) e recolha de opiniões dos protagonistas dos acontecimentos.

Exemplos de temas que podem interessar ao público escolar (alunos, pessoal docente e não docente, encarregados de educação/pais):

Tema 1: Qualidade da Alimentação Servida na Cantina

- Durante dois dias almoçar na cantina e observar o que não é consumido;

- Inquirir os alunos — em dias diferentes — sobre a refeição e o ambiente da cantina. As porções são suficientes? Há opções para todos os gostos? O espaço é agradável?

- Identificar o responsável pelas ementas e fazer perguntas sobre quem confeciona e como são feitas as refeições.

Tema 2: Obras na Escola: Que Aspetos Há a Melhorar?

- Fazer uma investigação sobre a "história" da construção do edifício. Quando foi construído? Sempre funcionou como escola?

- Percorrer os espaços escolares — salas de aulas, cantina, recreios, polivalentes, casas de banho/balneários — com um aluno, o diretor da escola, um professor, um assistente operacional e um membro da associação de pais. Registar as suas opiniões sobre as necessidades de intervenção.

Tema 3: Como Funciona a Associação de Pais?

- Entrevistar o presidente da associação de pais e alguns membros;

- Com um mínimo de cinco perguntas, perceber o funcionamento da associação. Como e quando se reúnem? Que mudanças defendem para a comunidade e para o ambiente escolar? O que pensam sobre os temas "fortes" (conflitos entre alunos, degradação do espaço escolar, mudanças do corpo docente)?

Tema 4: A Nossa Escola É Inclusiva?

- Fazer uma pesquisa na internet sobre o tema "escola inclusiva" e "educação inclusiva", reunir os principais documentos legais (decretos de lei) que definem e enquadram esses conceitos;

- Recolher as opiniões de alunos e professores partindo das perguntas: "considera que a nossa escola é inclusiva? Porquê?";

Tema 5: Conhece os Direitos e os Deveres dos Alunos

- Obter na internet o "Estatuto do Aluno e Ética Escolar" atualmente em vigor e fazer uma síntese do seu conteúdo. Nota: podes recorrer ao Gemini ou ao ChatGPT para te ajudar a sintetizar o conteúdo do documento, mas não te esqueças que deves sempre verificar o resultado e ser transparente com os leitores, explicando que usaste estes programas de inteligência artificial.

A Biblioteca Escolar Como Aliada

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.20

Margarida Toscano

Ex-coordenadora interconcelhia da Rede de Bibliotecas Escolares
maria.toscano@bibliotecasescolares.pt
https://orcid.org/0000-0002-2888-7323

O Digital e a Internet Estão a Substituir as Bibliotecas Escolares?

Apesar da crise de identidade provocada, essencialmente, pelas tecnologias digitais e pela internet, as bibliotecas escolares continuam a ser infraestruturas centrais de informação e de conhecimento. Para além de espaços onde se encontram documentos físicos, especialmente livros, as bibliotecas escolares são centros onde se seleciona, organiza e disponibiliza informação relevante, em formato impresso ou digital, e pontos de acesso à tecnologia e aos recursos informacionais ilimitados que se encontram na internet.

Posto que não há um acesso efetivo ou significativo às plataformas e ferramentas digitais e a qualquer tipo de conteúdos sem competências de leitura, de análise crítica, de apropriação e transformação de dados e informação, as bibliotecas escolares são, também, espaços essenciais para incentivar o gosto pela leitura e a competência leitora, a literacia mediática e da informação. Adquiriram ainda, em sociedades abertas e multiculturais como as nossas, mas, onde a exclusão continua presente, uma função cada vez mais importante como lugares de encontro, de acolhimento e de inclusão.

A Biblioteca Tem Vantagem em Associar-se aos *Media* Escolares?

Vivemos em cenários de produção acelerada quer de informação, quer de desinformação, de erosão e liquefação rápida dos saberes, de perda de eficácia dos modelos transmissivos de ensino e de uma intensa disputa pela atenção que dá vantagem aos formatos interativos, visuais e multimédia. Neste quadro, a articulação da biblioteca

com os *media* escolares (referimo-nos sobretudo a jornais, rádios e televisões) favorece a sua transformação num centro de aprendizagens dinâmico, estimulante e participativo, onde os alunos adquirem voz e protagonismo, se estabelecem ligações significativas com a escola e a comunidade, e onde a cidadania e a inclusão são reforçadas.

Que Aprendizagens Se Podem Esperar Dessa Associação?

No papel de jornalistas, editores, realizadores, produtores, técnicos de som e de imagem que se envolvem diretamente na produção de um jornal, um programa televisivo ou de rádio, um vídeo ou um podcast, os alunos são conduzidos a explorar processos e formas menos tradicionais de abordar os temas curriculares, e de elaborar e comunicar o conhecimento.

São várias as aprendizagens implicadas na produção de alguns formatos e géneros mediáticos, as quais as bibliotecas também têm por missão promover:

- Aprender a trabalhar colaborativamente, com autonomia, sentido de responsabilidade e respeito pela diferença;
- Realizar tarefas de pesquisa rigorosa da informação, de análise crítica e validação de fontes;
- Aprender a distinguir entre o que é factual e o que é opinião, e a reconhecer a importância de não distorcer os factos nem manipular a informação;
- Aprender a respeitar os direitos de autor e os direitos conexos;
- Aprender a escutar e dar voz a diferentes opiniões e perspetivas; a defender a liberdade de expressão; a debater problemas da vida escolar, da comunidade ou mesmo globais — ambiente, guerra, migrações, igualdade de género, pobreza...;
- Aprender a apresentar conteúdos, curriculares e outros, seja qual for o formato, de forma estruturada, clara e coerente;
- Pensar nos efeitos da comunicação sobre os outros e nos limites a respeitar, como os de veracidade e privacidade;

Este processo de "aprender fazendo" através dos *media* e das suas diferentes linguagens é também um processo em que a capacidade de resolver problemas e tomar decisões, assim como a imaginação e a criatividade, são frequentemente postas à prova.

A Biblioteca Escolar Disponibiliza Recursos de Suporte à Produção Mediática?

Espaço transversal e polivalente, a biblioteca escolar possui recursos informacionais e humanos — os professores bibliotecários — e, em algumas escolas, equipamento

e espaços adequados para a produção mediática. Também disponibiliza, frequentemente, guiões que orientam as diferentes fases de uma pesquisa ou do trabalho de criação e produção de conteúdos. Consultem-se, por exemplo, alguns materiais adaptados e produzidos no âmbito da Rede de Biblioteca Escolares:

- *Guião de Literacia de Informação Baseado no Modelo Plus: Ensino Secundário*: https://www.rbe.mec.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=4646&fileName=Gui_o_de_literacia_informa__o_PLUS_2023.pdf
- *Pesquisa de Informação: Guião Ensino Básico*: https://www.rbe.mec.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=3238&fileName=Pesquisa_de_informac_a_o_guia_o___big6_a.pdf
- *Teste CRAAP: Avaliar Criticamente a Informação*: https://www.rbe.mec.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=3239&fileName=Teste_CRAAP_vf.pdf
- *Avaliação de Páginas de Internet*: https://www.rbe.mec.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=3252&fileName=Avaliac_a_o_paginas_Internet.pdf
- *Citar e Referenciar*: https://www.rbe.mec.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=3240&fileName=Citar_e_referenciar_versao_revista_2024.pdf

Em Síntese

Apoiando ou liderando a produção de notícias, de artigos de opinião, de programas de rádio e de televisão escolar, num trabalho cooperativo com professores e alunos, a biblioteca escolar cria um ambiente ativo e motivador de aprendizagens várias, um espaço propício a que os alunos aprendam, com os professores e uns com os outros, para além de temas curriculares, a refletir, questionar, criar, expressar-se ou participar na vida da escola e da comunidade. Desse modo, a biblioteca escolar torna-se uma parceira relevante no domínio das orientações curriculares e das aprendizagens essenciais, demonstrando, simultaneamente, que há mais vida para além daquelas!

Articulação com o Currículo

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.21

Teresa Pombo

Professora bibliotecária
Agrupamento de Escolas Carlos Gargaté, Almada, Portugal
teresa_pombo@aecg.pt

Aprender com os *Media*

Os meios de comunicação escolares, na sua diversidade, são oportunidades valiosas para integrar o currículo, promovendo um trabalho interdisciplinar e incentivando uma aprendizagem ativa e contextualizada. A disciplina de Português, pela sua natureza comunicativa, poderá integrar todas as propostas. Seguem-se sugestões para a sua operacionalização.

Servir a Verdade: Encorajar o Espírito Crítico e a Investigação Rigorosa

Os meios de comunicação escolares devem ser um espaço onde se cultiva a busca pela verdade e o pensamento crítico. Uma das possibilidades de integração curricular pode apelar aos conteúdos de disciplinas como História e Filosofia, desenvolvendo artigos de investigação, vídeos ou podcasts que analisem acontecimentos históricos ou questões éticas, promovendo uma análise rigorosa dos factos.

Em Ciências, a partir do 2.º ciclo, os alunos poderão explorar temas atuais e científicos de forma precisa, congregando por exemplos os temas previstos no currículo do 8.º ano em disciplinas como Ciências e Inglês (alterações climáticas e respetivo impacto ambiental), mas cruzando-os com aquilo que aprendem em Físico-Química; dessa forma, veem fomentada a capacidade de compreender e de comunicar conceitos complexos ao público, sem distorções ou simplificações enganosas.

Em Português, a análise de acontecimentos reais referidos em obras literárias poderá permitir uma análise entre o que é verdade e a ficção; por exemplo, no estudo de

Os Lusíadas pode analisar-se um facto histórico: a viagem marítima dos portugueses à Índia e os perigos enfrentados, contrapondo o elemento ficcional do gigante Adamastor, que, no Cabo das Tormentas, simboliza esses mesmos perigos, reforçando o tom épico da narrativa.

Em Matemática, podem ser explorados artigos de jornais em que a análise estatística e a forma como é apresentada podem distorcer a verdade para um leitor menos atento (enfatizando, por exemplo o aumento de dois pontos percentuais numa análise em que esse valor não tem de facto relevância).

Em disciplinas da área artística, a divulgação dos produtos dos alunos através de uma galeria virtual é uma oportunidade valiosa para trabalhar todas as questões de propriedade intelectual.

Estes trabalhos a serem desenvolvidos no âmbito destas disciplinas podem ter como propósito a publicação ou transmissão no meio de comunicação escolar, sendo para isso necessário uma boa articulação com o meio e atender às especificidades dos géneros jornalísticos.

Defender a Liberdade: Estimular a Expressão e o Debate nas Diferentes Disciplinas

A partir da educação pré-escolar, os alunos têm capacidade para analisar o mundo que os rodeia, a sua sala, a escola, a freguesia e a comunidade e podem ser desafiados a retratar e a intervir na realidade, apontando soluções para problemas. Podem construir um jornal de parede sobre um ou vários temas que lhes interessem, como animais, artistas plásticos ou os autores e temas dos seus livros favoritos. Mais tarde, já no 1.º ciclo, na área de Português, o jornal ou o podcast escolar são instrumentos ideais para a expressão escrita e oral dos alunos, permitindo-lhes explorar diferentes géneros e estilos literários e jornalísticos, tais como notícias, crónicas, reportagens ou entrevistas. Relatar o projeto que se desenvolveu na disciplina X ou Y, já no 2.º ciclo, aproveitando as competências desenvolvidas em Português, noticiar a visita de estudo, apresentar uma perspetiva crítica sobre a peça de teatro a que a turma assistiu e cuja encenação tantos alunos questionaram.

Em Educação Visual e noutras disciplinas da área artística, os alunos podem ser incentivados a explorar o design gráfico e visual dos meios de comunicação, proporcionando liberdade para expressar a identidade visual do jornal ou da rádio escolar publicada através de um sítio web, por exemplo. No pré-escolar e no 1.º ciclo, o jornal de parede é um excelente meio de expressão e comunicação; os alunos tornam-se conscientes dos seus públicos, os colegas, as outras turmas e professores, os pais e a comunidade. E desenham o seu próprio jornal, elaboram-no a partir de materiais reciclados, ilustram-no deixando a sua marca individual, enquanto colaboram e se ajudam mutuamente.

Promover a Cidadania: Informar Para a Compreensão do Mundo e do Outro

Em Geografia, Economia e Cidadania, os alunos podem investigar temas ligados à realidade social e económica e ambiental, usando os meios de comunicação escolares como um canal para discutir e propor soluções para desafios atuais. Recolher textos, áudios, excertos de programas de televisão, comentá-los, perceber as suas diferentes perspetivas, informar-se a fundo sobre temas e depois tratá-los, trazendo o mundo para a sala de aula e adaptando o resultado do trabalho para ser divulgado no meio de comunicação escolar.

As rádios e os podcasts escolares podem ser espaços para explorar temas de cidadania, sustentabilidade e inclusão, convidando estudantes de várias disciplinas a debater temas relevantes para as turmas, a escola, a comunidade, a sociedade. Faltam acessos e rampas? Faltam alternativas para intervalos mais saudáveis, sem ligação constante ao digital? Os meios de comunicação podem ser um espaço de debate destes temas, para auscultar os públicos sobre os mesmos e apontar soluções.

Incentivar a Criatividade: Estimular a Inovação e o Espírito Inventivo nas Produções Escolares

A rádio e a televisão escolar podem ser utilizadas para promover projetos em áreas como Física e Matemática, por exemplo, através da criação de conteúdos interativos que expliquem princípios científicos, ou ainda, na produção de vídeos explicativos e criativos.

A área de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) pode ter um papel essencial ao permitir que os alunos aprendam a utilizar ferramentas de edição de imagem, som e vídeo, integrando conhecimento técnico e artístico, podendo dar um contributo essencial para a produção e edição.

Respeitar a Diversidade: Assegurar a Inclusão de Vozes e Culturas no Espaço Mediático

Os meios de comunicação escolares podem incluir secções em inglês, espanhol ou francês, incentivando os alunos a escrever artigos ou a realizar entrevistas nestas línguas para reforçar competências de comunicação das disciplinas de línguas estrangeiras que frequentam. Os alunos podem também ser incentivados a fazer trabalhos de índole internacional, fazendo pesquisas sobre diferentes países em que se fale a língua em estudo, tendo como propósito a sua publicação no meio de comunicação da escola.

Em Educação Moral e Religiosa, poderá ser promovida a criação de conteúdos que abordem a diversidade cultural e religiosa, com um olhar respeitoso e inclusivo, fortalecendo a empatia e o respeito pela diferença.

Incentivar a Colaboração: Trabalhar em Equipa Para Construir um Projeto Comum

As atividades envolvendo meios de comunicação escolares podem, assim, promover a interdisciplinaridade, possibilitando a colaboração entre alunos e professores de várias áreas do saber, de modo a desenvolver conteúdos informativos, ricos e diversos.

Cada projeto mediático deverá respeitar os princípios da responsabilidade coletiva, onde todos têm um papel e contribuem para o sucesso do projeto comum, seja na redação de artigos, na criação de conteúdos multimédia ou na gestão dos recursos e organização da edição.

Valorizar o Rigor: Honrar o Conhecimento e o Compromisso Ético na Informação

As produções de comunicação na escola deverão respeitar o rigor factual e o compromisso com a clareza e transparência. Em disciplinas como Ciências e Matemática, os factos e dados divulgados deverão ser exatos e precisos, permitindo aos alunos exercitar o rigor científico e a transparência na comunicação de resultados. Os alunos podem aproveitar as eleições para a Associação de Estudantes para apresentar trabalhos informativos sobre o processo eleitoral em Portugal e compará-lo com outras realidades, como a norte-americana, por exemplo.

Uma visita de estudo à praia, para uma campanha de recolha de lixo organizada no âmbito da disciplina de Ciências em articulação com Português, Inglês e TIC pode resultar numa reportagem multimédia para a televisão da escola.

O trabalho de comunicação nas escolas deve sempre ter o propósito de informar, educar e inspirar, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e informada, refletindo o papel fundamental que a educação desempenha no desenvolvimento de cidadãos conscientes e ativos.

Escola, Jornalismo e Comunidade

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.22

Sandra Marinho

Professora e investigadora
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
http://orcid.org/0000-0003-2013-229X
marinho@ics.uminho.pt

O jornalismo é para as pessoas e deve ser sobre as pessoas. Serve para dar-lhes voz, pelo menos de duas formas: tratando temas que lhes interessam e concedendo-lhes também espaço nas notícias — como protagonistas ou como fontes. Ora, é preciso descobrir estas histórias. Para isso, um jornalista tem de ser atento e curioso em relação ao mundo à sua volta — o mundo maior (uma região, um país, a União Europeia, o planeta) e o mundo que o rodeia, a sua comunidade. Tem de ser um bom observador, para identificar os acontecimentos que podem ser boas histórias. Mas também tem de saber interagir com os membros da comunidade, que podem dar ideias sobre potenciais temas e sobre novos ângulos para abordar tópicos já noticiados.

Mas, Afinal, o que É uma Comunidade?

Uma boa forma de percebermos o que é uma comunidade é a partir da sua definição nos dicionários. A Infopédia/Porto Editora (s.d.) propõe significados que contemplam palavras muito relevantes: *participação* em *comum*; conjunto de pessoas que vivem num determinado *território*, sob um governo *comum* e *partilhando* uma herança cultural e histórica; *lugar* onde vivem estas pessoas; conjunto de indivíduos organizados de forma *coletiva* ou unidos por algum traço comum. O Dicionário Online de Português (s.d.) acrescenta outras dimensões interessantes: de forma mais restrita, uma comunidade também pode ser um agrupamento de pessoas com a *mesma* profissão, ofício ou atividade e também o conjunto daqueles que, *embora vivam em lugares ou países diferentes*, *partilham* a mesma história, cultura, hábitos, economia ou política.

Destaca-se destas definições que, ainda que a comunidade remeta no imediato para a partilha de um lugar ou território físico, essa poderá não ser uma condição essencial:

pessoas em lugares distintos podem partilhar interesses comuns, o que fará delas também uma comunidade — ou seja, pode tratar-se de um território ou lugar virtual. E a sua interação — não ocorrendo em presença — pode valer-se das ferramentas proporcionadas pelo online e pelo digital. Essencial é a ideia de que os membros de uma comunidade partilham características ou interesses, que são o que os agrega, mantendo-se — ainda assim — pessoas diversas no que diz respeito a outras características. Ora, tudo isto deixa-nos perceber que uma comunidade pode ser fonte de inúmeras histórias para um repórter.

Então, Qual É a Comunidade da Escola?

Na verdade, devemos falar em comunidades e não em comunidade. No imediato, temos a comunidade escolar. Estudantes, auxiliares e professores são membros óbvios: são quem frequenta quotidianamente o espaço da escola. Mas não são os únicos: encarregados de educação e famílias não têm essa presença física, mas são parte integrante de tudo o que acontece; e os antigos alunos — muitos a morar em outras terras ou até no estrangeiro — também devem ser considerados. E já temos aqui gente de muitas idades, géneros, etnias, de crenças diversas e várias orientações políticas. Temos a diversidade que deve ser objeto de notícia.

Outra comunidade valiosa é que está imediatamente à volta da escola: as pessoas que habitam o território em que se localiza. E aqui o leque alarga-se: temos os cidadãos e cidadãs — com as suas diferentes profissões, histórias de vida e experiências, dali ou migrantes, vindos de outros lugares — e o coletivo, ou seja, as instituições (como a câmara municipal, as juntas de freguesia, os bombeiros, a polícia, centros de saúde e hospitais, as outras escolas, os órgãos de comunicação locais, etc.) e os clubes e associações de diversa natureza (culturais, desportivas, recreativas, de solidariedade). Esta comunidade local não "vive" na escola, mas relaciona-se com ela, direta e indiretamente. E é também fonte de histórias que podem ser contadas pelo jornalismo escolar.

Finalmente, depois de galgarmos os "muros" da escola, vamos ainda mais longe. Porque cada escola é única, mas faz parte de um conjunto de outras, por todo o país. Certamente partilham preocupações, atividades, ideias. Por que não olhar também para elas, naquilo que têm de comum e de diferente? E será que uma escola da Irlanda não terá uma atividade interessante, que pode ser replicada? Por que não noticiá-la e, quem sabe, inspirar alguma mudança dentro de portas? E não podemos esquecer-nos dos emigrantes, que saíram da comunidade local para tantos países diferentes.

Enfim, parece ser justo dizermos que a comunidade do jornalismo escolar é... o mundo. Mas deixamos uma dica importante, porque há que estabelecer prioridades: a comunidade escolar e local são muito importantes e muito ricas em histórias por contar. Vamos começar por aí.

E que Vantagens Traz a Relação do Jornalismo Escolar com as Suas Comunidades?

A comunidade é essencial para o jornalismo escolar, desde logo como fonte de histórias. Mas o jornalismo escolar também ter um impacto positivo nela. Vejamos alguns exemplos dos efeitos que pode ter esta relação.

O jornalismo escolar pode ajudar a construir e reforçar a identidade da escola, tanto a nível interno como junto da comunidade local. Ao partilhar acontecimentos, eventos, conquistas e projetos, transforma-se num meio de conectar os alunos, funcionários e professores entre si, mas também de fortalecer a relação da comunidade escolar com as famílias e com a comunidade local, que, ao ver no jornal (ou rádio ou televisão) o reflexo dos valores e do ambiente educacional da escola, vai sentir-se mais envolvida. O jornalismo escolar pode, assim, funcionar como uma janela por onde se pode espreitar, para saber um pouco mais sobre a escola.

Este maior envolvimento pode ainda favorecer a criação de uma rede de apoio. Ao serem fontes de histórias, as famílias, os ex-alunos e os membros da comunidade local fortalecem o seu vínculo com a escola e sentem-se mais motivados a participar em eventos escolares ou a contribuir em campanhas de angariação de fundos. Ao dar visibilidade às suas histórias, o jornal reforça a sua ligação com o contexto social e cultural em que a escola está inserida, o que pode também incentivar os alunos a reconhecerem o potencial local e a verem oportunidades para contribuir e participar. Ao abrir espaço para que os membros da comunidade possam expressar as suas opiniões, interesses e preocupações sobre questões relevantes, o jornal incentiva o diálogo entre a escola e a comunidade, funcionando como um mediador.

A comunidade local tem desafios e necessidades que podem ser abordadas pelo jornalismo escolar, incentivando o sentido de responsabilidade social dos estudantes. Cobrir problemas locais, como questões ambientais, sociais ou económicas, é uma forma de mostrar que a escola está atenta à realidade em que se insere. Isto pode até levar à criação de projetos colaborativos com a comunidade, como feiras, campanhas de solidariedade ou eventos culturais, promovendo a participação dos alunos em atividades extracurriculares e estreitando a colaboração com entidades locais. Esses projetos, além de enriquecerem o conteúdo do jornal, demonstram a relevância da escola na promoção do bem-estar e do desenvolvimento comunitário. E permitem que os estudantes se relacionem com a realidade quotidiana e treinem competências como falar em público ou a gestão de projetos.

A comunidade local — a título individual ou ao nível empresarial — poderá ser ainda uma fonte de financiamento para o jornalismo escolar, apoiando com a compra das edições, de publicidade ou com o fornecimento de materiais ou recursos (que podem ser traduzidos também em publicidade). O financiamento é importante para a manutenção de um jornalismo independente e de qualidade e deve ser transparente.

Finalmente, ao documentar a vida escolar e os acontecimentos locais, o jornal cria um acervo histórico, que, com o tempo, torna-se numa referência não só para a

escola, mas para toda a comunidade. Esse registo contribui para preservar a memória coletiva, unindo gerações e valorizando a história e a cultura locais.

E que Tipo de Histórias Traduzem Esta Relação Entre Escola e Comunidades?

São muitas, por isso deixamos aqui apenas alguns exemplos:

- ao noticiar-se os eventos da escola, como por exemplo uma festa de Natal ou uma feira do livro, pode fazer-se uma reportagem que acompanhe a organização, montagem e desmontagem, retratando o contributo de toda a comunidade escolar nesse processo, mais as famílias, empresas e instituições locais que tenham colaborado;

- entrevistas (também podem ser crónicas ou artigos de opinião) com ex-alunos, mostrando o seu percurso com histórias diferentes (podem ser da comunidade local ou pessoas que tenham ido morar para outras cidades ou países) e salientando a forma como a escola foi importante na sua vida, podem ser inspiradoras para os estudantes;

- mostrar (com entrevistas ou reportagens) as diferentes profissões que existem na comunidade local, nomeadamente casos particulares como ofícios em extinção ou novas profissões, pode abrir horizontes aos estudantes sobre o seu percurso profissional;

- se a escola colabora com instituições de solidariedade social, como a Cruz Vermelha ou o Banco Alimentar, com associações de defesa do ambiente ou dos animais, pode fazer-se uma reportagem sobre essas atividades;

- se na comunidade local há migrantes — de outros locais do país ou de outros países — ou pessoas refugiadas, podem ser entrevistadas e partilhar as suas histórias, as suas experiências e a forma como estão a integrar-se;

- num dia de eleições, pode fazer-se uma reportagem para perceber o que leva as pessoas a votar e a participar na vida política;

- no Dia da Árvore, pode fazer-se uma reportagem numa serra próxima, incentivando um projeto de colaboração entre a escola e o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, de maneira a que os estudantes fiquem a saber mais sobre a prevenção de incêndios;

- se há infiltrações de água no pavilhão desportivo da escola, um buraco no caminho ou há falta de livros na biblioteca, é preciso noticiá-lo, porque são temas que interessam à comunidade escolar e à comunidade local;

- se há escritores, artistas ou personalidades de relevo na comunidade local pode ser-lhes dado espaço (numa entrevista, se estiverem vivas) ou lembrá-las numa crónica ou num artigo de opinião.

E Como Sair da Escola Para a Comunidade Local?

É importante pensar em formas de tornar o jornalismo escolar acessível à comunidade. Para além da distribuição na escola, deve ser distribuído em locais públicos e sítios de comércio local (se for um jornal em papel), mas também digitalmente. É importante que, por todas as vias possíveis, seja devolvido à comunidade local o resultado da sua participação. Com a disseminação das edições, a escola mostra transparência e abertura, ganhando credibilidade.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do financiamento UID/00736: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

Referências

Dicionário Online de Português. (s.d.). *Comunidade*. In dicionário *Dicio.com.br*. Retirado a 7 de julho de 2025, de https://www.dicio.com.br/comunidade/

Porto Editora. (s.d.). *Comunidade. In Infopédia*. Retirado a 7 de julho de 2025, de https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/comunidade

Jornal Escolar: Dicas Para Jovens Jornalistas

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.23

Luísa Gonçalves

Coordenadora do *Público na Escola*
luisa.goncalves@publico.pt

Criar e dinamizar um jornal na escola é uma excelente forma de perceber como se faz informação, o que a envolve e o que ela possibilita. Exige estar bem informado e, por isso, mais implicado e comprometido com os debates da comunidade. Publicar a vossa opinião permite que sintam o poder e a responsabilidade da liberdade de expressão. Tomar opções e fazer escolhas ajuda a perceber a importância dos valores da democracia, do respeito pelo outro, da tolerância e da diversidade.

Se estão prontos para esta aventura, aqui ficam algumas dicas para a criação de um jornal na vossa escola:

1. Formem uma equipa de redação e discutam a linha editorial que pretendem adotar: a temática da publicação (especializada, generalista), o público-alvo, os critérios que vão utilizar na seleção e abordagem dos temas, o estilo de escrita. No fundo, definam quais serão as marcas que vão tornar o vosso jornal "único";

2. Escolham um título sugestivo e criem um logótipo eficaz na comunicação da identidade do jornal;

3. Reúnam os recursos materiais com que podem contar e, em função deles, definam o formato (papel, digital, online), periodicidade e volume de produção (podem sempre procurar patrocínios que vos permitam ser mais ambiciosos);

4. Definam como organizar os conteúdos: vai ter secções? Quais? "Coesão" e "coerência" são duas palavras-chave;

5. Distribuam tarefas de acordo com gostos, competências e disponibilidade dos elementos da equipa. Mas tentem fazer rotatividade para que possam ter múltiplas experiências. Notícia, reportagem, fotografia, crónica, podcast, vídeocast, cartoon, design, redes sociais, marketing são algumas das várias possibilidades;

6. Organizem uma calendarização exequível e que contemple os momentos de reunião da equipa, de entrega dos materiais e os momentos de publicação. Tentem que não coincidam com as alturas mais atarefadas da vossa vida escolar.

7. Definam a estrutura da publicação em função do seu formato e de acordo com a sua identidade. O design gráfico é fundamental para o sucesso do vosso jornal. Seja um jornal em papel, uma *fanzine* ou um site, todos requerem um cuidado específico e muita criatividade na forma como comunicam e apresentam os conteúdos;

8. Façam campanhas criativas de divulgação para mobilizar colaboradores (permanentes ou ocasionais). Alunos, professores, pais, especialistas de diferentes áreas, bibliotecários podem assinar alguns dos vossos conteúdos e enriquecer o vosso jornal com diversidade de olhares;

9. Procurem outros canais de divulgação: biblioteca escolar e/ou municipal, associação de estudantes, redes sociais, jornais locais, associações culturais, etc.;

10. E não se esqueçam que existe uma pluralidade de géneros e formatos jornalísticos que podem usar em função do que querem comunicar: uma crónica, uma reportagem, uma infografia, uma fotogaleria têm diferentes caraterísticas e cumprem propósitos distintos;

11. Criar e divulgar conteúdos exige muita responsabilidade e rigor. Informem-se em fontes credíveis, respeitem os direitos de autor e dediquem muita atenção à revisão antes de publicarem algo.

E divirtam-se!

Fazer um Programa de Rádio na Escola em Seis Etapas

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.24

Iolanda Ferreira

Coordenadora de conteúdos de atualidade para público jovem, lineares e digitais
Iolanda.ferreira@rtp.pt

É possível aprender a construir um programa de rádio em seis etapas.

Imagina um Jogo da Glória. Tem um caminho, até pode haver retrocessos, mas o importante é todos poderem chegar ao fim. Partindo do princípio de que vão lançando os dados e avançando sempre, o caminho é este:

Pensar — "Qual É o Programa que Falta?"

Pensar é fundamental para tudo na vida e também para construir um conteúdo. Se queremos construir uma casa, primeiro temos de pensar — de um piso ou dois? Com quantos quartos? Com que materiais? Onde? Queremos que seja amiga do ambiente e tenha painéis solares? Um programa de rádio também precisa de um plano, neste caso, de um plano de produção. O primeiro passo é pensar no programa que gostariam de fazer. E, se possível, pensar em conjunto — quando várias cabeças pensam, as possibilidades de a criatividade aumentar são maiores. No processo criativo, tudo é válido. Apontem todas as ideias, mesmo que possam parecer tontas. Aliás, não há ideias tontas, apenas mais ou menos concretizáveis. A soma de muita imaginação pode dar uma ideia incrível. E estejam atentos a tudo — um filme ou, até, um folheto de supermercado, podem transformar-se em musas inspiradoras e dar pistas para adaptar, mediante a audiência e o objetivo.

Fazer um Projeto — "Perguntas e Mais Perguntas"

Esta é a fase da pré-produção. Encontrada a ideia, traçados os objetivos, definido o público-alvo e o que queremos comunicar é chegado o momento de desenhar o

projeto da "casa". Começar pela base costuma resultar. Importa, desde logo, dar nome ao programa. O nome tem de ser apelativo (também do ponto de vista sonoro), porque será através dele que os ouvintes terão uma primeira impressão do conteúdo.

Começar pela estrutura significa, também, definir o formato. Há alguns conjuntos de questões que podem ajudar: diário, semanal ou mensal? Informativo, documentário, de entretenimento? Formato curto, médio, longo? Isto é: um minuto, 20 minutos ou uma hora? Com estas questões resolvidas, surgem outras. É preciso decidir como vai ser o indicativo (o genérico do programa, o que o identifica) e a introdução — uma música sempre no início? Uma abordagem ao tema antes do indicativo? Um resumo? Sons de arquivo? Vários temas? Separadores entre eles? Se sim, que tipo de áudio? E que tipo de música, caso haja? Clássica, do mundo, pop, instrumental, entre outros. E no final do programa, um "gancho" para o próximo episódio? Ou seja, algo que faça com que o ouvinte queira ouvir o próximo episódio.

Escrever o Guião — "Alguém Tem um Papel?!"

É chegada a altura de passar para o "papel". Mas, para isso, é preciso investigar sobre o tema, reunir o máximo de informação útil possível. Uma coisa é lançar um palpite, outra é ter a responsabilidade de dar informação correta, com qualidade e rigor, ao ouvinte. Por exemplo, se quisermos fazer um programa sobre culinária, não basta saber meia dúzia de receitas de cor, é necessário saber mais sobre o tema, colocar convidados a falar sobre o assunto ou outras possibilidades. E pensar na ordem em que tudo vai acontecer, no que vai ser dito e como vai ser dito. Um guião é isso. Apesar de quando ouvimos rádio parecer que as pessoas estão a falar de cor, espontaneamente, os radialistas têm uma expressão que utilizam muito: "o melhor improviso é o que está escrito". É então fundamental pôr em palavras as ideias e o que aprendemos com a pesquisa. A escrita é uma arte sem limites e funciona com a força da imaginação. No guião devemos também ir assinalando onde entram os separadores, as trilhas, efeitos, as músicas, sons de arquivo, as entrevistas, os tempos de cada elemento, e por aí adiante.

Gravar — "1, 2, 3... 1, 2, 3..."

Tudo definido, guião escrito, o passo seguinte é a gravação. Podemos ter o melhor texto do mundo, mas se não o gravarmos, ninguém sabe que ele existe. Temos de o gravar, de o materializar. E, assim, o guião transforma-se num programa de rádio. Hoje, há telemóveis que já permitem gravar som com qualidade, ainda assim, convém ter um microfone associado. Também é importante escolher um sítio onde não haja ruído e que não faça eco. A qualidade do áudio é fundamental.

Fazer a Sonoplastia — "Quem Quer Desenhar com Sons?"

Esta etapa pode designar-se, também, por "desenho de som". Em rádio, é da responsabilidade dos sonoplastas, que são como cientistas num laboratório — as experiências

que fazem envolvem sons, música e voz. À falta de um sonoplasta profissional há programas de tratamento de som digitais, de acesso aberto, que podem ajudar nesta tarefa. É mais ou menos como um puzzle: inserem-se todas as peças que constituem o programa (locuções, músicas, efeitos sonoros, etc.), organizam-se numa sequência lógica e eis que o programa nasce.

Emitir — "Estamos no Ar!"

O programa está agora todo bonitinho, fechado, sonorizado, com um lacinho por cima. O que falta? Distribuir, transmitir para que os ouvintes o possam escutar. Hoje a distribuição pode não passar por um canal de rádio tradicional, em FM, mas por plataformas digitais, agregadores de podcast, sites, entre outros. Fazer uma emissão de rádio é lançar "para o ar" o programa que acabámos de produzir e espalhar histórias pelos ouvidos do mundo.

Uma Frase Sobre a Rádio

"A rádio afeta de forma mais íntima, de pessoa para pessoa, oferecendo um mundo de comunicação tácita entre o escritor-locutor e o ouvinte" (McLuhan, 1964, p. 241).

Nota!

As músicas e os sons podem ter direitos de autor. Para usá-los pode ser preciso pagar um valor à Sociedade Portuguesa de Autores, sob pena de se ter que pagar uma multa. Tal como há bancos de imagens, na internet há também sites que disponibilizam músicas ou sons *royalty free*, ou seja, que não é preciso pagar para usar.

Referências

McLuhan, M. (1964). *Understanding media: The extensions of man*. McGrawHill

Produção de Áudio no Contexto Escolar: Conceitos, Equipamentos e Prática

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.25

Ricardo Fialho

Sonoplasta
Rádio ZigZag
ricardo.jesus@rtp.pt

A Importância do Som

O som é uma componente essencial na comunicação, capaz de transmitir emoções e envolver os ouvintes de forma profunda. No contexto escolar, a produção de som e áudio permite que alunos e professores desenvolvam competências criativas e técnicas, além de favorecer a expressão e a comunicação. Desde a gravação de podcasts e a criação de programas de rádio escolares até ao apoio em produções audiovisuais, o uso do som enriquece a experiência educativa e promove a literacia sonora.

Além disso, o som permite explorar diferentes formas de *storytelling* (ou seja, maneiras de contar histórias de forma criativa e envolvente), tornando os conteúdos mais dinâmicos e envolventes. Eis alguns exemplos:

- *Sons ambientais para criar contexto e imersão*: a utilização de sons ambientais é uma excelente forma de transportar os alunos para diferentes cenários e épocas, enriquecendo a narrativa. *Exemplo*: numa aula de História sobre a Idade Média, a inclusão de sons de mercados medievais ou vozes pode criar uma atmosfera imersiva que permite aos alunos "viver" a experiência histórica enquanto aprendem.

- *Personagens e narrativa através da voz e sonoplastia*: a sonoplastia permite criar diferentes vozes, efeitos e tons, dando vida a personagens e narrativas. *Exemplo*: em Língua Portuguesa, ao estudar um conto, os alunos podem recriar a história usando vozes distintas para cada personagem e adicionando efeitos

sonoros, como passos, portas a ranger ou sons de chuva, tornando o texto mais vivo e emocional.

- *Criação de podcasts ou programas de rádio com efeitos sonoros*: a produção de podcasts ou programas de rádio permite explorar o *storytelling* de forma colaborativa e criativa. *Exemplo*: em projetos de Ciências, os alunos podem criar um programa de rádio simulando uma viagem ao espaço, utilizando sons como o ruído de naves espaciais ou comunicações de rádio, explicando conceitos científicos de maneira envolvente e acessível.

Com a prática da sonoplastia, os alunos aprendem a valorizar a qualidade sonora e a perceber como pequenos detalhes podem fazer uma grande diferença na comunicação. Desta forma, o som não só facilita a aprendizagem, como também prepara os estudantes para um mundo no qual a comunicação fundamental.

O que É Sonoplastia?

A sonoplastia é a arte de criar e combinar sons para enriquecer conteúdos de áudio ou vídeo. Na escola, ajuda alunos e professores a comunicar de forma inovadora, desenvolvendo a criatividade e a literacia sonora, ou seja, a capacidade de compreender, interpretar, criar e utilizar sons de forma crítica. Esta literacia envolve não apenas a escuta ativa, mas também o uso criativo e crítico do som como meio de comunicação e expressão.

Potencialidades:

- Enriquecer narrativas: sons ambientam histórias e trazem realismo;
- Criar emoções: músicas e efeitos sonoros mudam o tom e a atmosfera;
- Estimular a criatividade: incentiva a criação de conteúdos únicos e originais.

Importância na educação:

- Ensina a ouvir de forma crítica;
- Melhora a expressão pessoal;
- Pode ser integrada em várias disciplinas, tornando a comunicação mais rica e significativa.

Como Promover a Literacia Sonora na Escola?

A literacia sonora pode ser promovida através de várias atividades que ajudam os alunos a compreender e manipular o som de forma crítica e criativa:

- Oficinas de som — onde os alunos podem gravar, editar e criar pequenos projetos de áudio, compreendendo o processo de produção;
- Projetos de rádio escolar — criar uma rádio ou podcasts na escola permite que os alunos experimentem a criação de conteúdos sonoros, praticando locução, edição e sonoplastia;
- Análise de áudio — ouvir e discutir *spots* publicitários, músicas ou filmes para perceber como o som influencia a perceção do público.

Princípios Básicos do Som

Para trabalhar com som, é importante entender os conceitos de "amplitude", "frequência" e "timbre", que determinam como o áudio é percebido e editado.

- Amplitude e volume — refere-se à intensidade do som, ou seja, ao seu volume. Controlar a amplitude é essencial para garantir que o som seja audível e equilibrado.
- Frequência — define se o som é grave (baixas frequências) ou agudo (altas frequências). A frequência é ajustada para dar clareza ao som, destacando ou suavizando determinadas tonalidades.
- Timbre — é a "cor" ou identidade do som, o que nos permite distinguir diferentes vozes ou instrumentos, mesmo que emitam a mesma nota.

Estes princípios ajudam a ajustar o som na captação, edição e mistura, garantindo uma produção de áudio clara e envolvente. Conhecê-los é essencial para que consigam manipular o som de forma eficaz, seja para podcasts, rádio escolar ou projetos audiovisuais.

Cuidados na Produção de Áudio

Para garantir uma boa qualidade de som, alunos e professores devem seguir alguns passos essenciais:

- Captação de som — usar microfones adequados, escolher locais silenciosos e posicionar o microfone corretamente para obter uma gravação clara e precisa;
- Edição — ajustar o volume, remover ruídos e organizar o conteúdo de forma lógica para criar um áudio agradável e profissional;
- Escolher uma trilha sonora — selecionar músicas de fundo que combinem com o tema e a emoção do conteúdo, enriquecendo a narrativa;
- Seguindo estes cuidados, é possível produzir áudios de alta qualidade que tornam o produto final mais interessante e envolvente.

Equipamento Necessário Para Criar um Estúdio Escolar

Para montar um estúdio escolar básico e de qualidade, são necessários alguns equipamentos essenciais:

- Computador: deve ter memória RAM e processamento adequados para suportar softwares de edição de áudio sem falhas;
- Microfone: os tipos mais comuns são: microfone dinâmico — robusto, ideal para gravações de voz e menos sensível a ruídos; microfone condensador: mais sensível e com excelente captação de detalhes, mas requer maior cuidado para evitar ruídos externos;
- Monitores de estúdio: são colunas que reproduzem o som de forma precisa, sem realçar ou alterar frequências. Diferem das colunas convencionais porque ajudam a ouvir o som tal como ele é;
- Placa de som: permite conectar microfones e outros dispositivos ao computador, garantindo alta qualidade de gravação e oferecendo mais opções de configuração.

Softwares Para Produção e Edição de Áudio

A edição de áudio requer programas conhecidos como DAWs (Digital Audio Workstations), que permitem gravar, editar e misturar o som.

Softwares gratuitos:

- Audacity: ideal para principiantes, com ferramentas básicas de gravação e edição;
- Wavosaur e Wavepad: boas alternativas com funcionalidades básicas e interface intuitiva.

Softwares pagos:

- Pro Tools: considerado o padrão da indústria, é poderoso e ideal para trabalhos avançados, muito usado em estúdios profissionais;
- Logic Pro: exclusivo para Mac, oferece uma vasta gama de ferramentas para produção musical e edição de áudio;
- Cubase e Ableton Live: utilizados para produção musical e edição de áudio com recursos de alta qualidade e várias funcionalidades de edição;
- Reaper: muito versátil, com uma interface personalizável e excelente custo-benefício, permitindo muitas funcionalidades de edição e personalização.

Aplicações móveis para edição em smartphones ou tablets, existem aplicações práticas como:

- Cubasis (iOS) e FL Studio Mobile (iOS e Android), que oferecem funcionalidades para gravação e edição.
- Softwares para programação de rádio: RadioDJ, Playlt Live e Mixxx — ideais para gerenciar *playlists* e criar programas de rádio escolares.

Plugins ou *Virtual Studio Technology*

Os VST (*Virtual Studio Technology*) são *plugins* que adicionam funcionalidades extra aos programas de edição, permitindo melhorar o áudio com efeitos e instrumentos virtuais. Alguns dos mais comuns incluem:

- Equalizador: ajusta frequências para melhorar a clareza e equilíbrio do som.
- Compressor: controla variações de volume, tornando o som mais uniforme.
- *Reverb* e *delay*: adicionam efeitos de profundidade e ambiente.

Passos Para Criar um Programa de Rádio

- Conceção do programa: definir tema, estrutura e público-alvo.
- Captação de voz: escolher um ambiente silencioso, utilizar microfones adequados e fazer ajustes para captar a voz de forma clara.
- Edição: organizar o áudio, cortar partes desnecessárias e ajustar o ritmo da narrativa.
- Escolha da trilha sonora: escolher uma trilha sonora que complemente o tema e o tom do conteúdo.
- Introdução e fecho: criar um indicativo de abertura e encerramento que identifique o programa ajude na transição para outros conteúdos.
- Mistura: ajustar volumes, adicionar efeitos e garantir que todos os elementos sonoros estão harmoniosos.
- Masterização: último ajuste de qualidade sonora, que assegura uma reprodução consistente e profissional.

Em Síntese

A criação de um estúdio e a produção de áudio na escola desenvolvem competências técnicas e criativas nos alunos, promovendo a literacia sonora e a comunicação

inovadora. Equipados com conhecimento sobre os princípios básicos do som, professores e alunos podem transformar o som num recurso educativo valioso, criando conteúdos que refletem as suas vozes e histórias.

Investir na literacia sonora é crucial para que as mensagens sejam ouvidas e compreendidas. O som tem o poder de transformar experiências e comunicar de maneiras que as palavras por si só não conseguem. Envolver os alunos na produção de áudio prepara-os para desafios futuros e oferece uma ferramenta poderosa para expressarem e compreenderem o mundo.

A sonoplastia vai além de meras habilidades técnicas; ela promove um entendimento mais profundo e uma comunicação mais rica. Valorizar o som na formação e comunicação diária permite criar conteúdos impactantes e ressonantes.

Podcast: Um Recurso Essencial

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.26

Ruben Martins

Jornalista
Jornal *Público*
ruben.martins@publico.pt

A Importância do Som

Graças aos novos recursos áudio, há uma oportunidade para produzir conteúdo e para levar os alunos a experimentarem e a desenvolverem novas competências. No fundo, são várias as vantagens associadas ao uso do áudio em contexto escolar:

- É de fácil produção em comparação com outros suportes, podendo fazer-se rádio e podcasts em qualquer lado;
- Pode ser produzido de forma praticamente gratuita, bastando, para isso, ter acesso à internet e um telemóvel ou um microfone e um computador;
- É de fácil distribuição online, quer entre grupos mais restritos, quer de forma mais pública;
- É de fácil consumo, podendo ouvir-se em qualquer lado, apenas com um telemóvel;
- Mesmo quando se torna público, resguarda, de certo modo, os alunos, por ficar apenas disponível a sua voz e não a sua imagem.

O que É um Podcast?

É conteúdo áudio distribuído de forma sequencial na internet.

Vantagens e Desvantagens

Vantagens:

- É fácil de produzir, de publicar e não implica muitos meios, podendo fazer-se tudo a partir do telemóvel;
- É muito fácil de distribuir e em certas plataformas é possível fazer logo um *download* do ficheiro;
- É capaz de chegar mais longe do que a própria comunidade escolar, podendo ouvir-se no exterior da escola;
- Teoricamente, fica disponível para sempre.

Desvantagens:

- É menos imediato;
- É um meio de consumo tradicionalmente privado, ouvido individualmente.

O que Precisas Para Criar um Podcast?

Basta um telemóvel com a aplicação gratuita Spotify, que permite gravar, editar, publicar e distribuir. Caso se pretenda uma melhor qualidade de som, com um custo relativamente baixo, pode adquirir-se:

- um microfone;
- uma mesa de mistura;
- um cabo.

Em termos de software, e caso não se use a aplicação Spotify for Creators, pode utilizar-se o software de edição Audacity, que, além de gratuito, é muito intuitivo.

Para distribuir, pode usar-se o Mixcloud, que permite o armazenamento gratuito de conteúdos de áudio.

Como É que Se Cria um Podcast?

No canal de YouTube do podcast *Brandos Costumes*, encontramos um vídeo[1] que nos pode inspirar. Em síntese, podemos considerar as seguintes etapas antes de começar a produzir:

1 https://www.youtube.com/watch?v=-fm37JW9b5g.

1. Ter a ideia, ou seja, escolher um assunto para abordar;
2. Definir a forma, explorando outros podcasts, vendo como são estruturados e pensando em como fazer melhor ou diferente, sabendo à partida que não há uma receita para fazer um podcast;
3. Ter o equipamento;
4. Dar nome ao podcast, tendo em consideração o assunto e garantindo que esse nome ainda não existe;
5. Experimentar, corrigir e experimentar outra vez;
6. Pensar numa imagem e música de entrada;
7. Escolher uma plataforma para distribuir e definir como o divulgar.

Em contexto escolar, poderá criar-se um podcast para a escola inteira e ter lá os conteúdos todos produzidos pelos alunos. O conteúdo pode ser totalmente público ou só distribuído por alguns grupos mais fechados.

Que Coisas Podem Ser Feitas num Podcast?

Tudo. Pode ser um monólogo, uma entrevista a uma pessoa ou a várias que passam na rua, uma conversa de grupo, ter sons ou música ou não... No fundo, não há uma receita e tudo fica limitado à imaginação.

Fazer Televisão na Escola

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.27

Cláudia Santos

Professora bibliotecária
Escola Secundária de Santa Maria Maior, Viana do Castelo, Portugal
claudiavieirasantos@gmail.com

João Marques Franco

Professor do Curso Profissional de Técnico de Audiovisuais
Escola Secundária de Santa Maria Maior, Viana do Castelo, Portugal
joaomarquesfranco@gmail.com

Informar, Participar, Intervir

Este contributo nasce da nossa experiência na *TV na Maior*[1], um projeto de televisão da Escola Secundária de Santa Maria Maior que nasceu em 2016 de uma parceria entre a Biblioteca Escolar e o Curso Profissional de Técnico de Audiovisuais. O projeto começou por noticiar as atividades e os eventos das escolas do agrupamento e apresentar trabalhos de entrevista e reportagem com ligação à comunidade educativa e local. Mais tarde, expandiu-se com a produção de séries de programas sobre temas específicos.

Se, por um lado, a nossa experiência enquanto educadores nos revela que os nossos jovens se consideram bem informados relativamente à atualidade, por outro lado, também os ouvimos afirmar que as redes sociais são o meio de comunicação privilegiado, indiferentes às *fake news* e à desinformação e perdidos na infinidade de *feeds*, que lhes oferecem mais do mesmo, debilitando o seu pensamento crítico e comprometendo a sua capacidade interventiva.

Desta constatação surgiu o desafio: e se criássemos para os alunos uma oportunidade de explorarem o mundo da informação? E se os colocássemos no papel de jornalistas, a recolher informação, a escrever notícias, textos de reportagem e guiões de entrevistas? E se, de repente, aprendêssemos a gravar e a tratar o som e a imagem? Até poderíamos

1 https://www.esmaior.pt/tvnamaior/.

ter o nosso próprio canal de televisão. Foi tudo isto que nos passou pela cabeça quando decidimos criar a *TV na Maior*!

Não tens um curso profissional com a componente de multimédia ou edição de vídeo? Não há problema! Podes fazer televisão com um telemóvel, um tripé e um microfone sem fios. Ora vê as etapas a seguir:

1. *Equipamento necessário*: depois de definires os objetivos, avança para a lista de equipamentos de que necessitas. Verifica o que já existe na escola e, no caso de terem que usar os telemóveis pessoais, certifiquem-se que têm tripés adequados e microfones que funcionem por *bluetooth*. Os telemóveis deverão ter instalada uma aplicação de edição de vídeo. Se ambicionas um trabalho mais profissional, e até a instalação de um estúdio, então vais precisar de algum investimento: parede verde para *chroma key*, computadores e software de edição de vídeo, câmara(s) de vídeo, iluminadores e teleponto. Não subestimes a importância fundamental do som; é responsável por mais de metade da qualidade do resultado — até poderás conseguir produzir um podcast sem recurso a câmaras de vídeo, mas faz um com má qualidade de som e perceberás que a audiência vai abandonar o que fizeste rapidamente.

2. *Identidade gráfica do canal*: a imagem é tudo! O teu canal ficará mais apelativo se pensares previamente no seu design: um logótipo que possa aparecer nos materiais de divulgação, na *intro* dos teus programas e no canto superior dos teus vídeos. Podes também uniformizar o formato e as cores dos teus oráculos (aquela espécie de legenda em rodapé que aparece nos noticiários). Pede ajuda aos professores de Educação Visual ou Artes Visuais, que até vos podem apoiar na criação de animações a partir do logótipo e de um genérico diferente para cada série de programas. No nosso caso, esta etapa é da inteira responsabilidade do Curso de Audiovisuais.

3. *Divulgação do projeto*: o sucesso do projeto depende de uma boa divulgação junto dos alunos, para incentivar à participação, e junto dos professores, para motivar colaborações e para lhes dar a conhecer uma forma eficaz de divulgar as atividades da escola. Cartazes, comunicação direta às turmas, publicações nas redes sociais e noutros canais de comunicação escolares são algumas das possibilidades. Nós fizemos até um pequeno *teaser* a desafiar os alunos para a equipa de jornalistas. Os alunos do Curso de Audiovisuais não precisam de se inscrever, pois trabalham para a *TV na Maior* no âmbito das suas aulas práticas. A filosofia do curso é bastante simples: já que estes conteúdos fazem parte do programa das disciplinas técnicas, porque não redirecionar os exercícios para as necessidades do canal, em vez de algo que fica apenas no âmbito e espaço da disciplina?

4. *Inscrições/casting/constituição das equipas*: precisamos de uma equipa de jornalistas e outra de técnicos de imagem. Abre inscrições, recolhe informação sobre o que os diferentes alunos gostariam de fazer. Organizar um *casting* inicial ajuda a perceber o perfil de cada aluno. Os "jornalistas" mais tímidos

podem não aparecer nos programas e colaborar apenas na redação de textos ou emprestar a sua voz para gravação de voz-off. Para a equipa técnica, será útil fazer experiências piloto para testar as competências dos alunos na gravação e na edição de vídeo.

5. *Formação/colaboração externa*: constituídas as equipas, chegamos à etapa da formação. Faz como nós, recorre a parceiros externos (jornalistas e técnicos de imagem profissionais ou à equipa do MILObs!) e organiza pequenos workshops: como se constrói uma notícia (pirâmide invertida), como produzir diferentes géneros jornalísticos, como combater a desinformação, como melhorar a expressão oral e o comportamento perante as câmaras, como gravar e editar vídeo em smartphone.

6. *Grelha de programação*: em reunião com a equipa de jornalistas, vamos definir a nossa grelha de programação. Felizmente, as escolas têm um Plano Anual de Atividades, o que nos permite selecionar à partida os eventos que vamos noticiar. Não te esqueças que deve haver equilíbrio e não devemos ser tendenciosos: não podemos noticiar só atividades desportivas ou projetos da biblioteca! Consulta o plano, pergunta aos coordenadores de departamento curricular o que consideram mais relevante e pede também sugestões aos teus colegas.

7. *Reunião com as equipas de trabalho*: as reuniões com a equipa de jornalistas vão acontecer com alguma frequência. Para além de uma distribuição cuidada das tarefas, vai ser necessário rever textos, reescrever, praticar a leitura em voz alta, treinar a expressividade. A grelha de programação e todos os textos produzidos devem ser transmitidos à equipa técnica que tomará decisões fundamentais para a qualidade do produto: distribuição de funções dentro da equipa (quem ficará responsável pela gravação de vídeo, captação de som, edição e animação do produto final), seleção de locais para filmagem, preparação de equipamento e definição dos planos mais adequados.

8. *Gravação/armazenamento de imagens/edição*: chegada a hora da gravação, a equipa de técnicos deve estar preparada para dar orientações ao jornalista e aos entrevistados; é importante que estes momentos ocorram num espaço próprio para o efeito. Ficarás espantado(a) com o tempo que demora a preparar uma filmagem cuidada. Se tiveres a sorte de ter um Curso de Audiovisuais, usa os momentos de aula para esta preparação; faz parte das competências de um técnico e torna as aulas mais práticas e divertidas. É normal haver enganos, por isso gravamos os *takes* necessários até ficarmos satisfeitos. É fundamental que a equipa técnica descarregue os ficheiros e os guarde em pastas devidamente identificadas. Não te esqueças de fazer cópias de segurança do material, tudo o que pode correr mal, vai correr mal (especialmente com o som). Segue-se a edição do vídeo: se tens professores que te saibam ensinar as técnicas e princípios básicos de edição, tanto melhor. De outra maneira, procura os sites dos softwares mais usados no mercado (Davinci Resolve, Adobe Premiere) onde encontrarás imensos tutoriais intuitivos.

9. *Publicação*: quanto mais pessoas virem os programas, mais motivador se torna o projeto. Publica em todos os canais do agrupamento, incluindo as redes sociais, incentiva aos *likes* e aos comentários. Podes também criar uma página web da tua televisão! Nós pedimos uma integração na página web do nosso agrupamento e fizemo-lo com a ajuda dos professores de Informática. Temos, por isso, um repositório dos programas produzidos desde o início.

10. *Quando estiverem bem treinados, diversifiquem!* Façam como nós, coloquem a televisão ao serviço da articulação curricular e dos grandes objetivos da escola. Expandimos a *TV na Maior* através do envolvimento de um maior número de turmas que, no âmbito dos seus projetos do Domínio de Autonomia Curricular, conceberam e criaram séries de programas tão diversos como revistas de imprensa, programas literários, entrevistas na comunidade e documentários.

Quanto mais colaboradores, maior a diversidade de programas, mais abrangente o vosso público-alvo e a vossa capacidade de intervir.

A Imagem e as Técnicas de Produção e Edição de Vídeo

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.28

Daniel Brandão

Professor e investigador
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
https://orcid.org/0000-0001-6331-0354
danielbrandao@ics.uminho.pt

O Poder da Imagem

O mundo em que vivemos está inundado por imagens em movimento. Desde o momento em que acordamos até a hora de dormir, somos bombardeados por vídeos nos nossos smartphones, computadores, televisões e até mesmo nos *outdoors* espalhados pelas cidades. Esta omnipresença da imagem em movimento torna-a uma das ferramentas de comunicação mais poderosas do século XXI. Através do vídeo, podemos contar histórias, transmitir emoções, partilhar conhecimentos e influenciar o mundo à nossa volta.

A Importância da Imagem na Comunicação

A imagem em movimento possui uma capacidade única de captar a atenção, despertar a curiosidade e envolver o público de uma forma que outros formatos de comunicação dificilmente conseguem. Uma única imagem pode transmitir uma mensagem complexa de forma instantânea, transcendendo barreiras linguísticas e culturais. Um vídeo bem produzido pode informar, educar, persuadir e entreter de forma eficaz, criando um impacto duradouro na mente do espectador.

Para tal, propõem-se duas atividades de produção de conteúdos de vídeo para meios de comunicação escolares, recorrendo a ferramentas digitais acessíveis de registo e edição. Estes recursos podem ser utilizados para dinamizar projetos pedagógicos,

melhorar a comunicação da escola com o exterior (famílias e comunidades do meio envolvente) e ampliar as competências técnicas e criativas dos alunos. Isto permitirá também estimular uma compreensão mais profunda do papel dos *media* na comunicação escolar, bem como na relação dos alunos com o mundo, promovendo uma participação mais ativa na sociedade.

Atividade 1: Exploração do Mundo do Vídeo

Para que os alunos compreendam a importância da imagem e desenvolvam capacidades para a criação de vídeos, é fundamental que tenham a oportunidade de explorar as diversas etapas da produção e edição de vídeo. Os exercícios propostos nesta atividade têm o objetivo de introduzir os alunos aos conceitos básicos da criação de um vídeo e podem ser desenvolvidos em sala de aula, através da resposta a exercícios práticos livres lançados pelo professor, ou então no contexto da produção de conteúdos para meios de comunicação escolares, como jornais ou revistas digitais da escola, websites ou outras plataformas interativas, blogs ou televisões escolares. Ao produzir estes vídeos, os alunos podem explorar temas de interesse pedagógico, de interesse da comunidade escolar interna ou externa, ou ainda do seu próprio interesse.

Análise Crítica de Vídeos

- Objetivo: desenvolver a capacidade de analisar criticamente a linguagem audiovisual e compreender como a imagem é utilizada para construir narrativas e transmitir mensagens.

- Materiais: uma seleção diversificada de vídeos curtos, incluindo anúncios publicitários, videoclipes musicais, *trailers* de filmes e reportagens, que sirvam de referência para conteúdos a serem produzidos para um meio de comunicação escolar.

- Procedimento: em pequenos grupos, os alunos assistem aos vídeos selecionados e discutem os seguintes aspetos: qual é a mensagem principal do vídeo? De que forma a imagem é utilizada para transmitir essa mensagem? Que tipo de emoções o vídeo evoca? Quais são os elementos visuais mais marcantes do vídeo? De que forma o uso de som, música e efeitos sonoros contribui para a narrativa? Após a discussão em grupo, cada grupo apresenta as suas conclusões para a turma, partilhando as suas análises e perspetivas.

Storyboards: Planeamento de uma Narrativa Visual

- Objetivo: aprender a planear a narrativa visual de um vídeo através da criação de *storyboards*, visualizando as cenas, escalas de planos, ângulos e movimentos de câmara e sequências de imagens. Planear *storyboards* é essencial para garantir uma produção organizada de vídeos que se alinhem com os interesses do público-alvo e os objetivos dos meios de comunicação escolares. Por

exemplo, os *storyboards* podem ser utilizados para criar conteúdos jornalísticos sobre eventos escolares ou documentários temáticos.

- Materiais: papel ou post-its brancos, lápis, canetas coloridas, réguas e imagens de referência (opcional). Se os alunos tiverem dificuldade em desenhar, podem usar softwares ou aplicações móveis como o Storyboard That ou criar *storyboards* com fotografias tiradas com o smartphone.

- Procedimento: os alunos são desafiados a criar um *storyboard* para um vídeo de curta duração (três minutos) com base num tema e/ou género específico. O *storyboard* deve conter: desenhos ou esboços que representem cada cena do vídeo; descrições escritas concisas da ação em cada cena; indicação das escalas de plano a serem utilizadas (por exemplo, plano geral, plano médio, *close-up*), movimentos de câmara (*travelling*, *truck*, panorâmica, *tilt*) e ângulos (picado, contrapicado, normal). Após concluírem os seus *storyboards*, os alunos apresentam as suas ideias à turma, explicando as suas escolhas visuais e narrativas.

Enquadramento e Composição: A Arte de Construir a Imagem

- Objetivo: compreender os princípios básicos de enquadramento e composição, aprendendo a utilizar a câmara para criar imagens visualmente apelativas e que transmitam a mensagem desejada.

- Materiais: dispositivos de registo/gravação de vídeo (smartphones ou câmaras digitais de vídeo, DSLR ou *mirrorless*) e objetos do quotidiano para utilizar como "modelos".

- Procedimento: explorar os diferentes tipos de escalas de planos. Por exemplo: plano geral (mostra o cenário completo e as personagens ao longe, para situar a ação), plano médio (mostra a personagem da cintura para cima, muito usado em entrevistas), *close-up* (foca um detalhe importante, como uma expressão facial ou um objeto); experimentar diferentes ângulos de câmara, como o ângulo picado (câmara colocada de cima, a apontar para baixo, dando a sensação de que a personagem é pequena ou frágil), contrapicado (câmara colocada de abaixo, a apontar para cima, fazendo com que a personagem pareça maior ou mais poderosa), ângulo normal (câmara ao nível dos olhos, dando uma perspetiva neutra e realista). E experimentar também movimentos de câmara, como, por exemplo, a panorâmica (a câmara gira na horizontal, da esquerda para a direita, ou vice-versa, sem sair do lugar), *tilt* (a câmara gira na vertical (de cima para baixo, ou de baixo para cima, também sem sair do lugar), *travelling* (a câmara desloca-se fisicamente para a frente ou para trás, acompanhando a ação), *truck* (a câmara move-se lateralmente, para a esquerda ou para a direita, mantendo a mesma distância ao objeto ou personagem); utilizar a regra dos terços, linhas diagonais, simetria, assimetria e outros elementos de composição para criar imagens esteticamente agradáveis e que realcem os centros de interesse.

Atividade 2: Produção de Vídeo Passo a Passo: Do Conceito à Realização

Para consolidar os conhecimentos adquiridos nas atividades anteriores e desenvolver a capacidade de criar vídeos de forma autónoma, propomos um projeto prático em que os alunos irão produzir um vídeo de curta duração que possa ser exibido num meio de comunicação escolar. O projeto será dividido nas seguintes etapas:

Desenvolvimento do Conceito e Guião

- Tema: os alunos escolhem um tema para o seu vídeo. Pode ser um tema livre, um tema relacionado com o conteúdo programático de uma disciplina, um tema de interesse da comunidade escolar (por exemplo, campanhas anti-bullying ou reportagens sobre projetos escolares, com entrevistas a membros da comunidade educativa: professores, funcionários, alunos, etc) ou da comunidade exterior à escola (por exemplo, relacionado com os habitantes da zona urbana onde se localiza e as suas atividades quotidianas) ou um tema relacionado com o seu próprio mundo (por exemplo, histórias de família, tradições, memória oral, etc).

- Público-alvo: é importante definir o público-alvo para o vídeo, que influenciará a linguagem, o estilo e a abordagem a serem utilizados.

- Pesquisa: os alunos realizam pesquisas sobre o tema escolhido, reunindo informações, imagens e entrevistas (se necessário).

- Guião: com base na pesquisa e no tema escolhido, os alunos elaboram um guião para o vídeo. O guião pode ser simples, por exemplo: (a) abrir com imagens em frente à escola; (b) entrevista com professora na biblioteca; (c) gravações de alunos a trabalhar na sala; (d) opinião de dois alunos no recreio; (e) conclusão com mensagem do narrador. Mas deve conter as ideias principais a serem abordadas, as cenas a serem filmadas e a ordem em que serão apresentadas.

Pré-Produção: Planeamento e Organização

- *Storyboards*: criação de *storyboards* para visualizar as cenas a serem filmadas, definindo as escalas de planos, os ângulos e movimentos de câmara, e a composição das imagens (ou seja, a forma como os elementos aparecem organizados dentro do enquadramento, para tornar a imagem mais clara, bonita ou expressiva).

- Locações: escolha dos locais onde as cenas serão filmadas. É importante garantir a autorização para filmar nos locais escolhidos e verificar as condições de iluminação e som.

- Equipamentos: organização dos equipamentos necessários para a filmagem, como câmaras, tripés, microfones, iluminação (se necessário) e cartões de memória.

- Elenco: se o vídeo incluir atores ou entrevistados, deve ser conduzido um *casting* (ou seja, a escolha das pessoas que vão participar no vídeo, através de breves ensaios ou entrevistas) e garantir a disponibilidade dos participantes.

Produção: Filmagem das Cenas

- Filmagem: as cenas são filmadas de acordo com o guião e os *storyboards*. É importante seguir as boas práticas de filmagem, como: utilizar um tripé para garantir a estabilidade da imagem (a menos que o movimento da câmara seja intencional); verificar o enquadramento e a composição das imagens; ajustar o foco e a exposição da câmara; gravar áudio de boa qualidade, utilizando microfones externos (se possível) e evitando ruídos indesejados.

- Material extra: é aconselhável filmar material extra (como planos de corte, ou seja, imagens de apoio que mostram detalhes ou momentos complementares e que ajudam a tornar a edição mais fluida e interessante, por exemplo, alguém a reagir, mãos a escrever, o ambiente ao redor, imagens de detalhe, etc.) para utilizar na edição.

Pós-Produção: Edição do Vídeo

- Software de edição: escolha de um software de edição de vídeo relativamente fácil de usar. Existem diversas opções gratuitas e pagas disponíveis, com diferentes níveis de complexidade. Sugerimos, a título de exemplo, a versão gratuita da aplicação CapCut.

- Edição: edição do vídeo, organizando as cenas na ordem desejada, cortando os excessos, adicionando transições (efeitos que ajudam a passar de uma cena para outra de forma mais suave ou criativa), efeitos visuais (se desejado), música de fundo (quando adequado) e legendas (se necessário).

- Exportação: no final, o vídeo deve ser exportado no formato mais adequado à plataforma onde será partilhado (por exemplo, YouTube, Vimeo, redes sociais, etc.). Recomendamos a escolha do codec (acrónimo de codificador/decodificador) h.264 (padrão de codificação do vídeo sem perda de qualidade), no formato mp4.

Apresentação e Partilha: Exibição do Resultado Final

- Apresentação: os alunos exibem os seus vídeos à turma, explicando as suas escolhas criativas, os desafios que enfrentaram e as aprendizagens que adquiriram durante o processo.

- Partilha: os vídeos podem ser partilhados na plataforma online ou nas redes sociais da escola, ou em plataformas de vídeo online, como o YouTube ou Vimeo. É importante garantir o formal consentimento informado dos participantes (ou seja, que cada pessoa filmada autorize por escrito a utilização da sua imagem, sabendo exatamente onde e como o vídeo será usado) e respeitar os direitos autorais de imagens, vídeos e músicas utilizados.

Síntese: O Futuro da Imagem

A capacidade de criar e compreender vídeos é essencial para os cidadãos do século XXI. Através das atividades propostas neste manual, os alunos terão a oportunidade de desenvolver competências valiosas para o seu futuro, tanto a nível pessoal como profissional. Ao aprenderem a utilizar a linguagem audiovisual de forma consciente e crítica, os alunos estarão mais preparados para navegar num mundo cada vez mais dominado pela imagem em movimento, expressando as suas ideias, contando as suas histórias e contribuindo para a construção de um futuro mais participado.

Agradecimentos

Este artigo foi desenvolvido no âmbito do projeto "bYou – Estudo das vivências e expressões dos jovens sobre os media", financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia com a referência PTDC/COM-OUT/3004/2020. DOI: https://doi.org/10.54499/PTDC/COM-OUT/3004/2020.

Ideias Para Fazer Humor nos *Media* Escolares e Contribuir Para a Literacia Mediática

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.29

Luís Pereira

Professor e investigador
City St George's, University of London, Londres, Reino Unido
https://orcid.org/0000-0002-1536-5470
luis.pereira@citystgeorges.ac.uk

Ter Piada

The Funniest Joke in the World (A Piada Mais Engraçada do Mundo) é um *sketch* dos Monty Python que fala sobre uma piada que, por ser tão engraçada, leva à morte quem a ouvir, de tanto rir. Isso torna-a inclusive uma arma eficaz em ambiente de guerra. Seguindo esta analogia belicista, eu diria que o humor nos *media* serve sobretudo para *desarmar*. Ou seja, para desvendar algumas facetas expostas pelos humoristas que permitem ter um olhar mais crítico sobre um conteúdo ou formato mediático, e não só. Para além disso, tem uma outra vantagem muito grande, que é fazer rir.

De seguida, são apresentados alguns formatos marcados pelo humor e algumas das vantagens da paródia como forma de desconstruir a realidade e poder contribuir para manter as pessoas informadas, uma importante vertente da literacia mediática. Independentemente do formato, num meio de comunicação escolar pode também haver espaço para uma rubrica do género.

Cartoons e *Memes*

Numa altura em que os vídeos têm meros segundos, seja os *tiktoks*, *reels* ou *shorts*, o formato do cartoon sempre teve essa característica de ser uma forma de comunicação muito condensada, capaz de veicular uma mensagem com várias camadas, num simples desenho. Este tipo de formato tem criado celeuma e gerado reações muito graves, que vão de mortes ("Massacre do *Charlie Hebdo*", 2025) a processos contra

cartoonistas (o caso do cartoon sobre polícias na RTP; *Cartoon Sobre Polícia. ERC Considera que RTP Não Violou a Ética nem Ultrapassou Limites*, 2023).

Um formato que os mais novos podem tentar criar é os *memes*, que tem também esse carácter aglutinador da mensagem, bastante mais simplificados, daí ser interessante experimentar criar.

Notícias Inventadas

Podemos afirmar que, em Portugal, o fenómeno das notícias falsas é muito anterior às *fake news*. Pelo menos, no caso do "Inimigo Público", um suplemento satírico que inventa notícias humorísticas (e que está identificado como tal — o objetivo não é enganar ou confundir, mas fazer humor a partir de notícias de atualidade). Tendo começado com o jornal *Público*, mudou para o *Expresso* em 2021, ao fim de cerca de 18 anos. É possível agora acompanhar este projeto de comédia satírica na página deste semanário, que ridiculariza as notícias (reais). Para se compreender a piada é, pois, preciso conhecer o facto que está a ser caricaturado. Uma ótima maneira de ir acompanhando a agenda informativa.

Humor Político Televisivo

Ver um programa como *Isto É Gozar Com Quem Trabalha* pode ser uma ótima oportunidade de rever os factos mais hilariantes que marcaram a semana. Uma vez mais, a propósito do humor, esta pode ser uma forma de os mais novos acompanharem a atualidade. Claro está, com o enfoque na caricatura, mas que poderá levar ao contexto em que a situação se deu.

Rádio

São várias as rubricas humorísticas das rádios, que podem ser ouvidas em direto, sobretudo durante a manhã, ou depois em podcast. Num trabalho realizado sobre os vários programas de humor das principais rádios portuguesas, concluiu-se que esses segmentos satíricos tendem a centrar-se nas temáticas da atualidade política e social (Pereira & Ribeiro, 2015). Novamente, acompanhar esses programas permite, portanto, seguir a realidade com uma perspetiva humorística.

Podcasts

Muitos humoristas têm os seus podcasts online, que são conteúdos geralmente de livre acesso. Por outro lado, tem-se assistido a uma proliferação de podcasts de humor que começaram e vivem exclusivamente online, tendo alguns vindo a gerar sessões ao vivo. Gravar um podcast e disponibilizá-lo online pode ser feito sem grandes recursos tecnológicos, o que torna este formato bastante democrático. Isso pode ser um incentivo para os mais novos lançarem os seus projetos.

Reacts

Os *reacts* são um tipo de vídeo em que o autor (ou autores) se filma a reagir a outros vídeos. Geralmente, caricaturando o vídeo original. Pode ser um programa televisivo, podem ser outros vídeos das redes sociais. Por vezes, acontecem *reacts* ao *react*, formando uma espécie de boneca russa, com várias camadas. Em muitos casos, é fácil identificar o posicionamento (político, por exemplo) de quem faz a reação, ajudando a desmontar as mensagens de outros vídeos.

Segurança Online

Há um tipo de vídeos que mostram pessoas — geralmente criadores de conteúdo — a incomodar os burlões, fazendo-os perder tempo (e a paciência). Neste tipo de conteúdo, também conhecido como *scam the scammers*, podemos assistir aos burlões a "levarem seca". Para além de divertido, ao ver estes vídeos, acaba-se por ajudar a prevenir e evitar tornar-se uma vítima dos burlões, pois ajuda a perceber o tipo de engodo a que muitas pessoas são sujeitas online.

Os *Influencers*

O influenciador tornou-se num ofício a que muitos aspiram. Por um lado, pela vida *instagramável* que se vende; e uma das formas mais eficazes de alertar para as incongruências é, precisamente, por via da caricatura. Por outro lado, há influenciadores que procuram passar valores claramente machistas ou racistas, dirigindo-se sobretudo aos jovens. O humor veiculado em programas como o *Extremamente Desagradável* (Rádio Renascença) tem colocado em evidência o ridículo de tais mensagens e a incongruência desses influenciadores. O humor pode ser, assim, uma forma eficaz de chegar a um público mais jovem.

Marcas

Vale a pena acompanhar alguns canais das redes sociais das marcas. Em alguns casos, reagindo a determinados acontecimentos, usam a atualidade para promover os seus produtos ou serviços, precisamente através do humor. Mostrando, assim, que esta é uma forma eficaz para criar uma ligação com o consumidor.

Referência

Cartoon sobre polícia. ERC considera que RTP não violou a ética nem ultrapassou limites. (2023, 20 de outubro). RTP Notícias. https://www.rtp.pt/noticias/pais/cartoon-sobre-policia-erc-considera-que-rtp-nao-violou-a-etica-nem-ultrapassou-limites_n1523200

Massacre do *Charlie Hebdo*. (2024, 21 de dezembro). In *Wikipedia*. https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_do_Charlie_Hebdo

Pereira, L., & Ribeiro, F. (2015). Rubricas humorísticas das rádios portuguesas como desconstrução da atualidade. *Media & Jornalismo, 15*(27), 125–142. https://doi.org/10.14195/2183-5462_27_6

É Possível Termos Narrativas Transmediáticas nos *Media* Escolares?

https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.30

Pedro Moura

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
https://orcid.org/0000-0003-1807-7447
pedromourarsp@gmail.com

O que São as Narrativas Transmediáticas?

Ainda antes de pensarmos se faz sentido criar narrativas transmediáticas nos meios de comunicação da escola, temos de definir o que é isso da "narração transmediática". Em primeiro lugar, falamos de alguma coisa que está a ser contada — ou não fosse, antes de mais, uma narrativa. Por regra, as narrativas transmediáticas dizem respeito a histórias de ficção, no entanto os seus princípios podem ser aplicados em qualquer forma de narração. E esses princípios têm como base a parte "transmediática" do conceito. Isto é, uma narrativa transmediática é uma história que se desenvolve com recurso a *media* distintos, mas que estão necessariamente em relação. O nível de aprofundamento desta relação pode ser muito variável: uma simples adaptação de um livro para filme pode ser vista como uma narrativa transmediática, já que a mesma história vai ter sempre nuances diferentes por causa das capacidades de cada um destes meios. No entanto, podem ser mais complexas do que isto — e para explicar até onde pode chegar esta complexidade nada melhor do que recorrer a um exemplo muito popular: o Marvel Cinematic Universe (MCU).

O Marvel Cinematic Universe É uma Narrativa Transmediática?

A resposta é sim! Apesar de se dizer cinematográfico, o mundo ficcional da Marvel vai muito além dos filmes. É verdade que estes últimos são as principais referências do MCU, que arrancou oficialmente com o lançamento do filme *Homem de Ferro*, em

2008. No entanto, as personagens e muitos dos enredos que foram adaptados (na totalidade ou só parcialmente) já existiam em vários suportes: da banda desenhada aos videojogos ou desenhos animados. Para além disto, à medida que o MCU foi crescendo, quem o produz (falamos, claro, da Marvel, que é uma das muitas marcas da Disney) aproveitou a popularidade dos filmes para arriscar o desenvolvimento deste universo noutros formatos. Hoje em dia, as séries — de animação ou mais reais — fazem tanto parte do MCU como os filmes.

Mas Qual É a História que Está a Ser Contada no Marvel Cinematic Universe?

Vimos que uma narrativa implica que haja alguma história a ser contada. Mas cada filme ou série do MCU conta, à sua maneira, uma história própria, certo? Sim, é verdade. Portanto, há muitas histórias aqui a serem contadas. A história do MCU é a macro-história formada pela ligação entre as muitas histórias que cada filme ou série (ou qualquer outro meio que contribua) tem. É, por isso, uma história sem princípio, meio e fim, já que pode estar sempre a ser mudada por novos conteúdos.

Como É que Estes Princípios Podem Ser Usados nos Meios da Escola?

De forma mais óbvia, as narrativas transmediáticas mostram que uma história não tem de ser contada sempre da mesma forma. Ou, dito de outro modo, pode ser dividida por vários meios e, sobretudo, que cada um dos meios dá um contributo único para a macro-história que, no fim, se narra. Para simplificar, a palavra escrita permite contar uma história de uma maneira diferente daquela que se faria em vídeo, em podcast ou através de fotografias. O desafio da narração transmediática é, reconhecendo estas diferenças, usá-las para contar uma história de forma mais diversificada, complementar e capaz de chegar a mais pessoas.

Agradecimentos

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto “bYou – Estudo das vivências e expressões dos jovens sobre os media”, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia com a referência PTDC/COM-OUT/3004/2020. DOI: https://doi.org/10.54499/PTDC/COM-OUT/3004/2020.

Nota Conclusiva

Os meios de comunicação escolares têm sido espaços privilegiados de aprendizagem, de expressão, de participação e de exercício da cidadania dentro das escolas. Neste livro, apresentámos diversas experiências que demonstram o potencial transformador dos jornais, rádios e televisões escolares e o seu contributo para a formação crítica e o envolvimento dos alunos no mundo que os rodeia.

Na Parte I desta obra, são apresentadas evidências de como os meios de comunicação escolares são espaços onde os alunos podem experimentar a liberdade de expressão, exercitar a criatividade e desenvolver competências essenciais para o seu percurso pessoal e escolar. São, igualmente, territórios de colaboração, onde professores e estudantes constroem, em conjunto, narrativas que refletem as suas realidades, inquietações e aspirações.

No entanto, também percebemos que os desafios são inegáveis. A falta de tempo de alunos e professores, a instabilidade do corpo docente, a pressão do cumprimento dos programas escolares, a escassez de recursos e a necessidade de um maior envolvimento da comunidade educativa, são obstáculos que, muitas vezes, dificultam o início ou a continuidade destes projetos. Mas, como demonstram os testemunhos e exemplos apresentados no livro, é possível superar estas dificuldades quando há dedicação, entusiasmo e uma visão clara da importância dos *media* escolares para a formação das crianças e dos jovens.

As Partes II e III pretendem contribuir para responder a alguns desses desafios.

A Parte II, ao abordar vários géneros e formatos jornalísticos e ao mostrar o propósito e a singularidade de cada género, procura incentivar o uso de diferentes formas de expressão nos meios escolares. Esta parte mostra que a diversidade de formatos e linguagens jornalísticas permite não apenas relatar factos, mas também interpretar, analisar e dar voz a diferentes perspetivas sobre o mundo.

Na Parte II foi abordado o Código Deontológico do Jornalista, um guia ético essencial que orienta o exercício da profissão e que deve servir também de referência para projetos jornalísticos escolares. A importância de práticas de responsabilização e de transparência foi também matéria de análise, sendo esta uma forma de preparar as crianças e os jovens para um consumo crítico da informação. Foram ainda apresentadas ideias e sugestões práticas para uma maior ligação dos *media* escolares à própria escola, ao currículo e à comunidade envolvente.

Esperamos que os contributos destas duas partes motivem novos projetos, estimulem novas ideias, incentivem novas práticas e ajudem a fortalecer as já existentes, com o compromisso de fazer dos meios de comunicação escolares espaços de liberdade, de criatividade e de cidadania. É nosso intuito que este livro sirva como inspiração para alunos, professores e todos os que acreditam na importância da educação para a comunicação e da literacia mediática na escola.

Num tempo marcado pela velocidade da informação, pela disseminação da desinformação e pelo desafio constante de distinguir factos de opiniões, a literacia mediática assume-se como um pilar fundamental para a construção de cidadãos críticos, responsáveis e informados. A experiência de participar em projetos jornalísticos na escola pode permitir aos alunos o desenvolvimento destas competências. O jornalismo escolar pode e deve ser um espaço onde os alunos aprendem a questionar, a pesquisar, a narrar histórias e a dar voz a temas que os preocupam e interessam. Pode ser um meio de levar o mundo para a escola, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico, significativo e envolvente.

Por tudo isto, acreditamos que faz sentido reforçar e expandir estas iniciativas.

Glossário

Agência de comunicação — a maior parte das grandes empresas ou entidades (seja um museu, um ministério ou uma universidade) tem o seu próprio gabinete de imprensa ou comunicação. Empresas ou entidades pequenas ou médias, onde não há recursos para ter um gabinete próprio ou onde não há um volume de atividade que o justifique, recorrem muitas vezes a agências de comunicação, onde trabalham assessores de imprensa que as ajudam a delinear uma estratégia de comunicação de modo a garantir que têm presença nos media de uma forma que as beneficia e promove o seu trabalho. Todos os dias, chegam várias dezenas de comunicados de imprensa às redações dos grandes jornais, rádios e televisões. Depois de uma seleção e de um tratamento jornalístico, o assunto de muitos desses comunicados acaba por transformar-se em notícia. (Ver também assessor de imprensa)

Agência de notícias — há quem olhe para as agências de notícias (podem ser governamentais, privadas, públicas, público-privadas) como "supermercados", cujos "clientes" são sobretudo órgãos de comunicação social — jornais, rádios, televisões, portais. A metáfora transmite a enorme quantidade de notícias de todos os tipos que estas agências conseguem captar, trabalhar e distribuir diariamente aos seus subscritores, graças a uma rede de correspondentes de dimensão significativa e bem distribuída geograficamente. Os *media* que recebem as notícias das agências podem usá-las tal como chegam à redação ou reescrevê-las, servir-se delas para trabalhar um assunto em maior profundidade ou a partir de outro ângulo.

As grandes agências de notícias internacionais, como a Reuters ou a Associated Press têm correspondentes a cobrir todos os pontos do mundo. A principal agência noticiosa portuguesa é a Lusa. Os seus mais de 200 jornalistas escrevem, em média, mais de 500 notícias diárias.

Assessor de imprensa — por norma, o local de trabalho de um assessor de imprensa é ou o departamento de imprensa/comunicação de uma empresa/entidade, ou uma agência de comunicação. Este profissional tem como função promover essa empresa/entidade (ou um seu produto, serviço, informação ou mesmo um profissional) junto dos órgãos de comunicação social, de modo a conseguir que aquilo que está a promover (ou quem, no caso de se tratar de uma pessoa) tenha destaque nos *media*. Enquanto o jornalista tem o dever de ser imparcial e deve apresentar os vários lados de uma questão, o assessor de imprensa não tem essa obrigação. A função do

assessor é a de levar o jornalista a interessar-se pelo tema, convencê-lo a publicar uma notícia favorável à empresa ou entidade que representa, oferecendo apenas o ponto de vista desta. Os assessores de imprensa enviam periodicamente comunicados ou notas de imprensa aos jornalistas e organizam conferências de imprensa para cumprirem os seus objetivos. Contactam, também, diretamente os jornalistas — por telefone, email ou mesmo marcando um encontro presencial — com a proposta de uma história a tratar ou de um ângulo específico para abordar determinado assunto. Outra das funções do assessor de imprensa consiste em ler os *media* de forma sistemática para identificar eventuais riscos à reputação da organização que representa e, nesse caso, tomar decisões sobre como reagir. (Ver também comunicado de imprensa, conferência de imprensa e jornalista)

Cacha — na gíria jornalística, esta palavra designa uma notícia dada em exclusivo. Todos os jornalistas gostam de conseguir uma "cacha", de serem os primeiros a dar uma notícia.

Comunicado de imprensa (*press release*) — consiste num texto (muitas vezes acompanhado também de imagens), que é enviado por um assessor de imprensa às redações e/ou aos jornalistas, com o intuito de promover um acontecimento, uma informação, um produto ou um serviço realizado pela entidade para a qual trabalha (empresa, governo, instituição, etc.), de modo a que os jornalistas se interessem pelo assunto em questão e lhe deem visibilidade, convertendo-o numa notícia. (Ver também assessor de imprensa, agência de comunicação e conferência de imprensa)

Conferência de imprensa — é um evento, organizado por assessores de imprensa ou agências de comunicação, realizado com o intuito de convocar os jornalistas para lhes prestar informação e/ou esclarecimentos sobre um assunto específico, ou para lhes apresentar uma determinada iniciativa, serviço ou produto. Nestas conferências, há sempre um ou mais intervenientes que vão falar aos jornalistas e que, por norma, no final, se colocam à disposição dos mesmos para responder a questões e dúvidas que lhes queiram colocar. (Ver também assessor de imprensa, agência de comunicação e comunicado de imprensa)

Cruciverbalista — pessoa que cria palavras-cruzadas. A atividade de criar palavras-cruzadas para os outros fazerem designa-se por cruciverbalismo.

Editoria — as redações dos meios de comunicação jornalísticas são, regra geral, constituídas por várias secções, as chamadas "editorias", que têm um(a) editor(a) responsável. Cada editoria tem um conjunto de jornalistas a trabalhar para ela. As editorias e respetiva designação podem variar de um jornal para outro. Alguns exemplos de editorias comuns a vários órgãos de comunicação são: Política (ou Nacional), Local, Sociedade, Mundo (ou Internacional), Economia, Cultura, Desporto.

Editorial — assinado pelo diretor ou por outro membro da direção do jornal (como o diretor-adjunto ou o subdiretor), o editorial é um texto que não costuma ser muito longo, onde se aborda um acontecimento de atualidade ou uma notícia/reportagem/entrevista integrada na edição do jornal em que é publicado. Essa abordagem é feita

de uma forma opinativa. Ao ler o editorial, os leitores esperam encontrar a "voz", o ponto de vista do jornal sobre os assuntos mais importantes que marcam a agenda mediática. A opinião expressa no editorial deve ser bem fundamentada, esclarecer quem lê, oferecer uma análise bem feita e completa que possa orientar os leitores na formação da sua própria opinião. Trata-se, por isso, de uma parte nobre de qualquer jornal.

Fontes jornalísticas — nome dado às pessoas ou aos documentos (fontes humanas ou documentais) a que os jornalistas recorrem para obter a informação que vão depois verificar, tratar e converter num formato jornalístico. Em rigor, refira-se que nem sempre são os jornalistas a recorrer às fontes. As fontes humanas podem dirigir-se aos jornalistas ou fazer-lhes chegar, identificando-se ou de forma anónima, informação ou documentos de vária ordem para que este se interesse por um assunto/tema e o investigue.

Jornalista — a Lei n.º 1/99, de 01 de Janeiro, cuja versão mais recente data de 2007[1], estabelece o Estatuto do Jornalista e oferece uma definição da profissão. Segundo o Artigo 1.º desta lei, jornalista é aquele que exerce "funções de pesquisa, recolha, seleção e tratamento de factos, notícias ou opiniões, através de texto, imagem ou som, destinados a divulgação, com fins informativos, pela imprensa, por agência noticiosa, pela rádio, pela televisão ou por qualquer outro meio eletrónico de difusão". (Ver também assessor de imprensa, notícia).

Literacia para as notícias — segundo a definição do Reuters Institute, ser alfabetizado do ponto de vista jornalístico significa conhecer a forma como as notícias são produzidas: quem as faz, como são selecionadas, como são financiadas. A literacia para as notícias tem vindo a ganhar maior importância nos últimos anos devido a uma maior facilidade de difusão de desinformação (as chamadas "notícias falsas" — um oximoro, já que as notícias são por natureza verdadeiras) graças aos meios digitais. Ser alfabetizado jornalisticamente capacita as pessoas para melhor se protegerem e combaterem a desinformação: torna-as mais capazes de identificarem a veracidade de uma mensagem, de compreenderem a diferença entre factos e opiniões e, portanto, faz com que sejam menos permeáveis a manipulações e teorias da conspiração.

Media — apoiando-se na definição do termo feito pela historiadora Lisa Gitelman no livro *Always Already New: Media, History and the Data of Culture*, Henry Jenkins (2006)[2] explica que os *media* podem ser considerados a partir de dois prismas: por um lado, como tecnologias que tornam possível a comunicação e, por outro, como um conjunto de práticas sociais e culturais que crescem em torno dessa tecnologia.

Notícias falsas (*fake news*) — histórias falsas criadas em formato de notícia com o objetivo de enganar o leitor ou o telespetador. Têm como objetivo a desinformação e a propaganda, usando a mentira ou a técnica do *clickbait* para se disseminarem de forma viral nas plataformas sociais online.

---

1 Lei n.º 1/99, de 01 de Janeiro, Diário da República n.º 10/1999, Série I-A de 1999-01-13. (1999). https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=136&tabela=leis.

2 Jenkins, H. (2006). *Convergence culture – Where old and new media collide*. New York University Press.

Para a Entidade Reguladora para a Comunicação Social (2009)[3], trata-se de "toda a informação comprovadamente falsa ou enganadora que é criada, apresentada e divulgada para obter vantagens económicas ou para enganar deliberadamente o público, e que é suscetível de causar um prejuízo público" (p. 2) como ameaças aos processos políticos democráticos, à proteção da saúde, ambiente ou segurança.

O uso da expressão *fake news* (notícias falsas) é, no entanto, questionável, uma vez que as notícias são por natureza verdadeiras. Ao escrever a notícia, o jornalista segue um código deontológico que o compromete na busca pela verdade. A expressão *fake news* é, portanto, um oximoro ou um paradoxo.

Pós-verdade — a palavra descreve situações em que apelos à emoção ou a crenças pessoais contribuem mais para a formação da opinião pública do que factos e dados objetivos. "Pós-verdade" foi considerada a palavra do ano pela Oxford Dictionaries em 2016, tendo a escolha sido justificada por um pico de utilização da palavra na sequência de dois momentos marcantes: o referendo realizado no Reino Unido que determinou o Brexit e as eleições presidenciais norte-americanas desse ano, em que Donald Trump venceu Hillary Clinton.

Provedor — um provedor é sempre alguém que tem por missão a defesa dos direitos, liberdades e garantias dos cidadãos. Há vários tipos de provedor, que vão desde o provedor de justiça (um órgão do Estado) ao provedor do estudante (instituído por algumas universidades), passando pelo provedor do cliente (presente em algumas empresas). Alguns órgãos de comunicação social têm também um provedor — do leitor, no caso dos jornais; do ouvinte, no caso da rádio; do telespectador, na televisão.

Centrando-nos no caso do provedor do leitor, a sua principal função é a de receber as críticas e questões enviadas pelos leitores de um determinado jornal e analisá-las à luz dos códigos de ética e deontologia do jornalismo. Para dar resposta aos leitores, o provedor quase sempre pede esclarecimentos à direção do jornal, aos editores ou aos jornalistas visados em determinada crítica. No final, apresenta uma tomada de posição que é publicada na sua coluna nas páginas do jornal. Ao exercer a sua função, o provedor do leitor oferece, por norma, uma interessante visão sobre o funcionamento dos *media* noticiosos, invocando muitas vezes a teoria jornalística.

No mundo, o primeiro provedor do leitor surgiu em 1967 nos Estados Unidos. Em Portugal, a estreia desta figura aconteceu num jornal desportivo, o *Record*, em agosto de 1992, com David Borges. Nos jornais generalistas, esta figura só apareceu por cá em 1997, no *Diário de Notícias*, tendo ocupado o lugar o jornalista Mário Bettencourt Resendes.

Redação — nome dado ao local (espaço físico) onde os jornalistas trabalham ou ao conjunto de jornalistas de um determinado órgão noticioso. Uma redação está por norma dividida em editorias ou secções, sendo que cada uma tem um editor a chefiá-la.

---

3 Entidade Reguladora para a Comunicação Social. (2019). *A desinformação - Contexto europeu e nacional*. ERC. https://www.parlamento.pt/Documents/2019/abril/desinformacao_contextoeuroeunacional-ERC-abril2019.pdf.

Sensacionalismo — referindo-se à qualidade do que é sensacional, o termo é aplicado às notícias (ou a empresas jornalísticas) que apostam em temas, como o crime, os desastres ou o escândalo, que causam sensação e despertam a atenção do público, aproximando as notícias do entretenimento e concorrendo com este na busca por audiências. Por norma, a informação sensacionalista sobrepõe os interesses comerciais aos valores noticiosos. Termos como "tabloidismo" e "infotainment" designam este mesmo padrão noticioso.

Soundbite — é uma pequena declaração feita por alguém (geralmente um político) que, de forma sintética e simples, expressa uma mensagem clara no meio de um discurso. Os políticos tentam muitas vezes produzir *soundbites* com o intuito de os verem reproduzidos nas notícias de imprensa, rádio e televisão, garantindo eficácia na comunicação (ou seja, que a mensagem é recebida, compreendida e retida facilmente pelo destinatário), num momento em que o excesso de informação faz com que seja cada vez mais difícil passar uma mensagem. Numa entrevista para a imprensa escrita, por exemplo, o *soundbite* é muitas vezes escolhido pelo jornalista para título da mesma, colocando essa frase entre aspas. No artigo de Miguel Gaspar (2014)[4], publicado no jornal *Público*, de 25 de abril de 2009, recorda-se um *soundbite* famoso. O antigo Presidente da República Jorge Sampaio, no discurso do 25 de Abril de 2003, disse a certa altura "há vida para além do Orçamento". A frase teve grande repercussão mediática e foi entendida como um recado para o então Primeiro-Ministro Durão Barroso, que tinha assumido como prioridade o combate ao défice orçamental.

Valores-notícia — os critérios que os jornalistas usam para decidir, de entre todos os acontecimentos, aqueles que constituem notícia designam-se por "valores-notícia". Alguns exemplos de valores-notícia são a atualidade, o extraordinário, a notoriedade das pessoas envolvidas ou a proximidade geográfica de um acontecimento. A negatividade é também muitas vezes um valor-notícia, como o comprovam as máximas jornalísticas *bad news is good news* (más notícias são boas notícias) ou *if it bleeds, it leads* (em tradução livre, se sangra, faz manchete).

Vox pop — em jornalismo, esta expressão que vem do latim (*Vox Populi*, ou seja, voz do povo), refere-se às entrevistas que são feitas pelos jornalistas a pessoas anónimas, num lugar público, sobre um determinado assunto. São geralmente entrevistas muito curtas, que pretendem sondar a opinião pública sobre um determinado tema.

Este glossário foi originalmente escrito para o Plano Nacional de Leitura no âmbito do projeto PICCLE — Plano de Intervenção Cidadãos Competentes em Leitura e Escrita. Estas entradas encontram-se disponíveis online em https://piccle.pnl2027.gov.pt/glossario.

4 Gaspar, M. (2014, 23 de junho). *Há vida para além do* soundbite*?* Ciberdúvidas. https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/ha-vida-para-alem-do-soundbite/2984.

Recursos

Atividades Sobre Jornalismo Para Realizar Com Alunos

Reúne-se, em seguida, um conjunto de atividades pensadas para serem desenvolvidas com alunos ou turmas de modo a abordar várias questões relacionadas com o jornalismo.

Ler o Jornal com Olhos de Artista*

- https://milobs.pt/recurso/ler-o-jornal-com-olhos-de-artista/
- Facilitar o contacto sensorial com o objeto jornal e revista.

Quiz: Quem Quer Ser Jornalista?*

- https://milobs.pt/recurso/quem-quer-ser-jornalista/
- Teste de conhecimentos sobre questões essenciais do jornalismo.

Conhecer os Cantos à Redação… e ao Jornal*

- https://milobs.pt/recurso/conhecer-os-cantos-a-redacao-e-ao-jornal/
- Conhecer a estrutura de um jornal, os vários profissionais envolvidos na sua produção, as dinâmicas de uma redação e os géneros jornalísticos.

Uma Redação na Sala de Aula*

- https://milobs.pt/recurso/uma-redacao-na-sala-de-aula/
- Promover um olhar jornalístico sobre a escola.

Concordo/Não Concordo: Pensar o Jornalismo*

- https://milobs.pt/recurso/concordo-nao-concordo/
- Compreender a importância da literacia para as notícias, refletindo sobre os limites do jornalismo.

Conta-me Como Foi!*

- https://milobs.pt/recurso/conta-me-como-foi/
- Trabalhar a entrevista; desenvolver as capacidades de atenção, de escuta e de observação.

"Ler Jornais É Saber Mais"*

- https://milobs.pt/recurso/ler-jornais-e-saber-mais/
- Incentivar a leitura de jornais e revistas, a escuta de noticiários e outros programas de informação radiofónicos e televisivos.

Um Assunto, Diferentes Ângulos de Abordagem**

- https://milobs.pt/recurso/um-assunto-diferentes-angulos-de-abordagem/
- Compreender que um mesmo assunto pode ser abordado de diferentes ângulos; perceber que as notícias são uma construção e não um espelho da realidade.

Os *Media* e a Representação de Diferentes Grupos Sociais**

- https://milobs.pt/recurso/os-media-e-a-representacao-de-diferentes-grupos--sociais
- Compreender que, ao representarem a realidade, as mensagens mediáticas influenciam a forma como olhamos para certos grupos sociais.

Pode uma Boa Imagem Salvar o Mundo?**

- https://milobs.pt/recurso/pode-uma-boa-imagem-salvar-o-mundo/
- Perceber a influência do fotojornalismo na forma como olhamos e intervimos no mundo.

Lê o Mapa, Descobre a Notícia**

- https://milobs.pt/recurso/le-o-mapa-descobre-a-noticia/
- Perceber o que são fontes de informação; saber o que é a globalização e entender como encurta o tempo e o espaço.

Prós & Contras*

- https://milobs.pt/recurso/pros-contras/
- Compreender a importância de estar informado sobre os dois lados de uma questão; desenvolver uma atitude de respeito pelas opiniões e pontos de vista dos outros.

Um Dia Sem Notícias*

- https://piccle.pnl2027.gov.pt/atividades/621
- Incentivar o contacto com a informação noticiosa e ajudar a compreender o papel das notícias na vida de cada um e na vida em sociedade; compreender que o jornalismo não é um espelho, mas sim uma representação da realidade.

Facto ou Opinião?*

- https://milobs.pt/recurso/facto-ou-opiniao/
- Compreender a diferença entre factos e opiniões, a importância de saber distingui-los e aprender estratégias que ajudam a fazê-lo; compreender a existência de diferentes fontes de informação com diferentes graus de fiabilidade.

E Se o Jornalista Fosses Tu, o que Farias?*

- https://milobs.pt/recurso/e-se-o-jornalista-fosse-tu-o-que-farias/
- Compreender que os jornalistas têm um código deontológico, a que devem obedecer no exercício da profissão e que isso diferencia o jornalismo de outras formas de comunicação.

Visto à Lupa: Publicidade e Assessoria de Imprensa*

- https://milobs.pt/recurso/visto-a-lupa-publicidade-e-assessoria-de-imprensa/
- Conhecer os códigos de ética e deontologia que regem o exercício do jornalismo e refletir sobre situações concretas.

Os Donos Disto Tudo*

- https://milobs.pt/recurso/os-donos-disto-tudo/
- Refletir sobre as consequências da concentração mediátca para a existência de um jornalismo livre e plural

Tipos de Notícias Falsas — Como identificar?**

- https://milobs.pt/recurso/tipos-de-noticias-falsas-como-identificar/
- Compreender as várias faces da desinformação e aprender a identificar notícias falsas

(*) *Atividades originalmente desenvolvidas para o do Plano Nacional de Leitura no âmbito do projeto PICCLE — Plano de Intervenção Cidadãos Competentes em Leitura e Escrita, do Plano Nacional de Leitura; https://piccle.pnl2027.gov.pt/glossario.*

(**) *Atividades originalmente desenvolvidas para o projeto MILOBs — Observatório sobre Media, Informação e Literacia; https://milobs.pt/.*

Outros Recursos

Dados Estatísticos

Há dois sites a que podes recorrer para consultar dados estatísticos sobre diversas áreas:

- Um é o do Instituto Nacional de Estatística: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main.
- O outro é o da Pordata, da Fundação Francisco Manuel dos Santos: https://www.pordata.pt/pt.

Para dados estatísticos relacionados com a Educação e Ciência poderá ser-te útil consultar o site da Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência: https://www.dgeec.medu.pt/.

Se tiveres dificuldade em encontrar o que procuras, lembra-te que tens sempre a possibilidade de enviar um email ou telefonar para o Gabinete de Imprensa das várias entidades e pedir ajuda para obteres a informação de que necessitas.

"Que Número É Este?" — Um Guia Sobre Estatísticas Para Jornalistas

Da autoria de Ricardo Garcia, Maria João Valente Rosa e Luísa Barbosa, este livro assume-se como um manual de consulta rápida e pretende ajudar os jornalistas a escrever sobre dados estatísticos, evitando erros comuns e aprendendo a "interrogar os números". O livro é editado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos: https://www.pordata.pt/sites/default/files/2024-07/que-numero-e-este.pdf.

Livro de Estilo da Agência Lusa

Se colaboras com um jornal ou revista escolar, de certeza que já te aconteceu, enquanto escrevias, pensar se determinada palavra se escreve com maiúscula ou minúscula, se deve estar em itálico, se deves assinar no início ou no fim do texto, se podes ou não colocar um link para uma página na internet. Um Livro de Estilo é um guia precioso para quem trabalha numa redação. Ajuda a que os jornalistas saibam as regras que devem seguir na elaboração do seu trabalho para que haja uma uniformização no resultado. E vai muito além de questões formais que usámos como exemplo. O Livro de Estilo da Lusa pode servir de guia ou de inspiração para, em conjunto com os teus colegas, fazeres um para o teu meio de comunicação escolar: https://www.lusa.pt/about-lusa/Livro-de-Estilo.

Jovens Repórteres Para o Ambiente

Trata-se de um programa internacional, iniciativa da Fundação para a Educação Ambiental, que tem como parceira, em Portugal, a Associação Bandeira Azul de Ambiente e Educação. O objetivo é, a partir do jornalismo, e nomeadamente do jornalismo ambiental, levar jovens dos 11 aos 21 anos a desenvolverem uma cidadania ativa e participativa. O programa realiza concursos, seminários, missões, entre outras iniciativas, em que as escolas ou os alunos inscritos podem participar: https://jra.abaae.pt/.

Repórteres em Construção

Embora esta plataforma seja pensada sobretudo para estudantes do ensino superior na área do Jornalismo — e seja um espaço colaborativo entre estes, professores de Jornalismo e jornalistas —, ela pode interessar também a estudantes mais jovens envolvidos em *media* escolares e servir-lhes de inspiração. O site publica trabalhos realizados por estudantes de Jornalismo de todo o país e tem também ferramentas úteis, como o Livro de Estilo do Repórteres em Construção ou o Manual de Reportagem do Repórteres em Construção; https://www.reporteresemconstrucao.pt/.

Manual: *Comunicar com Linguagem Neutra — Promovendo a Igualdade Entre Homens e Mulheres*

Uma citação que se encontra neste manual reza assim: "é com palavras que se pensa. É com palavras que se existe. Ou não. E as palavras ocultam-nos, excluem-nos, ou tornam-nos visíveis, e fazem-nos existir" (p. 6). Esta publicação resulta de um projeto desenvolvido pela Câmara Municipal de Valongo, o *Fazer Ondas*, que se ocupa da promoção da igualdade de género. Foi cofinanciado pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género e, apesar de ter sido feito a pensar nas trabalhadoras e nos trabalhadores do município, tem dicas úteis a todos os que querem evitar a discriminação de género ao comunicar. Escrito de uma forma simples, o manual é de consulta fácil e apresenta vários exemplos concretos de como tornar a linguagem mais neutra e inclusiva. Exemplos? Utilizar "a classe política" em vez de "os políticos", "a/o aluna/o" em vez de "os alunos"; https://www.cm-valongo.pt/cmvalongo/uploads/writer_file/document/6509/manual_de_linguagem_neutra.pdf.

Manual de Periodismo Sobre la Niñez y Adolescencia

A UNICEF Panamá publicou em 2019 um guia para auxiliar os jornalistas a darem um tratamento mais respeitoso e rico à infância e à juventude. Nele se explica, por exemplo, que as crianças não devem ser tratadas por "menores" e que devem ser ouvidas nos trabalhos jornalísticos que lhes digam respeito. O trabalho procura, ainda, sensibilizar os jornalistas para o contributo positivo que podem dar na promoção dos direitos das crianças; https://www.unicef.org/panama/media/2131/file/MANUAL%20DE%20PERIODISMO%20SOBRE%20LA%20NI%C3%91EZ%20Y%20ADOLESCENCIA.pdf.

A Deficiência na Comunicação Social — Guia de Boas Práticas Para Jornalistas

À imagem do que acontece em vários países, Portugal tem também, desde 2012, um guia elaborado com o objetivo de ajudar os jornalistas a abordar da melhor forma as questões relacionadas com a deficiência. O trabalho está dividido em quatro grandes questões: aspetos básicos a ter em conta; mitos em torno da deficiência; na prática, como lidar com pessoas com deficiência; a deficiência nos *media* — indicações para jornalistas. Fornecem-se informações práticas, por exemplo, sobre como falar sobre deficiência (não se deve usar o termo "invisual", mas sim "cego" ou "pessoa cega"; "amblíope" é também de evitar, sendo mais correto optar por "pessoa com baixa visão"). O guia foi feito pela equipa do programa *Contigo*, que foi exibido na RTP2, e que propunha uma forma diferente de se olhar para a diferença; https://www.deficienciavisual.pt/txt-deficiencia-boas_praticas_jornalistas.htm.

Jornais do Dia

É uma forma rápida e gratuita de teres todos os dias um panorama sobre o que se está a passar no país e no mundo. Sendo um site, é possível também subscrever uma *newsletter* e receber todos os dias no email os títulos das principais notícias publicadas em cada jornal e semanário português de âmbito nacional, com o respetivo link para as mesmas, além da imagem de capa; https://jornaisdia.eu/.

Freedom Forum — Capas da Imprensa Mundial

Esta fundação norte-americana, que tem por missão promover as liberdades previstas na Primeira Emenda, apresenta todos os dias no seu site as primeiras páginas de 574 jornais de todo o mundo; https://frontpages.freedomforum.org/.

Noesis — Notícias da Educação

A Direção-Geral de Educação publica todos os meses um boletim de notícias. Podes consultar a Noesis no site ou subscrevê-la, nessa mesma página, deixando o teu endereço de correio eletrónico. Passas, assim, a ter conhecimento de um conjunto de eventos, iniciativas, projetos ou publicações que podem ter interesse para divulgares no meio de comunicação escolar ou que te podem dar ideias para trabalhos a realizar; https://www.dge.mec.pt/noticias/noesis-noticias-da-educacao-90.

Repórteres Sem Fronteiras

O site da organização internacional criada para defender e promover a liberdade de imprensa, Repórteres Sem Fronteiras, é um excelente recurso para trabalhar questões relacionadas com a liberdade de imprensa e a censura jornalística. Além de publicar todos os anos um relatório sobre o estado da liberdade de imprensa em 180 países, o site publica artigos que permitem por exemplo saber quem são os maiores "predadores da liberdade de imprensa", chefes de Estado e de Governo que mais tentam limitar os direitos e garantias dos jornalistas; faz balanços de assassínios de jornalistas; conta histórias de jornais que, por pressões várias, foram obrigados a encerrar; https://rsf.org/pt.

Media Lab — *Jornal de Notícias* (online ou presencial)

Desde 2010 que o Media Lab do *Jornal de Notícias* aproxima crianças e jovens de todos os ciclos de ensino das rotinas da redação de um jornal. Além de terem a oportunidade de visitar as redações do *Jornal de Notícias* e da TSF, os alunos podem escolher participar numa série de *workshops* que o projeto disponibiliza: "Faz a Tua 1ª Página", "Noticiário Rádio TSF", "Redação do Séc. XXI Para os Mais Novos", "Redação do Séc. XXI", "Trabalhar em Editorias" e "Distribuição em Redes Sociais"; https://jn.medialabedu.org/.

News Museum (online ou presencial)

Neste museu, localizado no centro histórico de Sintra (Lisboa), embarca-se numa viagem por episódios recentes da história nacional e mundial, a partir da cobertura jornalística feita dos mesmos. Há 16 módulos temáticos para explorar, alguns interativos. Neles aborda-se, por exemplo, a evolução da atividade jornalística e recordam-se alguns dos maiores nomes do jornalismo. Pode assistir-se a depoimentos de conceituados repórteres portugueses, patrões de *media*, historiadores e descobrir as diferenças (inúmeras) entre antigos e atuais equipamentos de rádio, televisão e agências noticiosas. O museu é detido por uma entidade sem fins lucrativos, presidida pelo consultor de comunicação Luís Paixão Martins e, apesar do nome, abarca campos mais vastos da comunicação, como a propaganda ou a indústria de relações públicas; https://www.newsmuseum.pt/.

MILObs — Observatório Media, Informação e Literacia

Observatório do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, que acompanha, monitoriza e divulga o que se faz no domínio da educação para os *media*, em Portugal e no estrangeiro, ao mesmo tempo que promove a literacia mediática junto dos diferentes setores da sociedade. No site do *MILObs* encontram-se notícias, documentos, legislação e uma série de recursos, muitos deles relacionados com o Jornalismo; http://milobs.pt/.

PICCLE — Plano de Intervenção Cidadãos Competentes em Leitura e Escrita

Nesta plataforma criada pelo Plano Nacional de Leitura, encontras uma série de recursos, propostas de atividades, estudos e projetos de intervenção, reunidos ou elaborados por especialistas nas áreas da leitura, escrita, *media*, informação e digital. Não sendo centrado apenas no jornalismo, tem também diversos materiais úteis a quem trabalha em projetos de jornalismo escolar; https://piccle.pnl2027.gov.pt/.

Crianças e Adolescentes Online

Sendo uma plataforma dirigida sobretudo a famílias e profissionais que trabalham com crianças e jovens, a sua consulta pode ser interessante para estares a par do que se discute sobre a relação da juventude com os *media* digitais. O Crianças e Adolescentes Online (CriA.On) é dinamizado por investigadores que fazem investigação nesta área e disponibiliza, além de uma agenda de eventos, textos, vídeos e podcasts sobre os *media* digitais, propostas de atividades e recursos vários; https://criaon.fcsh.unl.pt/.

Notas Biográficas

Sara Pereira é professora associada com agregação do Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Ciências da Comunicação, e investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. Em 2020 realizou provas de agregação em Ciências da Comunicação e em 2004 doutorou-se em Estudos da Criança, especialização de Educação para os *Media*, na Universidade do Minho. Leciona nas áreas de públicos e audiências dos media e da literacia para os *media*. Tem como principais áreas de investigação as crianças, os jovens e os *media*; os direitos de expressão e de participação de crianças e jovens; literacia para os *media*; e públicos e práticas mediáticas. Tem coordenado vários projetos nacionais e europeus e é autora de diversas publicações nestas áreas. Atualmente é IR do projeto bYOU – *Estudo das Vivências e Expressões de Crianças e Jovens Sobre os Media*, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/COM-OUT/3004/2020). Foi diretora do Departamento de Ciências da Comunicação entre 2013 e 2019 e diretora do mestrado em Comunicação, Cidadania e Educação entre 2010 e 2015. É co-coordenadora do *MILObs – Observatório sobre Media, Informação e Literacia*. Preside ao Conselho do Plano Nacional de Literacia Mediática.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9978-3847

Email: sarapereira@ics.uminho.pt

Daniel Brandão é professor auxiliar no Departamento de Ciências da Comunicação do Instituto de Ciências Sociais - Universidade do Minho, é também investigador integrado do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade e colaborador do ID+. Licenciado em Design de Comunicação (2004), mestre em Arte Multimédia (2008) e doutorado em *Media* Digitais, na especialidade de Criação Audiovisual e de Conteúdos Interativos, pela Universidade do Porto (2014). No âmbito do doutoramento desenvolveu o projeto *Museu do Resgate* (https://www.museudoresgate.org), um website participativo com vídeos feitos por cidadãos sobre o quotidiano da cidade. É também um dos coordenadores do *Citadocs*, um projeto de realização colaborativa de mini-documentários, nascido no Futureplaces Medialab for Citizenship. Tem 10 anos de experiência de docência no ensino superior público e privado, nas áreas do design de comunicação, do audiovisual e da multimédia. Passou pelo Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, Escola Superior Artística do Porto, Escola Superior de Artes e Design-Matosinhos, Universidade Católica Portuguesa-Braga. Trabalhou com

diversas instituições na área da cultura, com particular destaque para a Fundação de Serralves com a qual colaborou durante seis anos.

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6331-0354

Email: danielbrandao@ics.uminho.pt

Joana Fillol é jornalista e investigadora. Trabalhou 10 anos na revista *Visão* e na *Visão Júnior*. Desta experiência surgiu a ideia de criar um site de informação noticiosa para jovens, o Jornalíssimo, que teve uma rubrica semanal no *Jornal 2* da RTP. Este projeto levou-a à Universidade do Minho, onde está a concluir o doutoramento em Ciências da Comunicação, como bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Aí, no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, tem vindo a investigar temas relacionados com as crianças, os jovens, a literacia para os *media* e a literacia para as notícias. É colaboradora do *MILObs* (Observatório sobre Media, Informação e Literacia), foi coautora do primeiro programa radiofónico de educação para os *media* em Portugal, o *Ouvido Crítico*, na Antena 1, colaborou com o projeto PICCLE do Plano Nacional de Leitura e recebeu, recentemente, uma bolsa IMFAHE que lhe permitiu fazer um estágio de três meses no Emerson College, em Boston, nos Estados Unidos.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8577-7809

Email: joanafillol@gmail.com

CECS
centro de estudos
de comunicação
e sociedade

Este livro parte do reconhecimento dos meios de comunicação escolares como espaços privilegiados para dar voz a crianças e jovens e promover a literacia mediática em contexto educativo. Com base num estudo desenvolvido em 12 escolas do ensino básico e secundário, no âmbito do projeto *bYou*, analisa-se o papel destes meios na promoção da participação, da expressão e da aprendizagem crítica sobre os *media* e sobre o mundo. A obra reúne ainda um conjunto de estratégias para fomentar e diversificar a abordagem jornalística nos *media* escolares, bem como diversas propostas e recursos para a sua dinamização. Os *media* escolares são aqui apresentados como laboratórios de cidadania, capazes de contribuir para uma escola mais democrática, inclusiva e preparada para os desafios da era digital.

ISBN 978-989-9074-75-0
9 789899 074750 >

UMinho Editora

Universidade do Minho